



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ – UECE
CENTRO DE HUMANIDADE – CH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**REPRESENTAÇÕES DA PASSAGEM DA COLUNA
PRESTES NO SERTÃO CEARENSE.**

Alex Alves de Oliveira

**FORTALEZA – CEARÁ
2011**

ALEX ALVES DE OLIVEIRA

REPRESENTAÇÕES DA PASSAGEM DA COLUNA PRESTES NO
SERTÃO CEARENSE.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em História, na área de concentração em História e Culturas.

Orientador: Prof. Dr. Altemar da Costa Muniz.

FORTALEZA – CEARÁ
2011

O48r

Oliveira, Alex Alves de

Representações da passagem da coluna prestes no sertão cearense / Alex Alves de Oliveira. — Fortaleza, 2011.

195 p.: il.

Orientador: Prof. Dr. Altemar da Costa Muniz.

Dissertação (Mestrado Acadêmico em História e Culturas) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

Área de concentração: História e Culturas.

1. Coluna Prestes. 2. Representações. 3. Memórias. 4. Oralidade. I. Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

CDD: 981.05

ALEX ALVES DE OLIVEIRA

REPRESENTAÇÕES DA PASSAGEM DA COLUNA PRESTES NO
SERTÃO CEARENSE.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em História, na área de concentração em História e Culturas.

Orientador: Prof. Dr. Altemar da Costa Muniz.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Altemar da Costa Muniz.

Universidade Estadual do Ceará – UECE

Prof. Dr. William James Mello

Universidade Estadual do Ceará – UECE

Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá

Universidade Estadual do Ceará – UECE

À memória de Pedro Demontier (Tiê), meu querido pai, que em vida, tanto prezou pelos meus estudos e à Terezinha, minha amável avó, tão bela como uma flor de pequi, por sempre me guardar nas suas orações.

AGRADECIMENTOS

A tantos seres iluminados que já não cabem no planeta. Porém, vamos às pormenorizações. Sinceros agradecimentos;

À Maria Ilma, minha mãe, luz dos meus olhos. É tanto querer bem a senhora! (suspiros).

Aos meus irmãos Alysson, Sally e Arlan que sempre estiveram comigo, ao meu tio Darlan, à minha sobrinha Ruana e à Cássia e aos meus parentes do Pará (especialmente a prima Thátilla) que enviaram, constantemente, energias positivas.

À Universidade Regional do Cariri, minha segunda casa. Lá encontrei pessoas fantásticas que me fizeram expandir. Sincero carinho ao Prof. Bendimar, Prof. Fábio José, Prof.^a Otonite Cortez, Prof.^a Maria Otília, Prof.^a Francisca Ancelmo, Prof.^a Zuleide, Prof.^a Claudia Rejane, Prof. Nuno Gonçalves, Prof.^a Telvira, Prof.^a Marinalva, as funcionárias Telma e Relva e, especialmente, a Prof.^a Rúbia Micheline por me motivar e orientar no campo da pesquisa. Saudades de um tempo que eu passava o dia entre aulas, salas, laboratórios, biblioteca, corredores e grupos de estudo.

Aos companheiros e colegas do movimento estudantil e do Instituto da Memória do Povo Cearense – IMOPEC.

À colega, Márcia Gardênia.

À Universidade Estadual do Ceará, minha outra casa. Aqui, também conheci excelentes profissionais. Grandiosa consideração aos professores e funcionários do MAHIS, especialmente, ao Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá; à Prof.^a Dra. Lucili Granjeiro; ao Prof. Dr. Carlos Jacinto; ao Prof. Dr. Damasceno; à Telma, Daniel e Ciro.

Aos professores Drs. João Rameres e Wiliam James Mello que contribuíram nas reflexões, ainda no exame de qualificação, ao verbalizarem interessantes observações e considerações conceituais e metodológicas acerca do trabalho.

Aos professores Drs. Wiliam James Mello e Gisafran Nazareno Mota Jucá por aceitarem compor a banca de defesa. Extremamente grato aos senhores.

Ao professor doutor e orientador, Altemar da Costa Muniz, por suas inúmeras contribuições, assim como sua compreensão, incentivo e liberdade quanto à construção da dissertação.

À turma do mestrado 2009. Arriscaria dizer que foi uma conspiração cósmica, pois não acredito num mero encontro casual, logrado por um árduo processo seletivo. Nela, conheci seres encantadores que se juntaram no momento certo. A eles, digo o quanto me afeiçoei e, por isso, faço menção temperada com “pitadas” de saudade à Ana Flávia, Jucilane, Raimundo, Karla, Vilarin, Ana Luiza, Roberta, Camila, Letícia, Raquel e Felipe. De muitos lances compartilhados, ficaram as lembranças dos diálogos acadêmicos na sala de aula, nos corredores do MAHIS, no restaurante universitário e nos espaços boêmios do Benfica, mas também das conversas sobre trivialidades, descontrações, angústias, inquietações e, sobretudo, das profícuas trocas de experiências de vida. Turma 2009, simplesmente inesquecível.

Aos amigos, Cícero Joaquim e Samuel Pereira. Assim como eu, foram meninos guerreiros do interior que quiseram “voar”. Encaramos juntos, mesmo que em momentos diferenciados, a cidade grande, em prol dos nossos ideais.

À Luciana Moura, Marismênia dos Santos, Daniele Alves e Ítalo Bezerra, pois foram o meu núcleo familiar em Fortaleza. Apesar da efemeridade dessa configuração, acredito que os estreitos elos estabelecidos deram o tom. Com essas pessoas, pude vivenciar experiências únicas.

Aos novos amigos fortalezenses, especialmente, a Cícera. Saborosos foram nossos encontros no samba do Zé Bezerra.

À Remilka e Tadeu. Lembremos que a distância foi apenas detalhe.

Às irmandades, Marcos Sousa e Lourdes Rafaella, pela solicitude e fidelidade exaladas dos seus mais corriqueiros ou despretensiosos atos. Certamente, vocês são seres sublimes.

Aos outros especiais amigos caririenses/ astrais que me acompanham em pensamento, onde eu estiver: Glairton, Ronald Filho, Lino Junior, Chico Lee, Pepi, Thaís, Tiago Josimar, Rita Nandele, Ceíça, Diego, Aline, Saullo, Viviane, Dany, Alessandro Reinaldo, Elaine, Maria Elí e Laércio Theodoro. Por vocês, tenho um carinho desmedido.

Ao Zé por sempre me deixar em estado de torpor e êxtase, ao cantarolar canções balerianas e ednardianas.

Aos meus narradores, homens e mulheres dos sertões cearenses, por compartilharem suas encantadoras e inquietantes narrativas sobre a Coluna Prestes.

À FUNCAP, por proporcionar o desenvolvimento do nosso trabalho.

Por fim, agradeço a um ser extraordinário que, comumente, se torna minha metade ou meu meio: **Jeaní**, uma menina-mulher que nunca quis “ser perfume, mas sim feijão.”

RESUMO

O presente *labor* buscou compreender a construção das representações da travessia da Coluna Prestes pelo interior cearense. Sobre a Coluna Prestes, colocamos que foi uma manifestação político-militar, oriunda do Tenentismo e elaborada na década de 20 do século XX. Formada por tenentes rebelados do exército brasileiro, iniciou uma marcha, percorrendo parte do território nacional. Foi, precisamente, no ano de 1926 que a Coluna Prestes adentrou o Ceará. Perante sua presença, uma complexa campanha passou a ser colocada em prática, em combate aos marchantes. Entre os desenrolares do acontecimento, resultaram situações que envolveram desde as forças locais, incumbidas de aniquilá-los, até sujeitos que tiveram contato com os ditos “revoltosos”. Na ânsia de entendimento sobre a presença do Movimento nos sertões do Ceará, analisamos a cultura escrita e a oralidade. Especificando nossa tarefa, recorreremos aos jornais produzidos naquele período, às obras memorialistas contemporâneas e, por fim, às narrativas orais captadas no tempo presente. Nesse misto documental, apontamos para as diversificadas visões captadas acerca da Coluna Prestes. E na decifração dessas frações, trabalhamos com os norteamentos da nova história política e da história cultural, tendo como foco perceber os embates, as evidências e res(significações) sobre o evento e personagens, a partir das particularizações em jogo.

Palavras - chave: Coluna Prestes. Representações. Memórias. Cultura Escrita e Oralidade

ABSTRACT

This work aims to understand the construction of representations of the Prestes Column, crossing the interior of Ceará. About the Prestes Column, which was placed a rally coming from the lieutenants and developed in the decade of the 20th century. Formed by the Brazilian army lieutenants rebels, began a march that went through part of the country, preaching changes in socio-political structure in Brazil until then represented by the rural oligarchy. It was precisely in 1926 that entered the Prestes Column Ceará. Given their presence, a complex campaign has to be put in place to combat walkers. Among the rolling out of the event resulted situations involving coalition forces since anti-Column, entrusted to annihilate them, to local subjects who had contact with the so-called "insurgents." Eager to understanding the presence of the Movement in the hinterland of Ceará, we analyze the literacy and orality. Specifying our task, we use the newspapers produced in that period, works contemporary memoirists and, finally, to oral histories taken in the present tense. In this joint document, we point to the varying views taken on the Prestes Column. And in the deciphering of these fractions, we work with the basing of the new political history and cultural history, focusing on the clashes notice, evidence and res (meaning) about the event and characters from the particularization in the game.

Keywords: Prestes Column. Representations, Memories, Literacy and Orality

SUMÁRIO

PREÂMBULO.....	10
1º Capítulo: 1926 - “Para as fronteiras do Ceará!”: a Coluna Prestes avança rumo ao território cearense e a ótica dos jornais impressos.....	31
1.1 “Revoltosos, saqueadores e impatrióticos”: os jornais apresentam a Coluna Prestes à população cearense.....	34
1.2 Os jornais cearenses e as alianças políticas (local e nacional) na campanha anti-Coluna.....	44
1.3 Os jornais como “construtores de memórias”.....	65
2º Capítulo: “A platéia, o senhor, a senhora, você” – Entre o olhar particular e evidências: as obras memorialistas.....	70
2.1 “A Coluna Prestes no interior do Ceará”, de José Antônio Marrocos: tessituras sobre a “harmônica” presença dos tenentes na cidade de Ipu.....	76
2.2 A Obra do Padre Geraldo de Oliveira Lima: a visão de sutilezas heroicas da Coluna Prestes em solo cearense.....	87
2.3 Outras escritas, outras histórias.....	134
3º Capítulo: “Tem muita gente que falava que já viram eles” – A Coluna Prestes pelas narrativas orais no tempo presente.....	137
3.1 Um mosaico de escutas e falas aventadas sobre as andanças da Coluna Prestes no sertão cearense.....	141
3.2 Todos os caminhos levam a Crateús: a mística do “Cemitério dos Revoltosos” e a invenção do monumento contemporâneo em homenagem a Marcha.....	164
3.3 Os sedutores labirintos da oralidade sobre a Coluna Prestes.....	177
ESTIMAÇÕES.....	180
FONTES.....	183
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	185

PREÂMBULO

Pesquisa que elucida o traçado da Coluna Prestes pelo *hinterland* cearense, defendemos nossa posição quanto ao prestígio pessoal pela temática. Esta “paixão” se deu pelo nosso próprio percurso acadêmico, iniciado ainda na graduação em História.

Em continuidade e por meio das fontes documentais, constituídas no entrelaço da cultura escrita e da oralidade (jornais impressos, obras memorialistas e narrativas orais), divagamos a formulação da problemática que apresenta como intrínseca questão: as plurais visões sobre a Coluna Prestes no Ceará. Pela peculiaridade do corpus documental, um cabedal, composto por documentos singulares quanto às suas origens, atentamos que os mesmos foram elaborados e produzidos em momentos diferenciados. Resultando em uma inquietude que nos proporcionou pensar acerca das tensões, semelhanças e (re)elaborações dessas produções sobre os integrantes da Coluna Prestes.

Ao ofício do historiador, sem dúvida, pautado por critérios rigorosos quanto aos métodos de análise e pressupostos teóricos, não deixa de ser prazeroso quando desenvolvido com dedicação. No nosso caso, a pesquisa sobre a passagem da Coluna Prestes no sertão cearense nos respondeu, parcialmente, algumas questões, mas instigou outras várias. Vontades, angústias, recuos e avanços se cruzam num misto em escrever sobre a caminhada do Movimento pelo Ceará.

Nessa peregrinação aos caminhos da Coluna Prestes, não poderíamos deixar de evocar o quanto a produção historiográfica que aborda o assunto aponta para variadas perspectivas. Entretanto, permeadas por lacunas que instigam nossa curiosidade e possibilitam a construção de novas indagações. Às produções, a nível *stricto senso*, não evidenciamos ainda estudos pormenorizados da saga da Coluna Prestes por terras cearenses. Perante as circunstâncias, isso nos motivou a exercer um trabalho devotado, na medida em que poderá contribuir para o fomento de novos estudos e compor a variada gama de produções acerca do tema registrado no cenário nacional.

Da inicial apresentação, anunciamos que, a partir de uma operação historiográfica¹, nossa pesquisa ambicionou contribuir para a compreensão das representações² construídas sobre a passagem da Coluna Prestes³ no interior do Ceará. Sobre essa manifestação, destacamos que foi um movimento de feição militar, oriundo do Tenentismo⁴, desencadeado ao longo dos anos 20 do século XX em decorrência do desmembramento de integrantes do Exército brasileiro. Insatisfeitos com o poder vigente da própria corporação e com a manipulação e controle político das oligarquias rurais no sudeste do Brasil, esses militares rebelados passaram a combater, pelo interior do País, as forças legalistas que desejavam a continuação de sua estrutura sociopolítica.

Tendo em vista refletir sobre o processo de construção de representações acerca do evento, entre intencionalidades e funções sociais, a partir de fontes escritas e orais, elucidamos também o fator político da

¹ Sobre a “operação historiográfica”, entende-se, a partir de Certeau, que o ofício do historiador é constituído pelo lugar, onde ele (o historiador) se encontra vinculado, pelos procedimentos de estudo e análise, tais como: disciplina e método e, por fim, pela construção de uma escrita. CERTEAU, Michael. A operação historiográfica. In: **A escrita da história**. RJ: Forense Universitária, 2000.

² Compreende-se a partir das formulações de Chartier que a “representação” é usada para analisar de que forma as estruturas sociais são incorporadas por um determinado grupo social e as formas que este usa para construir sua identidade ou atribuir sentidos e significados. De um modo, as representações seriam símbolos que por meio das práticas ou produção desses símbolos imprimem uma determinada leitura de mundo, num dado lugar. Por esse viés, ver: CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. RJ: Bertrand, 1990.

³ No tocante às produções sobre Coluna Prestes destacamos DRUMOND, José Augusto. **Coluna Prestes: rebeldes errantes**. 2ª ed. SP: Editora Brasiliense, 1987. LIMA, Lourenço Moreira. **A Coluna Prestes: Marchas e Combates**. 3ª ed. SP: Alfa – Omega, 1979. PRESTES, Anita Leocádia. **A Coluna Prestes**. 4ª ed. SP: Paz e Terra, 1997.

⁴ Foi um movimento político-militar, toldado por características complexas e que ansiava por reformas dentro do exército nacional, assim como passou a reivindicar mudanças sociopolíticas no seio da sociedade brasileira, no período da Primeira República. Recebeu a nomenclatura por ter sido formado por sujeitos que compunham, na sua maioria, as hierarquias mais baixas da organização militar, neste caso, os tenentes e os oficiais. Segundo Forjaz, o Tenentismo apresentaria uma orientação difusa quanto seus ideais norteadores, ao passo que deve ser entendido e classificado entre contextos, pois existem diferenciações entre o movimento tenentista dos anos 20 e da nova feição apresentada em 30. Um dos principais desdobramentos da primeira fase do movimento tenentista foi a formação da Coluna Prestes. Sobre Tenentismo, ver: FORJAZ, Maria Cecília Spina. **Tenentismo e política**. RJ: Paz e Terra, 1977. FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930: historiografia e história**. 1ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1970. PRESTES, op., cit. 1997. CARONE, Edgar. **A República Velha. 1. Instituições e Classes Sociais**. SP: DIFEL, 1975. SANTA ROSA, Virgínio. **O sentido do tenentismo**. 3ª edição. São Paulo: Editora Alfa - OMEGA, 1976. PEREGRINO, Umberto. **Tenentismo em debate e outros assuntos**. 1ª edição. RJ: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1993.

construção da memória social⁵ relacionada à incursão dos integrantes da Marcha pelas cercanias cearenses. Não esqueçamos que variados relatos e falas sobre a Coluna Prestes elaboraram e instituíram memórias diferenciadas, desvelando também tensões. Afinal, a memória não está isenta de disputas e conflitos.

Especificamente na região dos Inhamuns e nos sertões de Crateús⁶, ocorreram confrontos entre as forças governistas e os integrantes da Coluna que resultaram em mortes de alguns dos seus membros, ainda hoje lembrada no “Cemitério dos Revoltosos”, monumento fúnebre no qual foram sepultados dois de seus participantes e tidos como objetos de devoção popular por parte da população local.

Avançando ao tempo, sem nos desprendermos do passado. Após inúmeras décadas da passagem da Coluna Prestes no Ceará, em 14 de dezembro de 2006, foi inaugurado em Crateús, monumento em homenagem aos 80 anos da travessia da Coluna. Ele foi projetado por Oscar Niemeyer, tendo como principal característica a aparência modernista, estilo do trabalho do arquiteto. Sobre a materialidade da escultura, situada na parte central da cidade, apresenta 15 metros de altura em estrutura de concreto e ferro, representando o percurso da Marcha por território nacional.

Na data da inauguração, reuniram-se autoridades públicas, militantes políticos de esquerda, os meios de comunicação e a população local que comungavam da celebração em memória da Coluna Prestes nesta localidade. Tal monumento nos chama à curiosidade por existirem apenas quatro outros similares em território nacional.

Na mesma ocasião, foi lançada uma cartilha educativa sobre a trajetória do Movimento, intitulada: “A Marcha da Coluna Prestes no Ceará”. Essa produção, confeccionada pelo governo do estado do Ceará e destinada ao público da educação básica, apresenta, por meio de texto narrativo e didático, as localidades por onde a Coluna palmilhou, os personagens e as

⁵ Quanto à memória social ver em FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória Social**: novas perspectivas sobre o passado. Lisboa: Teorema, 1992. Ver também, GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: **O que é memória social**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

⁶ Município cearense localizado nas dimensões do Sertão do Inhamuns a cerca de 450 km de Fortaleza, capital do Ceará. Mencionamos ainda que, nessa região, esteve em cena apenas um dos segmentos da Marcha, liderado pelo tenente João Alberto.

características da Marcha assim como as principais façanhas da Coluna Prestes, a citar o conflito de Crateús e a formação do Batalhão Patriótico Floro Bartolomeu, responsável por combater os “revoltosos” quando de sua travessia pelo Ceará.

Nesse sentido, rumando para um século de representações da passagem da Coluna Prestes, indagamos quem disputa as visões sobre a travessia da Marcha no Ceará. Note-se que a edificação se denomina Coluna Prestes, e não monumento aos “revoltosos”. Neste caso, nos reportamos aos próprios impressos da época, às obras memorialistas e às narrativas orais que decodificaram a Coluna Prestes pela expressão “revoltosos” e que, até hoje, são utilizadas por aqueles que rememoram acerca dos integrantes do Movimento. Da aparente e inocente significação, a saga dos revoltosos se desdobra por multifacetadas interpretativas, logrando plurais versões e sentimentos quanto aos membros da Coluna e de suas ações.

Retomando as produções do ano de 1926, os meios de comunicação, como é o caso dos impressos da época, passaram a noticiar a passagem dos “revoltosos”, sendo este um dos termos expressos nos anúncios, apresentando-os como perturbadores da ordem.⁷ Por sua vez, as obras memorialistas e as narrativas orais contemporâneas correspondentes aos fatos também apresentam versões diversificadas sobre o evento. Algumas delas até valorizando seus personagens. Nesse sentido, pretendemos, a partir das reflexões da nova história política e da história cultural, analisar o embate pela construção das diferentes representações elaboradas, visto que, como nos traz Chartier: “Sobre as representações supõe-nas como estando num campo de concorrências e de competições.”⁸

Temática de relevância na contemporaneidade, uma vez que se refere à elaboração de sentidos acerca da participação militar dos tenentes na vida política brasileira, o desenvolvimento dessa pesquisa nos trouxe a possibilidade de analisar as representações construídas da passagem da Coluna Prestes em território cearense. Por esse viés, apresentamos como relevante consideração as tensões existentes entre a cultura escrita jornalística da época de 1926, data da travessia do Movimento pelo Ceará, as produções

⁷ Jornal **O Nordeste**. Fortaleza, 18/01/1926, p. 01.

⁸ CHARTIER, op. cit., p. 17.

memorialistas de contemporâneos e, por conseguinte, as narrativas orais providas no tempo presente que aludem sobre a presença dos membros da Coluna por algumas localidades do Ceará.

Nesse parâmetro de produções e dimensões (jornais impressos, obras memorialistas e narrativas orais), concorreremos para perceber nas entrelinhas sentidos e significados construídos sobre o Movimento, uma vez que a Coluna Prestes continua presente na memória de cearenses quando de sua passagem pela região e seu percurso registrado por diversificadas falas, como vemos abaixo:

Ela andou aqui, como andou no Piauí... Aqui eles entraram na cidade, mas até os soldados quem combatiam tinha uma parte que ficava lá na torre da Igreja, lá no coro, acima do coro da Igreja. Na torre da Igreja, parece que de lá eles conseguiram avistar os revoltosos.⁹

Criei-me ouvindo falar dos revoltosos, meus pais deliciosamente, contaram-me da Coluna procedentes histórias. Guardei-as na mente e no coração. Criei-me na ambiência de alusões ao meteórico reide da grande marcha na malha do chão duro e quente do Ipu a Crateús, guardei-as todas de cor nas asas da fantasia [...] a marcha da Coluna reverte-se para mim, de um poema épico vivencial. Uma teatrologia cruenta. Não pretendemos deificá-la, mas narrá-la em opção apartidária. Fugimos do atoleiro dogmático. Dito isto, abre-se o pano.¹⁰

A INCURSÃO DOS REBELDES NO ESTADO

Noticias de ultima hora, informa que um pequeno traço de rebeldes, penetrando território cearense, occupou S. Benedicto e desceu até Ipu, occupando igualmente essa cidade. O governo remeteu urgente, 100 praças para guarnecer sobral e telegraphou ao general João Gomes pedindo remessa de tropa federal para Camocim.¹¹

Ao voltarmos nossas atenções para o teor dos relatos escritos e das falas complexas diferenciados sobre a travessia da Coluna Prestes pelos sertões cearenses, passamos a indagar sobre seus significados e intenções, cabendo a nós o papel de decifrá-los e licenciarmos também nossa interpretação. Lembremos que “a particularidade tem por competência movimentar-se sobre o fundo de uma formação explícita; por função, aí

⁹ Narrativa da senhora Rosa Moraes, 94 anos de idade. Entrevista realizada em 25/08/2006, Crateús.

¹⁰ LIMA, Pe. Geraldo Oliveira. **A Marcha da Coluna Prestes Através do Ceará**. s.n.t., p. 12 e13.

¹¹ Jornal **O Nordeste**. Fortaleza, 13/01/1926, p. 01.

introduzir uma interrogação; por significação, remeter a atos, a pessoas e a tudo que ainda continua exterior ao saber e ao discurso”.¹²

Por se tratar de um tema de abrangência nacional, despertador de inúmeros debates, já que a Marcha percorreu um total de 25 mil quilômetros do território brasileiro, entre 1925 e 1927, assim como geradora de uma série de ações contestadoras contra a política oligarca da Primeira República, além dos próprios conflitos entre o movimento “rebelde” e as forças anti-Coluna. Mencionamos ainda alguns clássicos que trataram do contexto político daquele período, envolvendo particularmente o movimento dos tenentes rebelados. Somando-se a isso, são obras que se tornaram referências pra quem pretende ou já estuda a Coluna Prestes. Vale destacar que, dos variados trabalhos produzidos, esses se distribuem em plurais áreas, como a sociologia, a literatura, a história, o jornalismo, assim como em vertentes teóricas (marxismo, história social), além de seus contextos de produção. Porém, pelo amplo leque, pontuaremos, no presente texto, apenas alguns estudos que são referências consensuais ou contribuíram particularmente para o nosso estudo.

Abrindo o elenco de produções sobre o tema, destacamos que atualmente “A Coluna Prestes”¹³, de autoria de Anita Leocádia Prestes, se apresenta como relevante estudo pela complexidade e pelo conjunto da obra. Direcionada pelo viés do materialismo histórico, a obra se pauta por uma cuidadosa discussão metodológica utilizando-se de um acervo documental extremamente rico, aliado aos depoimentos particulares do próprio Luiz Carlos Prestes concedidos à autora. Esse primeiro com laços de parentescos com a mesma. Com isso, no meio acadêmico, um grande questionamento relacionado acerca da obra seria da ordem da subjetividade exacerbada, proveniente da relação pai e filha.

Embora a obra se refira à Coluna Prestes e dê importantes enfoques contextuais (discussões sobre Primeira República, classes sociais, Tenentismo e a própria marcha da Coluna Prestes), o grande foco e sujeito protagonista, ou melhor, o herói, foi Luiz Carlos Prestes. Longe de desmerecer elaborado trabalho, observamos que a referida obra apresenta a Marcha como

¹² CERTEAU, Michael. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: Novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979, p. 40.

¹³ PRESTES, op. cit..

personificação da atuação de Prestes, ofuscando, em certa medida, o conglomerado de sujeitos sociais que atuaram num movimento de feição coletiva.

Outro trabalho peculiar, mas que não desponta como produção acadêmica, “Marchas e Combates” ¹⁴, de Moreira Lourenço Lima, é, sem dúvida, indispensável pra quem estuda o tema. Essa obra foi resultado do diário de campo da Coluna, escrito durante os dois anos de percurso pelo Brasil. O autor, na época era secretário do movimento e formado em Direito, após o fim da Coluna Prestes, com o exílio dos integrantes na Bolívia, transformou esse diário de campo em interessante produção. Além dos variados documentos internos do movimento, como mapas, relatórios e outros apresentados em suas páginas, vemos ainda os ricos depoimentos orais dos seus integrantes, com os proveitosos diálogos entre eles. Embora não tenha o crivo acadêmico quanto às questões de alçada teórica e metodológica, constitui-se como uma indispensável fonte histórica.

Neill Macaulay em “A Coluna Prestes” ¹⁵. O autor norte-americano escreveu sobre a Marcha da Coluna Prestes, atentando mais para aspectos das estruturas sociais brasileiras, destacando hábitos e costumes do povo brasileiro. Apesar de não ser um trabalho “primoroso” referente ao movimento dos tenentes, de alguma forma, não deixa de ser relevante pelas descrições dos elementos da ordem da sociabilidade dos integrantes da Coluna. Essa produção, traduzida para a língua portuguesa, foi direcionada primeiramente ao público norte-americano, tendo como propósito elucidar as particularidades da composição social de um país vinculado ao subdesenvolvimento, em meio a um assunto que teve repercussão internacional, ou seja, a marcha da Coluna Prestes. De algum modo, a travessia do movimento dos rebeldes constituída por peculiaridades, ao percorrer parte expressiva do território nacional e da atuação contra as forças oficiais do governo, provocou considerável atenção no cenário externo. E, sendo considerada, para muitos, como a maior e única guerrilha em movimento do mundo até então.

¹⁴ MOREIRA, op. cit..

¹⁵ MACAULAY, Neil. **A Coluna Prestes**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1977.

Já na literatura, mencionamos a obra de Jorge Amado, “O Cavaleiro da Esperança”¹⁶, que, entre a ficção e os fatos, demonstra o apego pessoal do autor ao líder do Movimento, Luiz Carlos Prestes, criando a denominação que intitula a sua obra ao personagem-herói Prestes, assim como exaltando seus princípios e ações.

Entre as inúmeras obras que enfocam a temática, partes dessas apenas concorrem para a mesma lógica, apenas reelaborando visões. Foram construídas em meio a contextos específicos, como a própria produção acadêmica dos anos 60 e 70 do século XX ou bem como do próprio calor do momento da formação e desenvoltura da Coluna nos anos 20 do mesmo século. Essas, na maioria, ostentam uma posição de vertente marxista ou ideológica e partidária, contribuindo para a construção da visão heroica do Movimento, deixando, em certa medida, a Coluna imune a críticas ou mesmo de estudos diferenciados. Se, até hoje, muitos associam a Coluna Prestes ao Comunismo, talvez seja decorrente da ausência de estudos que levassem em consideração a desmistificação de tal questão. Pois, embora não seja consenso, vemos que há controvérsias ou falta de fundamentos quanto à associação do Comunismo à Coluna Prestes.

De fato, é sabido que um dos líderes do Movimento, Luiz Carlos Prestes, anos após o fim da Coluna¹⁷, se filiou ao Partido Comunista brasileiro. Mas lembremos que a Coluna Prestes era constituída por várias lideranças e uma variante de sujeitos em seu efetivo e pelos próprios direcionamentos políticos e ideológicos da Coluna naquele momento, não se pode afirmar que era comunista.

Nesse emaranhado de obras que, majoritariamente, isentam críticas mais contundentes à atuação da Coluna Prestes, apontamos uma produção que foge à regra ao apresentar outra face do Movimento. “A Coluna Prestes: O avesso da Lenda”¹⁸, de Eliane Brum, traz, a partir de um olhar jornalístico, outra visão da Marcha, destrinchando elementos que aparentemente foram ofuscados ou preteridos por estudos anteriores.

¹⁶ AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança**. São Paulo: Record, 1942.

¹⁷ A Coluna Prestes encerrou suas atividades após o exílio na Bolívia em 1927.

¹⁸ BRUM, Eliane. **Coluna Prestes: O avesso da Lenda**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.

A obra constitui-se da reunião de uma série de artigos jornalísticos produzidos por Brum, tendo por base a realização de uma extensa pesquisa de campo. A peculiaridade do trabalho da autora deteve-se em refazer os caminhos da Coluna Prestes pelo interior do Brasil até o refúgio dela na Bolívia. Utilizando-se dos relatos orais de moradores encontrados em algumas localidades por onde a Marcha passou, essa produção frisa os casos de um suposto desvio de conduta dos integrantes do Movimento ou falta de controle das lideranças sobre um efetivo plural que tinha, além dos próprios militares rebelados, outros sujeitos sociais na sua composição: aventureiros, prisioneiros libertos e civis simpatizantes dos intentos da Coluna.

Com isso, a produção tenta mostrar outras significâncias relacionadas aos casos de saques, pilhagens, assassinatos cometidos e até casos de estupros por alguns sujeitos da Coluna. A análise se deu a partir da exposição e interpretação das narrativas dos entrevistados. Porém, podemos destacar que, apesar do aspecto inovador da obra, ao mostrar uma faceta anti-heroica do Movimento, assim como uma crítica indireta aos trabalhos anteriores, ela apresenta vaguezas ou falta de pormenorizações no que tange à discussão de memória e suas complexidades. Mencionamos ainda uma suposta vagueza do trabalho que percorreu aspectos que fogem à delimitação temática ao inserir elementos como paisagens, composição e estrutura social do povo brasileiro. Com isso, sensivelmente o trabalho, a nosso ver, não aprofunda a hipótese que sustenta a problemática do trabalho sobre as ações desviantes da Coluna, ao passo que carece de um enfoque histórico mais detalhado. Longe de desmerecermos tal obra, apenas ponderamos aquilo que está na alçada da discussão do historiador.

Aos divagarmos parcialmente por parte das produções que abordam ao tema da Coluna Prestes, pois, diante da totalizante de trabalhos, seria praticamente impossível uma abordagem pormenorizada no que tange às suas concepções, apontamos para a ausência de estudos locais, já que a maioria das produções que tratam do tema Coluna Prestes enfoca uma percepção mais ampla do Movimento. Construídas por delimitações espaciais e problemáticas que, em certa medida, não deram conta, ou melhor, não atentaram para os próprios limites de pesquisa, atropelando especificidades ou

situações que poderiam prover outras compreensões acerca do Movimento, e talvez nem seriam suas pretensões.

Contudo, diante dos elaborados trabalhos existentes e pelo mérito de suas discussões sobre o tema, pensamos que, de alguma forma, essas produções são também passíveis de observações como objetos de estudo ou análises, pois estão permeadas por posições, visões e objetivos. Características que não estão ausentes em nenhuma produção ou área das ciências sociais

Nessa constatação, para além de uma simples crítica nossa, ressaltamos a peculiaridade do fazer historiográfico e quão benéficas são as inquietações, ou seja, defendemos que nenhum tema se esgota, dependendo do olhar e dos nossos posicionamentos (teóricos e metodológicos), muito pode ainda ser revisto e enriquecido. Por esse entendimento, vemos que a temática da Coluna Prestes ainda tem muito a revelar, principalmente com o fomento de estudos regionais ou locais que ajudariam a compor este complexo tema.

É nesse bojo que tomamos “partido” da pertinência do nosso estudo, pelos próprios elementos que a pesquisa apontou acerca da travessia da Coluna Prestes pelo sertão cearense. Da composição do quadro das fontes documentais, montamos um cenário que vai desde o momento da presença da Coluna em território cearense (1926), entre tensões e conflitos inferidos na cultura política local e nacional, adentrando a questão do espaço místico-sagrado relacionado ao Cemitério dos Revoltosos e até a recente inauguração do Monumento em homenagem à Marcha (2006).

Perante a necessidade de compreender os registros do passado relacionado à singularidade do objeto de pesquisa analisado, nossa aposta se geriu pelas orientações da nova história política e da história cultural. E na defesa dessa inflexão, assinalamos como ela se apresenta como uma operação salutar na medida em que nos dá subsídios para compreensão das representações das andanças da Coluna Prestes pelos sertões cearenses.

Sobre a história política, direcionamos nossa mente para suas renovações conceituais e metodológicas. Antes vista por seu caráter simplista, reducionista e voltada para os substratos elitizados das sociedades, construindo, assim, narrativas sobre a vida e a função política dos reis, dos heróis, dos poderosos e do Estado, a história política, a partir de suas

reformulações internas, ganhou nova roupagem. Intitulada agora de “nova história política”, redimensionou seu olhar e postulou outras formulações acerca dos eventos e personagens.

Mediante novas percepções, outros segmentos e manifestações sociopolíticas passaram ser captados, levando em consideração a relevância de suas funcionalidades, idéias, práticas e ritos, e entendidos agora como importantes elementos de decifrações ou entendimentos do passado. Com isso, a nova história política revisitou temas e contextos, enfocando estudos sobre os partidos políticos, os processos eleitorais, as concepções ideológicas, a religião, a mídia, entre outros. Assim como o universo das representações e práticas sociais, das memórias (coletivas e individuais) e de suas disputas na construção das tramas.

Perante novos caminhos, não poderíamos deixar de apontar para as alianças construídas entre a história política com outras ciências do conhecimento. Como define Remond: “De fato, a renovação da história política foi grandemente estimulada pelo contato com outras ciências sociais e pelas trocas com outras disciplinas.”¹⁹ Das interessantes parcerias, o referido autor assinala para os profícuos diálogos com a sociologia, o direito público, a psicologia social, a linguística, a informática, a cartografia e até a matemática, além de outras.²⁰

E das novas configurações de pensamento cerceadas pela história política, não poderíamos esquecer a cultura. Nessa perspectiva, a cultura toma dimensões cruciais no entendimento dos processos históricos, interligada com as questões sociais e políticas. Nessa perspectiva, as representações do passado e do(s) sujeito(s) passaram a ser pensadas no conjunto de aspectos mais amplo que permeia também o simbólico, o imaginário, por meio de discursos e práticas tecidas socialmente e intrínsecas de intencionalidades. Na adesão dessa orientação, o historiador pôde também assim compreender “tanto os objetos culturais, os sujeitos produtores e receptores de cultura, os processos que envolvem produção e difusão cultural, os sistemas que dão

¹⁹ REMOND, Renné. **Por uma História Política**. 2ª edição, Rio de Janeiro: editora FGV, 2003, p. 29.

²⁰ Idem, p. 29.

suporte a estes processos e sujeitos”.²¹ Em acordo, diante das possibilidades, entendemos que a cultura é socialmente construída a partir da escolha de determinados símbolos e representações elaborados, construídos e partilhados pelos sujeitos para explicar a visão de mundo.

Especificamente sobre a relação do político e do cultural, segundo Bernstein, as interações entre ambos propiciaram interessantes discussões, elaborando-se o que poderia ser pensado como cultura política, em que esta revela que “um dos maiores interesses [...] é de compreender as motivações dos atos dos homens [...] de suas representações da sociedade, do lugar que nela têm e da imagem que fazem da felicidade”.²² Sobre cultura política, conceito proveniente da ciência política²³, mencionamos que ele foi apropriado e (res)significado pela história política, resultando numa melhor compreensão e aplicação dele na análise dos eventos e personagens ao longo do tempo. E em uma das definições, Ângela de Castro Gomes comenta que a cultura política seria “[...] ‘um sistema de representações complexo e heterogêneo’, mas capaz de permitir a compreensão dos sentidos de um grupo (cujo tamanho pode variar) atribui a uma dada realidade social, em determinado momento no tempo.”²⁴ Portanto, pensar a cultura política concorreria ao entendimento de “[...] como certa interpretação do passado (e do futuro) é produzida e consolidada, integrando-se ao imaginário ou à memória coletiva de grupos sociais [...]”.²⁵

Pela necessidade de direcionarmos a fundamentação do nosso trabalho no que tange ao aspecto conceitual-teórico, recorreremos, especialmente, às discussões de Roger Chartier sobre o estudo das representações que “tem por principal objetivo identificar o modo como em

²¹ BARROS, José D’Assunção. **O campo da História**. 4ª ed. Petropolis: Ed. Vozes, 2004, p.55 e 60.

²² BERNSTEIN *apud* TÉTART, Philipe. **Pequenas Histórias dos Historiadores**. SP: Edusc, 2000, p. 130.

²³ Sobre o conceito de cultura política construído na perspectiva da ciência política Cf. ALMOND, Gabriel e VERBA, Sidney. **The civic culture, political attitudes and democracy in five nations**. An analytic study. Boston: Little Brow, 1965.

²⁴ GOMES, Ângela de Castro. História, Historiografia e Cultura Política no Brasil: Algumas Reflexões. In: **Culturas Políticas: Ensaio de História Cultural, História Política e Ensino de História**. RJ: MAUAD, 2005, p. 31.

²⁵ GOMES, op. cit., p. 33.

diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”²⁶.

Em continuidade: “As representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas por interesses de grupo que as forjam.”²⁷ Por isso, a necessidade de entendermos que os discursos proferidos em circunstâncias particulares subtendem compreender a posição de quem se promove deles. E isso pode denunciar visões e posicionamentos, no nosso caso em específico, sobre a Coluna Prestes no Ceará.

Ainda no âmbito das representações, Chartier coloca que

Ao trabalhar as lutas de representação, cuja questão é o ordenamento, portanto hierarquização da própria estrutura social [...] Centra atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constrói para cada classe, grupo ou meio, um ser percebido constitutivo de sua identidade.²⁸

Observando as fontes que constituem o âmago de análise do nosso objeto, percebemos que elas se remetem a um contexto histórico específico e foram elaboradas por grupos sociais que pertencem a um lugar social. Assim sendo, evidenciamos as plurais representações sobre a Coluna Prestes no Ceará, perceptíveis nas fontes documentais e, como já comentando, de feições diferenciadas: jornais impressos, obras memorialistas e narrativas orais contemporâneas.

No contexto da passagem da Coluna Prestes pelo Ceará, várias articulações políticas foram estabelecidas para combater a Manifestação, como o caso dos jornais impressos do período, por suas matérias jornalísticas e editoriais. Com isso, evidenciamos o sentido simbólico e suas intenções a partir da noção de representação, pois “quer compreender a partir das mutações no modo de exercício de poder [...] tanto as transformações das estruturas da personalidade quanto à das instituições e das regras que governam a produção das obras e a organização das práticas.”²⁹

²⁶ CHARTIER, Roger. **A história cultural**. RJ: Bertrand, 1990, p. 17.

²⁷ Idem, p. 17.

²⁸ CHATIER, Roger. O mundo como representação. In: **Estudos avançados**, v. 11, n. 5, 1990, p. 183 - 184.

²⁹ CHATIER, op. cit., p. 188.

Em síntese, Chartier afirma que a noção de representação vem a ser um “instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar como ele é.” ³⁰

Também elucidamos o conceito de memória social: “existem diferentes maneiras de conceber a memória social e há diversos modos de abordá-la, envolvendo posições teóricas, éticas e políticas diversas”.³¹ Nesse ínterim, muito se foi discutido sobre o conceito. Abordagens que vão desde a formulação clássica de “A memória coletiva” ³², de Maurice Halbwachs, até as orientações propostas em “A memória, história e esquecimento” ³³, de Paul Ricoeur, ao tratar, num dos pontos de análise, da relação entre memória pessoal e memória coletiva.

Entre as inúmeras perspectivas sobre a específica noção e seus desdobramentos, voltamos nosso olhar, diante dos questionamentos da nossa pesquisa, para a construção da memória social da passagem da Coluna Prestes no Ceará e dos confrontos por ela gerados. Nesse viés, esse conceito se tornou inerente à discussão. E para isso tentamos levar em consideração as particularidades que constituem a memória bem como as inquietações que a permeiam.

Entre inquietudes, destacamos que a concepção da memória pode ser produzida no “entrecruzamento ou nos atravessamentos de diferentes campos de saber”. Por si, podemos deduzir que o conceito de memória social não está vinculado a uma área específica. “A idéia da memória social implica que perguntas provenientes de cada área possam atravessar suas fronteiras fazendo emergir um novo campo de problemas” ³⁴ e que, diante de novas questões, possam resultar em novas e intrínsecas possibilidades quanto a compreensões dos sentidos das relações sociais e humanas.

Essa petição de princípio, além de nos alertar que a memória social não é uma noção exclusiva de determinado campo ou ciência, mostra que ela não é estática, está sempre em processo de construção. Valendo-se dessa

³⁰ CHATIER, op. cit., p. 20.

³¹ GONDAR, op. cit., p. 11.

³² HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

³³ RICOEUR, Paul. **A história, a memória, o esquecimento**. Campinas, SP: editora da Unicamp, 2007.

³⁴ GONDAR, op. cit., p. 13.

visão, Gondar e Dobedei apresentam a feição “transdisciplinar” da memória social: “ela pretende pôr em xeque a disjunção entre as disciplinas valorizando pesquisas capazes de atravessar os domínios separados. A idéia não é reunir conteúdos, mas produzir efeitos de transversalidade entre diversos saberes”.³⁵ Em nosso caso, destacamos a abordagem histórica.

Nesse sentido, o entendimento da memória social transcende qualquer caráter reducionista da memória como meramente a busca pelo passado e aborda as complexidades que envolvem o durante, ou seja, os processos socioculturais nas sociedades. Aos documentos, fragmentos instituidores de memórias, assinalamos que são uma (re)elaboração de sujeitos sociais em que há uma funcionalidade e uma intencionalidade, nada é registrado e evocado ou lembrado por acaso. Dessa forma, há uma seletividade do que deve ser lembrado e do que deve ser esquecido. Sendo este um confronto constante entre a lembrança e o esquecimento no qual a memória social atua.

Já no plano metodológico e levando em consideração o objeto de pesquisa, tentamos perceber como se configuraram as representações da passagem da Coluna Prestes ao longo de décadas a partir de três fontes documentais distintas.

Dos jornais cearenses em relação à presença da Coluna Prestes no Ceará, atentamos para a atuação destes periódicos na campanha anti-Coluna. Buscamos, assim, identificar a contribuição dos noticiosos cearenses na divulgação das notícias relacionadas às tropas de Luís Carlos Prestes, ou seja, pensar as representações elaboradas pela imprensa local sobre a Coluna. Com isso, foi necessário também fazer uma leitura e interpretação dos jornais cearenses que se alinharam às forças de coalizão anti-Coluna, no âmbito do combate político e ideológico contra os membros da Coluna Prestes. É nesse ínterim que, para a construção dos pressupostos que sustentam nossa reflexão, tornou-se necessário trabalhar com documentos que se encontram presentes no Arquivo Público do Ceará, na Biblioteca Pública Menezes Pimentel e no Instituto Histórico e Antropológico do Ceará. Neste caso, os jornais “Diário do Ceará”, “O Nordeste”, “O Sitiá”, “Gazeta da Serra” e “Correio da Semana” compõem nosso quadro de periódicos utilizados na pesquisa.

³⁵ GONDAR, op. cit., p. 14.

Neles, estão presentes os editoriais, textos-comentário, notas policiais, entrevistas de autoridades e civis, cartas e telegramas que fazem alusão à Coluna Prestes em terras cearenses.

A escolha dessa documentação possibilitou, por meio de sua análise e interpretação, compreender como se deu a propaganda anti-Coluna dos jornais, entendida como representação, a favor do Governo Artur Bernardes, então presidente do País e a serviço das oligarquias locais cearenses. Entender como se configurou essa cobertura, proferida por parte da imprensa, foi imprescindível ao entendimento dos acontecimentos sobre a passagem da Coluna Prestes no Ceará.

Tendo os jornais como uma das referências documentais, concebemos que eles são importantes meios de divulgação de ideias e posicionamentos, seja político, religioso, econômico e/ou de outros aspectos. Por isso, os jornais são interessantes como fontes entremeadas de significados, contribuindo na moldagem e na representação dos eventos ou processos históricos. Percebemos, então, como o jornal tem sua funcionalidade na sociedade assim como intencionalidades variadas. Nesse caso, os desejos e ações de ordem política podem ser uma possibilidade. Como atenta Remond, os meios de comunicação, embora não sejam por “natureza realidades propriamente políticas, podem tornar-se políticos em virtude de sua destinação, como se diz instrumentos que são transformados em armas.”³⁶

Diante das complexidades que permeiam os meios de comunicação, focamos nosso olhar para os jornais. Sobre o específico produto, entendemos que eles não estão desprendidos de um todo social. São materiais concebidos por sujeitos/produtores, tornando-se, assim, urgente esmiuçar os elementos que os constituem:

É importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada têm de natural. Historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê... Daí a importância de se identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para escolha do título e para os textos programáticos, que dão conta de intenções e expectativa, além de fornecer pistas a respeito

³⁶ REMOND, op. cit., p. 441.

da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores.³⁷

Por tanto, entender aspectos políticos, sociais e histórico-culturais nos jornais é pertinente de acordo com as questões formuladas e as necessidades de compreendê-las. O “texto”, qualquer que seja sua funcionalidade, não é algo desprovido de significados e, sim, imbuído de sentidos que, para compreendê-los, é necessário buscar aporte e técnica apropriados. Para as novas possibilidades, elucidamos que a nova história política não poderia “dispensar a imprensa, que cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder. Os questionamentos desse campo, imbricados com os aportes da história cultural, renderam frutos significativos.”³⁸

No tocante às obras memorialistas contemporâneas, apresentamos “A Marcha da Coluna Prestes através do Ceará”, produzida pelo padre Geraldo de Oliveira Lima. Tal obra constitui-se como referência aos estudos sobre a passagem da Coluna Prestes no território cearense, pois apresenta importantes elementos acerca do evento. O autor constrói sua narrativa apontando para sua paixão pelo tema e que essa se deu a partir das falas de parentes seus que contavam para ele, quando criança, histórias da travessia e presença dos chamados “revoltosos” pelo sertão cearense.

A obra apresenta como relevante peculiaridade um vasto trabalho de pesquisa de campo, realizado pelo próprio padre Geraldo. Ele apresenta depoimentos de testemunhas que conviveram com os membros da Coluna durante sua breve estada por algumas localidades do Ceará. A narrativa do autor traz, além desses relatos orais, registros fotográficos de alguns locais por onde passou a Coluna assim como visualiza o próprio itinerário dos “revoltosos” em solo cearense. Dentre as variadas localidades citadas pelo autor, importante destaque foi dado ao “cerco de Crateús”, cidade que, de longe, se esboça como principal palco de combate entre as forças de Prestes e as tropas legalistas, bem como cenário da morte de dois membros da Coluna, até hoje cultuados por parte da população local, no “cemitério dos revoltosos”.

³⁷ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY Carla Bassanezi. (Org.) **Fontes Históricas**. 2ª edição, São Paulo: Ed. Contexto. 2006, p.132 e 140.

³⁸ Idem, p. 128.

Cientes da “devoção” do padre ao Movimento, tentamos perceber nas entrelinhas dessa produção como o autor reavivou a travessia da Coluna e como ele construiu outras representações sobre o Movimento, que divergem, em certa medida, daquela proferida pelos jornais da época. A sua narrativa é pautada por uma densa exposição empírica das narrativas orais, mas sem os preceitos acadêmicos, rigores metodológicos e conceituais, quanto à análise daquele momento. Sendo que o próprio, ora opta, à revelia ou não, por uma visão mais reflexiva sobre o evento, ora pelo tom poético da imaginação.

Já a obra “A Coluna Prestes no interior do Ceará”, de Antônio de José Marrocos, narrou a passagem da Coluna Prestes no Ipu, cidade serrana nas proximidades da Chapada da Ibiapaba, que, segundo outras fontes documentais, foi uma das primeiras localidades cearenses a serem excursionadas pelos membros da Coluna Prestes. Apesar do título da obra seguir uma descrição mais ampla sobre a passagem do Movimento, o autor se detém estritamente a Ipu, cidade onde ele nasceu e viveu e que rememora, na presente obra, a presença da Coluna Prestes nessa localidade.

A principal característica dessa produção, realizada em poucas laudas, versa desde informações sobre aproximação da Coluna, quando os “revoltosos” atravessavam o estado do Piauí até as fronteiras do Ceará e a rápida permanência deles no território ipuense. A narrativa é constituída por fragmentos das lembranças do autor quando criança, por meio de suas reminiscências, e pelas lembranças de parentes e outros depoentes locais referenciados na obra.

Quanto à oralidade, primeiramente, consideramos como sendo um importante caminho de amplitude e de entendimento sobre as tramas do passado, pois podem trazer elementos que, possivelmente, não se encontram nos registros de outra ordem, como os escritos. Segundo Jucá, “o alcance da oralidade nos remete a um campo fértil, onde a força da memória, na reconstrução das experiências passadas, abre novas perspectivas de compreensão do que antes era inexplicável.”³⁹

Perante a problemática nossa elaborada que se utiliza das narrativas orais relacionadas ao evento, direcionamo-nos aos aportes da História Oral.

³⁹ JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. O Significado da Ferrovia no Cotidiano da Vida Interiorana. In: **O público e privado**, nº 2 – Julho/Dezembro, 2003, p. 38.

Por termos como um dos centros de análise as entrevistas dos depoentes, como assinalado acima, as discussões da História Oral foram extremamente importantes. Sobre o específico campo metodológico:

[...] Aceitamos como válido, em linhas gerais, o feixe de idéias antes resumido espécie de território comum sobre o qual se erige a história oral hoje, o que, naturalmente a transforma em algo muito mais abrangente e complexo [...] Em nosso entender, a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordenam procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevistas e as implicações de cada um deles para pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimento, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com os entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho – funcionando como ponte entre teoria e prática.⁴⁰

Para as implicações dos procedimentos da História Oral, tentamos compreendê-los e julgamos como compatíveis com a nossa ação, ou seja, refletimos que, ao utilizarmos a história oral como método de análise, nega-se a ela a condição de ser apenas um simples ato de entrevistar, mas que imbrica vários procedimentos e técnicas que devem ser levados em consideração. A própria entrevista oral é um documento de validade que requer cuidado e padrões de produção e análise, tal como a própria relação entre entrevistador e entrevistado, em que a sensibilidade e percepção do condutor são fundamentais para a viabilidade da entrevista, assim como as questões de natureza política e os posicionamentos éticos.

Atentar para questões que fazem parte do universo da História Oral nos foi imprescindível, uma vez que optamos por ela. Nesse sentido, ao tecermos considerações a esse viés, assinalamos que o entrevistador deve buscar, na confecção das entrevistas, compreensões que vão além do óbvio, ou seja, eliminar o caráter ingênuo e perceber que as entrevistas orais são permeadas em si por intencionalidades e posicionamentos, sejam eles afetivos ou ideológicos.

Como coloca Verena Albery: “É preciso saber ‘ouvir’ o que a entrevista tem a dizer tanto no que diz respeito às condições de sua produção quanto no que diz respeito à narrativa do entrevistado.”⁴¹ Ao realizamos entrevistas orais utilizando os aportes da história oral, mencionamos que alguns dos narradores

⁴⁰ FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Getúlio Vargas. 2006, p.15 e 16.

⁴¹ ALBERTY, Verena. **A história dentro da história**. In: PINSKY, op. cit., p.184.

na época eram crianças ou lembram-se da passagem da Coluna Prestes em algumas localidades cearenses pelas narrativas dos parentes e moradores locais mais velhos.

A partir das narrativas desses narradores e da cultura escrita local – obras memorialistas e jornais impressos da época –, tentamos compreender os embates pela memória que, segundo as fontes consultadas, denunciam variadas versões sobre o fato, bem como mudanças e permanências. Isso se evidencia pela feição do complexo quadro de entrevistados. Por elucidarmos a questão da construção da memória social, pensamos quem uma das soluções para compreensão das falas dos narradores que não presenciaram a passagem da Coluna Prestes foi a noção de pós-memória elaborada por Beatriz Sarlo.

Segundo a autora: “Essa é a memória da segunda geração, lembrança pública ou familiar de fatos auspiciosos ou trágicos. O prefixo pós indicaria o habitual: é o que vem depois da memória daqueles que viveram os fatos [...]”⁴² e assim como a memória, a pós-memória apresenta também “conflitos e contradições de vexame intelectual de um discurso sobre o passado [...]”⁴³ Isso nos leva a pensar como os fatos são lembrados e como são representados, envolvendo posicionamentos constituídos pela voz de quem fala e a escuta da voz, das fontes escritas, dos meios de comunicação. Sarlo menciona que “esses fatos só são lembrados porque fazem parte de um cânone de memória escolar, institucional, política e até familiar” e ainda que “toda narração do passado é uma representação, algo dito no lugar do fato.”⁴⁴

Portanto, deixamos claro que nossa execução de estudo foi perceber as visões da Coluna Prestes em passagem no sertão cearense. Num todo, enveredamos pelos relatos e dizeres da cultura escrita e da oralidade que protagonizaram a construção das representações e das disputas de memórias acerca do evento. Por isso, dividimos a estrutura do texto em três capítulos:

No primeiro capítulo, “Para as fronteiras do Ceará!” – A Coluna Prestes avança rumo ao território cearense e a ótica dos impressos, analisaremos a passagem da Coluna Prestes por meio dos jornais no ano de 1926, data que

⁴² SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das letras, 2007, p. 92.

⁴³ Idem, p. 92.

⁴⁴ Idem, p. 90 e 93.

marca a travessia do Movimento por terras cearenses. Levaremos em consideração como os jornais cearenses da época apresentavam e representavam a Coluna Prestes, que jornais eram esses, como atuaram na campanha de combate à Coluna, os direcionamentos político-ideológicos e as estratégias de divulgação, contextualizando seus vínculos e propósitos.

No segundo capítulo, “A plateia: o senhor, a senhora, você”: Entre o olhar particular e evidências: As obras memorialistas, apresentaremos as escrituras memorialísticas locais percorrendo os caminhos das memórias escritas e confrontando essas produções com os jornais impressos da época. Aos textos ou produções de memória, devemos considerar que há um espaço entre o tempo dos acontecimentos narrados e o tempo em que eles serão narrados. Por isso, nosso intuito foi perceber as obras memorialistas, como produções constituídas das experiências do autor e suas intencionalidades e com essa relação produzem significados diferenciados sobre os eventos, nesse caso, nos reportamos às visões da passagem da Coluna Prestes pelas obras memorialistas.

No terceiro capítulo, “Tem muita gente que falava que já viram eles” – A Coluna Prestes pelas narrativas orais no tempo presente. Ao seguirmos os caminhos da oralidade, da memória oral, a partir dos depoimentos dos nossos entrevistados, discutiremos as outras visões construídas sobre a passagem da Coluna Prestes. Buscaremos aqui, entrelaçar as fontes escritas, jornais da época e obras memorialistas, com as narrativas orais de contemporâneos. Nessa perspectiva, concorreremos para se pensar a construção processual da memória da passagem da Coluna Prestes pelo sertão cearense, com destaque aos embates provocados por ela e as várias memórias confeccionadas sobre o evento.

PRIMEIRO CAPÍTULO

1926 - “Para as fronteiras do Ceará!”: a Coluna Prestes avança rumo ao território cearense e a ótica dos jornais impressos.

Todos os jornais procuram atrair público e conquistar seus corações e mentes. A meta é sempre conseguir adeptos para uma causa, seja ela empresarial ou política, e os artifícios utilizados para esse fim são múltiplos. (CAPELATO, Maria)

No nascente ano de 1926, um dos jornais cearenses anunciava, em sua edição diária, que “a ordem estava alterada”. A notícia se referia a um grupo de dissidentes do exército que percorriam parte do território nacional desde o ano de 1925. Liderado por tenentes rebelados do exército, a Coluna Prestes era um movimento pouco compreendido pela época e que passou a ser denominado, popularmente, por “revoltosos”. A eles eram atribuídas a desordem, o terror, a ofensa contra a paz da família e da nação brasileira.

Notícias vindas do Piauí, estado vizinho do Ceará, apontavam a incursão dos membros da Marcha para o território cearense: “Conforme noticiamos na edição de hontem um troço de rebeldes occupou Peripery que fica a cerca de 30 léguas de S. Benedito.”⁴⁵ Naquele momento, a Coluna percorria em proximidades dessa localidade situada na Serra da Ibiapaba, divisor geográfico entre os estados citados acima.

As especulações sobre a travessia da Coluna Prestes rumo ao Ceará começaram a ser divulgadas pelos meios de comunicação locais. Naquele tempo, o estado cearense começava a esboçar sua frente de organização no intuito de combater a Marcha, uma vez que ela já avançava para os primeiros povoados de seu território. Perante inquietudes e incertezas sobre como a Coluna se apresentaria e adentraria as localidades cearenses, os jornais impressos antecipavam para uma possível invasão da cidade de Sobral, que na época era tida como um dos principais municípios da região norte do Ceará, e os danos que poderiam acontecer na referida cidade. Em tempo, o primeiro grupo da Coluna, liderado pelo tenente João Alberto, já avançava a Serra da Ibiapaba.

Vejamos nessas passagens:

Começa, assim, o Ceará a padecer os desares da horda perturbadora que, na empreitada criminosa traz até nós as suas bandeiras vermelhas com todo cortejo de vexames para as pacatas populações. [...] A Investida dos rebeldes trará grandes danos para a economia do Estado, bastando citar que fica sob suas ameaças a ferrovia de Sobral, de grande importancia, innegavelmente.⁴⁶

Quem eram esses homens? Quais seus intuitos? Sujeitos desconhecidos da população local que se configuravam como seres estranhos à realidade cearense e apresentados de acordo com os modos e intentos das falas daqueles que representavam as forças de coalizão anti-Coluna⁴⁷, nesse caso para as publicações dos meios de comunicação: a imprensa cearense.

⁴⁵ Jornal **O Nordeste**, Fortaleza, 16/01/1926, p. 01.

⁴⁶ Jornal **Diário do Ceará**, Fortaleza, 14/01/1926, p. 01.

⁴⁷ Entendemos com um conjunto de forças articuladas direta e indiretamente no combate à Coluna Prestes. Podemos dizer, a partir dos indícios documentais consultados, que estavam envolvidos nessa façanha as oligarquias locais, autoridades políticas e públicas tanto da esfera governamental federal, estadual e local. Citamos ainda, os batalhões patrióticos, nesse caso, referimo-nos ao “batalhão Floro Bartolomeu”, as polícias locais e militar do Ceará e as tropas federais, a destacar, a participação das forças gaúchas que foram a Crateús em perseguição à Marcha. Dos meios de comunicação cearenses, destacamos os principais jornais de circulação pelo

Diante dessas inquietudes, problematizamos como os jornais apresentavam a Coluna Prestes, de quem eram esses jornais e como eles atuaram na campanha de combate à Coluna, os direcionamentos político-ideológicos e as estratégias de divulgação; por isso, foi necessário contextualizar seus discursos, vínculos e propósitos.

Na materialidade dos impressos, foi sugestivo notar alguns aspectos relacionados à compreensão das significâncias elaboradas sobre os personagens do Movimento, atentando-se para a própria formatação dos jornais, o aspecto estético das notícias, pois evidenciamos nesses jornais, além do destaque dado ao evento nas primeiras páginas, outros elementos que nos chamam atenção na construção das visões sobre a Coluna, tais como: o tamanho, a posição e os enunciados.

Desse modo, algumas questões se tornaram pertinentes à nossa discussão. E assim, problematizamos as práticas que, ao se apreenderem de referências simbólicas, produzem usos e significados⁴⁸; no nosso caso, os ideais, os interesses e as imagens dos personagens perseguidores e combatentes envolvidos no evento.

Em meio às turbulências daquele período com a presença da Coluna, reportamo-nos à atuação dos jornais impressos, com destaques para “O Nordeste” e o “Diário do Ceará”, que relataram a presença da Coluna em território cearense assim como outros três impressos de menor circulação: o “Sitiá”, “Correio da Semana” e a “Gazeta da Serra”. Vale destacar que parte dos impressos citados antes de cobrir a travessia do Movimento no Ceará, já noticiava uma possível entrada da Coluna em território, mesmo que isso de fato acontecesse. Nesse sentido, interrogamos por que anunciar em tais páginas uma possível “invasão” assim como o intuito de representar a Coluna como “desordem”. Por que associar o pavor e o terror aos personagens do Movimento?

Ceará. Atribuímos relevante atuação dos impressos locais, uma vez que no período da travessia da Marcha no interior cearense, inúmeras notícias e reportagens foram redigidas, apontando para uma reprovação das ideias e atitudes dos tenentes rebelados. No cenário de articulações em represália à evolução da Coluna, mencionamos também, a participação, aparentemente, discreta do líder religioso Padre Cícero Romão Batista e de outros personagens secundários como jagunços, cangaceiros e civis.

⁴⁸ CHARTIER, op. cit., p. 178.

1.1 “Revoltosos, saqueadores e impatrióticos”: os jornais apresentam a Coluna Prestes à população cearense:

Segundo as fontes consultadas, a Coluna Prestes permaneceu aproximadamente 21 dias no Ceará, percorrendo as regiões da Serra da Ibiapaba, Inhamuns e oeste do Cariri, para em seguida cruzar o sertão central e partindo rumo ao estado do Rio Grande do Norte. A Coluna cruzou o espaço cearense, praticamente, dividida em dois segmentos que o adentrou, em regiões diferentes e em períodos sutilmente díspares. O reencontro total da Marcha só viria acontecer, após o conflito de Crateús dias depois, na localidade de Arneiroz.

Como é de conhecimento, parte dos integrantes da Marcha era composta por tenentes e capitães, esses “formados” na educação militar. Várias táticas de defesa, como despistar inimigo ou ataques, eram aplicadas na caminhada. Daí, raramente, a Coluna desfilava com seu efetivo completo. No Ceará, o menor segmento liderado por João Alberto seguiu pela região norte, nas proximidades da Serra da Ibiapaba, enquanto o grupo maior liderado por Luiz Carlos Prestes, e denominado pelotão Estado-Maior, ainda sofria resistência no Piauí, adentrando posteriormente pela região sul, nas cercanias da localidade de Campos Sales.

Quiçá pelas dificuldades do momento e/ou aliadas às próprias táticas militares de defesa contra as forças legalistas, a Coluna, após se reunir em sua totalidade, decidiu sair em retirada do estado cearense, atravessando o Sertão Central e Vale do Jaguaribe para penetrar no estado vizinho. Como o próprio termo passagem denota efemeridade, a travessia da Coluna no Ceará, apesar de rápida, foi marcada por lances de turbulências, embebidos por tramas políticas, traduzindo-se, a nosso ver, em uma considerável campanha de combate aos membros da Marcha e nalguns conflitos diretos entre esses e as forças legalistas.

Perante as alianças estabelecidas em prol de dizimar o movimento dos “rebeldes” em solo cearense, nos deteremos em analisar a contribuição dos impressos nessa empreitada, sem desmerecer contextos e sujeitos envolvidos. Afinal, o jornal deve ser entendido nas relações político-culturais e isso permite traduzir quanto os jornais se revelam importantes mecanismos, ávidos de

poderes e inseridos em realidades sociais. Nesse sentido, o jornal representaria “[...] fundamentalmente um instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social”.⁴⁹ Por essa ótica, procuramos perceber como os impressos cearenses, utilizados como fontes nesse trabalho, se articularam com as forças políticas locais e nacionais. Na tentativa de dar lógica à questão, nos detivemos a pensar como os jornais apresentavam e representavam a Coluna à população da época, por meio dos artigos, editoriais e cartas que tinham como intuito mostrar, ao seu modo, quem seriam esses membros rebelados do exército.

Os editoriais e as colunas jornalísticas dos principais jornais cearenses no período da passagem da Coluna Prestes no Ceará estavam voltados para relatar a incursão dos “rebeldes”. Suas edições diárias eram abertas com manchetes: “revolucionários nunca!”, “a invasão do estado pelos sediciosos”, “A destruição da propriedade e da vida feita arma de combate dos rebeldes”, “Mais uma selvageria dos rebeldes”.

Vejamos um dos fragmentos expostos pelos impressos:

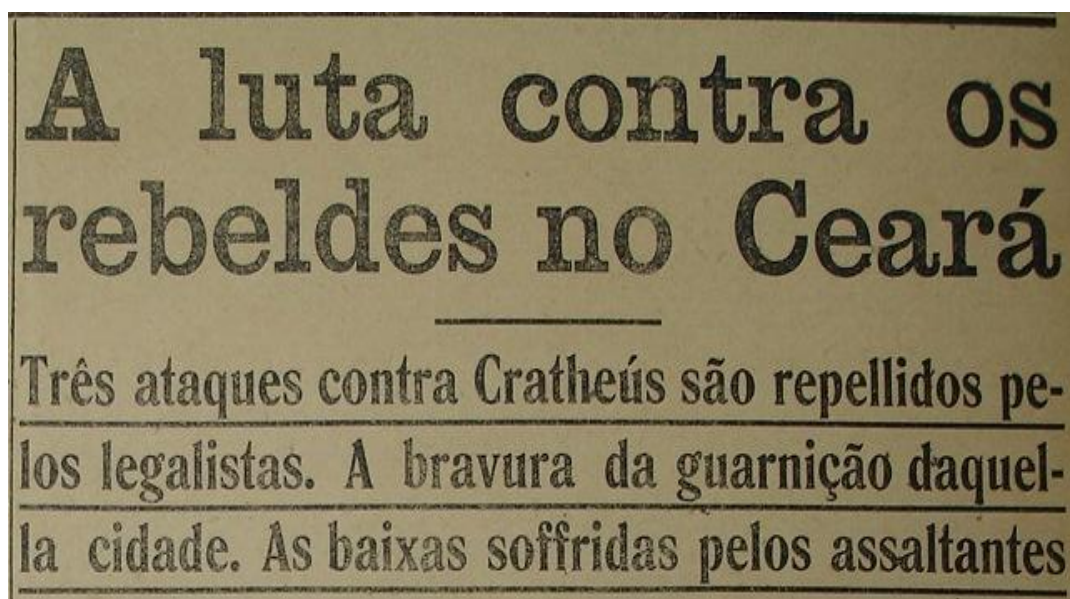


Imagem 1: Jornal “O Nordeste”, n° 1061. 18/01/1926.

Ao focarmos a discussão acerca do papel dos periódicos, nosso intuito se pautou na compreensão de como os artigos e as matérias jornalísticas

⁴⁹ CAPELATO, Maria Helena. Populismo na imprensa: UH e NP. In: MELO, José Marques de. (org.) **Populismo e Comunicação**. São Paulo: Cortez, 1981, p. 118.

publicados pensavam a Coluna Prestes. Comumente seus relatos traziam como peculiaridade, aspectos da antimoralidade e do antipatriotismo associados à Coluna, uma vez que, para esses impressos, a Marcha representaria um “mau” exemplo à sociedade. Nesse sentido, pensamos que o jornal, além de meramente informante, é um formador de opinião pública. Portanto, vemos que esses jornais mesclavam notícias de caráter informativo com artigos de teor político, acenando para posicionamentos reprovadores da Coluna e da ação de seus membros. Os termos “perturbadores da moral”, “revoltosos”, “saqueadores”, “impatrióticos” e outros representavam a Coluna.

Para elucidar tal questão, recorremos:

REVOLUCIONARIOS, NUNCA!

O actual movimento, que a dois annos ensopa o solo immaculo da patria com as caudaes do generoso sangue dos brasileiros, porém não se enquadra nesse quadro.

E' um flagrante erro considerar como revolução uma lucta ateadada por um acto de indisciplina, uma insubordinação partida dos quartéis, uma peleja criminosa e ingloria de homens que mentiram á fé jurada, a um compromisso solenne sellado com a propria honra de cada um e com o qual deveria extinguir-se a propria dignidade.

Revolucionarios jamais!

Não fazem revolução as hordas que se tresmalham, desorganizadas, pelos recovões pelas paragens longinquas do hinterland, sanhudas e irreverentes, fazendo derrama de desassocegos e vexames entre as pacificas famílias e populações sertanejas. Não fazem revolução. Hordas que se professaram em matar e a assaltar, em nome de que idêal ninguem sabe, de que principios todos ignoram, por que razão ninguem conhece [...] Não é revolução a marshoca implantada em prejuízo dos mais sagrados interesses da Nação por um grupo de maus brasileiros transviados de verdadeira rota illuminada.

Mas ella, não será de todo inutil. Tem o alcance de uma sabia lição que deve ser aprendida como devido carinho e patriotismo.⁵⁰

Nesse trecho, transcrito de um dos artigos publicados pelo jornal “Diário do Ceará”, foi esboçado o posicionamento desse impresso em contraponto aos ideais e ações dos membros da Coluna. Nesse caso, observa-se que, para além do conteúdo revelador, a maneira como foi exposto o comentário exibido em primeira página do noticioso, com grafia diferenciada, ou seja, dos recursos de exposição da mensagem, contemplaria um intuito, um desejo. Qual seria esse desejo? Diante das circunstâncias, indagamos acerca do lugar social dos impressos, pois os jornais devem ser entendidos no ímpeto

⁵⁰ Jornal **Diário do Ceará**, Fortaleza, 20/01/1926, p. 01.

de suas orientações políticas e ideológicas e, sobretudo, que suas produções são dirigidas a um público leitor específico.

Na decifração dos conteúdos apresentados sobre a Marcha, constatamos, nos noticiosos consultados, uma visão contrária a ela. Das cenas descritas, ficava-se, evidente, o lado ou a marca sombria dos marchantes. Longe de fazermos apologia à Coluna Prestes, nossa indagação se pauta em compreender como os noticiosos locais construíram essas imagens, visões e posicionamentos sobre os membros da Coluna, quando de sua passagem pelo Ceará.

De “revoltosos” a “saqueadores”, os membros da Coluna representariam um “mau exemplo” à sociedade da época. As matérias jornalísticas dedicavam parte do espaço destinado à travessia da Marcha, para retratar, nos seus moldes, os atos dos “revoltosos”, classificando-os como os limites da atrocidade. Sendo atribuído o horror à Coluna, considerada desordeira, e afirmava-se ainda que seus membros estavam cometendo um crime à sociedade brasileira pelos seus atos impatrióticos e antimorais. Parte dessas reportagens tentava mostrar à população cearense que a Coluna não tardaria a fracassar nos seus intuitos.

No traçado dos caminhos da Coluna Prestes, algumas localidades foram roteiros do movimento dos tenentes. Os impressos apresentavam a presença dos integrantes como uma invasão, causando pavor à população local e, principalmente, ao apontarem para os prejuízos de ordem econômica, caracterizados pelos saques de víveres, utensílios domésticos e pilhagens.

A passagem da Coluna pelo sertão dos Inhamuns foi destacada em algumas edições do jornal “O Nordeste”: “Já tivemos a ocasião de informar ao público que a região dos Inhamuns foi uma das que mais sofreram na incursão dos rebeldes em nosso estado [...] conduziram das diversas fazendas cerca de mil animaes.”⁵¹ O texto referiu-se à passagem da Coluna Prestes pelo município de Arneiroz, localidade situada nessa região do Ceará. Na mesma edição, foram publicados, além da reportagem, trechos de uma carta de um dos moradores da região. Segundo o impresso, o fazendeiro Vital de Castro da

⁵¹ Jornal **O Nordeste**, Fortaleza, 16/01/1926, p. 01.

Coluna. A carta publicada relatava os saques cometidos pelos membros da Coluna em sua propriedade:

Fui talvez a maior vítima de ataque e prejuízos. Da primeira vez entreguei do meu curral, um lote de 22 burros, afora, muitos que elles já haviam conduzidos pelas fazendas vizinhas, além de poldros e cavallos. Levaram-me igualmente as armas que me dispunham facas e outros objectos de valor. Neguei-lhe 5 contos de réis por que não os tinham e elles inpuseram-me dar-lh'o, ou ser levado preso.⁵²

Pela edição do impresso, a publicação da carta mostrava quão “danosa” teria sido a passagem dos membros da Coluna Prestes por esta região. No período de permanência dos integrantes do movimento em solo cearense, diariamente reportagens, artigos e cartas foram publicadas, sempre destacando para os atos considerados “vis” dos integrantes da Coluna.

Embora a região dos Inhamuns não tivesse sido marcada por grandes conflitos armados entre a Marcha e as forças legalistas, o grande destaque teria sido dado a uma suposta devastação material da região pelos integrantes do Movimento. Assim, os impressos atentavam para os casos de saques, ataques a propriedades rurais e estabelecimentos comerciais. Essas ações foram exploradas em demasia pelos impressos, por meio de suas edições diárias, tornando-se visível um esforço desses meios de divulgarem tais atos, na medida em que exaltavam os esforços do Governo ao rechaçar as forças da Coluna.

Concomitante a esses discursos, qual o intuito desses impressos ao realizar contraponto entre os membros da Coluna Prestes e a população local, colocando-a como vítima das ações dos “rebeldes”? Por certo, o artifício do “medo”, do “terror”, era amplamente explorado pelos jornais, ao abordarem, em suas edições, vários relatos das atrocidades da Coluna, assim como enfatizavam que a rotina das populações locais se encontrava “alterada”.

Os jornais relatavam que maioria dos estabelecimentos comerciais estava fechada e as pessoas continuavam se refugiando em esconderijos, nos chamados “pés de serra”. Um dos textos utilizados como fonte de pesquisa, do jornal “Gazeta da Serra”, impresso de menor circulação e destinado ao público

⁵² Jornal **O Nordeste**, Fortaleza, 21/01/1926, p. 01.

da Serra da Ibiapaba, descreveu a reação da população local com os rumores da chegada da Coluna:

Tomados de delírio, assombrados como se de nós se aproximasse, vândalos e canibais. Homens, mulheres, meninos e anciãos, aleijados e parturientes, todos os que tinham pernas para correr e mãos para arrastar com bahús, malas e cestos à cabeça, com filhinhos nos braços, trouxera nas mãos e os doentes em redes, todos abandonaram suas casas – um verdadeiro êxodo rumo ao exílio [...] quem não correu teve vontade. Somente o padre mostrou grande serenidade, não deixando de celebrar a missa da novena de S. Sebastião, orago daquela cidade.⁵³

Outro relato, divulgado pelo jornal “O Nordeste”, apresentava um caso de um civil cearense, fazendeiro, que foi assassinado por alguns membros da Coluna por justamente, ter-lhes negado um animal para montaria aos membros do Movimento, deixando mulher e filhos órfãos. O fim da matéria declarava: “Eis mais um ato de seu idealismo!”⁵⁴ Pela peculiaridade da frase na reportagem, observamos que os jornais tinham um posicionamento reprovável aos atos da Coluna, não importando expor os ideais ou propósitos da Marcha; ou seja, para seus produtores, não havia relevância ter conhecimento ou informar quais seriam os norteamientos políticos e ideológicos do Movimento, uma vez que os jornais estavam a serviço das forças governistas.

Os argumentos construídos pelos jornais apresentavam certa erudição no uso das palavras ao elevar o discurso da moralidade e do civismo. Mas, em nenhum momento, esclareceu ao seu público leitor quais seriam os motivos da empreitada da marcha da Coluna pelo território nacional. Perante uma suposta ausência de esclarecimento ou debate sobre as ideias do Movimento, pensamos que o jornal constrói imagens e sentidos a partir dos seus interesses e de acordo com suas alianças e vínculos. Quanto à discussão do lugar social dos jornais em meio ao contexto local e nacional, trataremos mais à frente. No momento, buscamos elucidar as apresentações e as representações da Coluna Prestes no sertão cearense pelos impressos.

Em continuidade, observamos que vários elementos foram associados à Coluna, tais como a cor vermelha. Isso se deu pelo fato de os membros da Coluna se utilizarem de lenços ou laços de tons avermelhados que

⁵³ Jornal **Gazeta da Serra**, Ubajara, 31/01/1926, p. 01.

⁵⁴ Jornal **O Nordeste**, Fortaleza, 04/02/1926, p. 01.

circundavam os seus pescoços bem como pelas vestimentas esfarrapadas, bastante desgastadas pelo tempo de andanças e combates. O próprio aspecto físico era evidenciado, pois esses combatentes tinham as barbas “por fazer” e apresentavam falta de assepsia pessoal, dentre outros. De um modo geral, esses elementos poderiam se configurar como simplórios, ou até irrisórios, mas no nosso caso, vemos de outra forma, uma vez que os aspectos descritos pelos jornais compuseram ou contribuíram para construir visões ou imagens dos integrantes da Coluna Prestes quando de sua travessia pelo Ceará.

Exemplificando algumas dessas visões aos membros da Coluna, a cor vermelha poderia significar possíveis vínculos ao comunismo, idealismo estranho e ameaçador a vários segmentos conservadores da sociedade na época. Porém, constatamos, a partir dos conteúdos analisados dos noticiosos do período, que não houve uma exposição ou discussão pormenorizada sobre os significados do comunismo e o papel do anticomunismo, assim como uma ligação íntima com a Coluna Prestes e que pudessem acender um debate na sociedade cearense sobre a rotulação do Movimento pelas ideias comunistas.

Já a aparência desfigurada em meio a barbas ou vestes desgastadas, ou mesmo os hábitos alimentares considerados animais, povoavam a mente das pessoas. Seriam homens ou animais? Em suma, significações da Coluna Prestes. E esses significados de alguma forma configuravam ações de repúdio ou desdém da Coluna.

O teor do texto, nesse caso, sobre aqueles elaborados pelos redatores dos impressos, referente aos membros da Coluna Prestes, devem ser percebidos além da aparência externa ou da mensagem superficial, pois neles existem interdições, entreditos ou não-ditos. Esses mecanismos, além de dizer algo, também podem propor ausências ou omissões que nos fazem refletir quanto os documentos são perpassados por interesses e como eles são passíveis de questionamentos. Longe de acusarmos uma legitimidade ou não dessas frações, deduzimos que essas apresentações dos jornais propiciaram compor imagens verbais dos membros da Coluna Prestes. E mais, esses textos jornalísticos além de comporem imagens desvelam ações, pois “os textos são nele mesmos, atos e posições. Dizer é fazer”.⁵⁵

⁵⁵ PROST, Antoine. As palavras. In: REMOND, op. cit., p. 317.

Em continuidade, o jornal “O Nordeste”, em uma extensa reportagem referente à incursão dos membros da Coluna Prestes, descreveu a estada dela em uma fazenda cearense, localizada na região do Vale do Jaguaribe, apresentando aspectos e elementos do Movimento e de seu cotidiano como curiosidades estranhas e alheias à população. Nessa fazenda, os membros da Coluna acamparam por menos de 48 horas para se recuperar do cansaço físico. O curto espaço de tempo de estadia ou passagem se explica pelas próprias táticas militares, pois o grupo corria perigo de ser emboscado pelas forças legalistas que os perseguiram.

A citada reportagem foi produzida por um dos correspondentes do citado jornal e auxiliado pelo próprio dono da propriedade, o senhor Brasil Pinheiro. Segundo sua narrativa, os integrantes da Coluna ficaram acampados na fazenda “Espírito Santo” que pertencia ao seu tio paterno. Naquele lugar, os integrantes da Coluna teriam chegado em grande número, uns montados em animais e outros a pé, utilizando-se de armas.

Em sequência, o depoente referenciou os nomes das lideranças do Movimento: Luiz Carlos Prestes, Miguel Costa, Siqueira Campos e Lourenço Moreira Lima. Esse último secretário e redator da Coluna, que, ao adentrar na residência, pediu um quarto da casa ao proprietário e que ele lhe fornecesse distâncias deste local em relação a outras localidades cearenses e regiões, como: Juazeiro do Norte, Crato, Fortaleza, Icó, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Em nível de informação, a Coluna era gerida por um sistema organizacional interno. Constituíam-se além das lideranças, a citar os tenentes e capitães, os agregados que aderiram à Marcha quando de sua passagem pelas inúmeras localidades do território nacional. Havia também a presença de mulheres, apesar de número restrito. No geral, os inúmeros membros que a compunham se distribuíam em variadas funções, desde aquelas de caráter militar (ataque e defesa) às ocupações civis, tais como: médico, farmacêutico, cozinheiro, costureiro, redator, tipógrafo, sacerdote e outros.

Enfim, a Coluna Prestes era direcionada por regras e funções, necessárias para um “movimento em movimento” que dificilmente permanecia além de 48 horas em uma mesma localidade. Assiduamente realizavam reuniões para traçar planos de ofensivas e defensivas, mudanças de percurso ou itinerário diante das circunstâncias do momento. A Coluna ainda possuía um

pequeno jornal, “O libertador”, que era confeccionado nas localidades por onde passava. Já outra ação bastante peculiar dos integrantes da Marcha era libertar os presos das delegacias assim como cortavam o sistema local de telegrafia e interditavam as linhas férreas.

Retornando à reportagem citada acima, segundo as falas do senhor Pinheiro, a casa ficou guarneçada por quatro oficiais da Coluna que proibiram aqueles que não tivessem autorização dos líderes da Marcha de entrarem na residência. O depoente também versou sobre os casos de pilhagens e que, além delas, foram apreendidos bens particulares, tais como ouro, prata, dinheiro em cédula e leva de animais como cavalos para montaria. Do estado físico dos integrantes da Coluna, o autor apresentou que foi montada uma tenda para os feridos. Eles eram cuidados por dois membros de formação médica e farmacêutica, citando que parte dos combatentes da Coluna, além de feridos, estavam com pernas e braços amputados.

Na mesma edição, foram apresentados também alguns hábitos dos integrantes da Coluna Prestes:

[...] Foi feito um caldo às carreiras, pela tropa, sem tempero posto em pratos de agath, colocados sobre as próprias pernas. Recusaram mesas sobre as quales refeioassem sobre a alegação que estavam habituados a comer pela forma por que os estavam fazendo [...] Por galinhas são verdadeiras raposas. E’a carne preferida, mas por superstição, não comem e nem matam gallos de terreiro. Não tiram couro do gado e nem pellam suinos. Cortam-lhes com pello e tudo, um pedaço – de preferencia da região lombar – enfiam-no num espeto e comem como uns verdadeiros bichos, puxando com as mãos e rasgando com os dentes [...] onde acamapam fazem samba ao ar livre. Trocam realejos de bocca harmônicas e ganzá. Dansam, uns com os outros, cantam desafios, etc. o diabo solto no momento que não será capaz de fazer o que essa gente faz! [...] A tropa dormia ao relento, no chão, nos açudes, pelos mattos, nos limpos, à beira das cercas, nos leitos dos caminhos, nos curraes, etc.[...] Este é sempre - < até a volta!> (do que nos livre Deus!). Geralmente, abraçam e pedem desculpas dos encommodos dados. Pudera não!⁵⁶

Notadamente, o trecho transcrito nos revela que, para além dos elementos do terror e do medo elaborados e divulgados pelos impressos ao exporem os casos dos saques, também apontavam para aspectos de outra natureza, intrinsecamente, associados aos costumes dos sujeitos do Movimento, considerados “estranhos” à população cearense.

⁵⁶ Jornal **O Nordeste**, Fortaleza, 23/02/1926, p. 01.

Tentando elucidar essa questão, percebemos que, para os periódicos locais, os aspectos culturais da Coluna beirariam a barbárie, a exemplo de seus hábitos alimentares. De alguma forma, divulgar esses aspectos mais íntimos da ordem da sociabilidade dos membros da Coluna seria também um mecanismo de construção de significâncias para o Movimento, promovida pelo impresso.

Considerando os aspectos mencionados, indicamos que o papel dos jornais transmuta qualquer sutil ou desprestigiada apresentação. Assim, sugere-se atentar às redes político-culturais, nas quais esses impressos se inserem. Neste caso, nos reportamos à imprensa brasileira, em específico a cearense, que foi um importante veículo de combate à Coluna Prestes. Grosso modo, devemos pensar seus vínculos e os contextos, e como suas produções são elaboradas e construídas. É por essa ótica que damos sequência à discussão.

1.2 Os jornais cearenses e as alianças políticas (local e nacional) na campanha anti-Coluna.

Por construirmos nossa pesquisa pelo enfoque histórico, aspectos de ordem contextual são necessários, ao passo que nos ajudam a compreender a construção de representações sobre a Coluna Prestes em um determinado momento. Tais quais os sentidos atribuídos ao Movimento pelos meios de comunicação, nos reportamos aos impressos cearenses que reforçavam a campanha anti-Coluna promovida pelo Governo da época, que tinha como presidente Artur Bernardes. Nesse bojo, atentamos para as plurais funcionalidades dos impressos na promoção do Governo, na medida em que compactuava com este na campanha contra a Coluna.

Para além do caráter noticioso acerca da Coluna Prestes em território cearense, apresentado pelos impressos, eles cediam espaços para a publicação de telegramas oficiais, cartas de autoridades, notas policiais e notas oficiais. Nesse caso, percebemos as multiplicidades de usos do impresso e as possibilidades de jogo que imprensa se utiliza diante de circunstâncias e interesses. Pela lógica, o jornal não está alheio ou desprendido de contextos.

Dentre as fontes históricas que compõem o *corpus* documental da referida pesquisa, trabalhamos com alguns noticiosos do período de maior circulação pelo estado. Neste caso, referenciamos os jornais “O Nordeste” e o “Diário do Ceará” e outros impressos, não de menor importância, mas que, em função de alcance mais restrito, aparecem de maneira pontual no texto. Sobre esses, apresentamos os jornais “Gazeta da Serra”, “O Sitiá” e o “Correio da Semana”.

Na composição dos jornais impressos disponíveis para o desenvolvimento da pesquisa, procuramos mapeá-los, atentando saber quem eram seus produtores e verificar seus posicionamentos políticos e valores morais. Enfim, aspectos que estão na alçada do método e rigor histórico. Embora sempre a bom uso, utilizamos os jornais, pensando neles como interessantes fontes históricas e produzidas no “calor do momento”. Porém, para essa questão chamamos atenção, aos caprichos ou sedução da

informação, pois não devamos cair no artífice da notícia jornalística ao pensarmos que ela é reflexo absoluto do real.

Notícias, reportagens, artigos, cartas e outros elementos presentes nos jornais estudados precisam ser compreendidos por dentro e por fora, nas teias das relações sociais, culturais e políticas. Assim, devemos ter em mente que a confecção de uma determinada notícia é perpassada por uma seleção, organização, um crivo do que deve ser produzido, de como ser divulgado e pra quem se destina.

Sem dúvida, para esta pesquisa, o jornal “O Nordeste” foi explorado, não de maneira aleatória ou nas esmiúças de suas questões de ordem técnica, uma vez que ele não é o objeto central da pesquisa, mas pelas suas peculiaridades quanto à atuação a favor do Governo (federal e local) e declaradamente contrária aos ideais e ações da Coluna, nos é interessante apontar alguns elementos. Com isso, é notório salientar que este impresso foi um dos poucos do período e de conhecimento nosso que cobriram a travessia da Coluna por outros estados nordestinos.

Destacamos nele notícias referentes à passagem da Coluna Prestes nos estados do Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, entre outros. Porém, dentro do período que nos interessa, limitemo-nos a comentar sobre a atuação daquele no que concerne aos retrates da incursão da Coluna por território cearense. Sobre “O Nordeste”, Araújo comenta que “[...] era o que representava mais abertamente um segmento social, priorizando o caráter doutrinário com uma forte militância doutrinária social da Igreja, na formação de bons costumes.”⁵⁷ Em suas matérias jornalísticas, era visível seu apoio às forças de coalizão anti-Coluna assim como à elaboração de contrapontos entre os atos patrióticos dos legalistas e população cearense e das atitudes dos membros da Coluna Prestes.

Outro impresso que promoveu uma vasta cobertura da passagem da Coluna Prestes e apoiou o Governo no combate ao movimento “rebelde” foi o “Diário do Ceará”. Esse periódico surgiu no ano 1920 e perdurou até a década de 30 do século XX. Constituído pela fusão de outros dois impressos, “Folha do

⁵⁷ ARAÚJO, Erick Assis de. **Nos Labirintos da cidade**: Estado Novo e o cotidiano das classes populares em Fortaleza. Fortaleza: INESP, 2007, p. 35.

Povo” e “Estado do Ceará”⁵⁸, sob a direção de Hergenildo Firmeza, atuou na campanha anti-Coluna, expressando em suas páginas um teor mais político no que concernia às questões de apoio ao Governo e das próprias medidas de aniquilação do Movimento liderado por Prestes. Desse periódico, pelas edições consultadas, foi perceptível seu desempenho à discussão política, ao pautar as tramas políticas envolvendo o Governo e a Coluna. Percebendo essas nuances, podemos pensar como se configurava parte da imprensa na década de 20. Nessa alusão, recorremos a Sodré quando coloca que “a grande imprensa fez do tema político a tônica de sua matéria – tal como a política era entendida e praticada na velha República oligárquica.”⁵⁹

Quanto aos demais noticiosos, nos chamam atenção por não serem produzidos na capital do estado, Fortaleza. Proprietários, produção e público pertenciam a localidades do interior do Ceará. O jornal “O Sitiá”, impresso da cidade de Quixadá, na região do sertão central, direção e propriedade de Eusébio de Sousa, apresentou uma produção interessante de notícias sobre a travessia da Coluna; porém, em menor proporção se comparado com “O Nordeste” e o “Diário do Ceará”. Acerca do impresso quixadaense, apontamos como maior peculiaridade a publicação da carta do líder político e religioso Padre Cícero Romão Batista, residente na região do Cariri cearense, direcionada a Luiz Carlos Prestes. Intitulada de “Caros Patrícios”, essa carta revelou em seu conteúdo elementos peculiares referentes à visão do religioso quanto aos integrantes da Coluna Prestes em travessia pelo Ceará e dos atos de seus membros. Entretanto, nosso intuito é discutir essa questão mais à frente.

Mencionamos ainda o jornal “Gazeta da Serra” com direção e propriedade de Manoel Miranda. Esse impresso circulante na região da Ibiapaba, onde algumas localidades foram percurso da Coluna, trouxe, em edições esporádicas, notícias e comentários referentes à Marcha. Já o jornal

⁵⁸ Segundo Geraldo da Silva Nobre, o surgimento do ‘Diário do Ceará’ ocorreu a partir da junção dos impressos ‘Folha do Povo’ e ‘Estado do Ceará’ que eram “respectivamente órgãos ‘rabelista’ e ‘aciolino’, havida em consequência da pacificação operada na política estadual com ascensão, ao governo do presidente Justiniano de Serpa”. Ver: NOBRE, Geraldo da Silva. **Introdução à História do Jornalismo Cearense**. Edição fac-similar/Fortaleza: NUDOC/Secretaria do Estado do Ceará – Arquivo público do Ceará, 2006, p. 140.

⁵⁹ SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4ª edição. RJ: Mauad, 1999, p. 323.

“Correio da Semana”, noticioso da cidade de Sobral, na região norte do Estado, se apresentava pela formação e direcionamento religioso, tendo como responsável o padre Leopoldo Fernandes e, vinculado à Igreja Católica. Ressaltamos que, com relação a este impresso, tivemos acesso de alguns poucos exemplares disponíveis avulsamente; porém, não nos deixa de ser relevantes, pois se caracterizam como interessantes fontes escritas no que tange à composição das produções jornalísticas locais que trataram acerca da passagem da Coluna Prestes.

Após a apresentação dos jornais cearenses do período que cobriram a passagem do Movimento por terras cearenses, constataram-se que os citados impresso, mesmo com suas particularidades, davam apoio ao Governo nas suas campanhas em rechaçar o movimento dos ditos “revoltosos”. Além disso, notamos uma rede de sociabilidade das produções e produtores envolvidos ao comungarem de notícias em prol dos interesses governamentais, nas reportagens cedidas de um veículo a outro e amplamente divulgados em suas edições.

Ainda concorrendo para a compreensão da atuação dos jornais na construção de representações da passagem da Coluna Prestes no Ceará, apontamos os contextos históricos da época, na tentativa de elucidar questionamentos sobre como se constituiu a Coluna Prestes e como se apresentava a conjuntura política no cenário nacional e local do período.

Para compreender a realidade social e histórica tomada como epicentro desta pesquisa, fez-se necessário compreendermos o contexto social e político da sociedade brasileira da década de 20 do século XX. Nesse caso, variados historiadores trouxeram luz a inúmeras discussões sobre o Brasil republicano, tanto no que concernem às temáticas como problemáticas⁶⁰. Em virtude das delimitações do presente trabalho, pontuamos levemente aqui

⁶⁰ Sobre o Brasil republicano ver: JANOTTI, M^a de L. Mônico. O diálogo convergente: políticos e historiadores no início da República. In: **Historiografia brasileira em perspectiva**. 5^a ed., SP: Contexto, 2003. GOMES, Ângela de Castro (org.) **A República no Brasil**. RJ: Ed. Nova Fronteira/FGV/CPDOC, 2002. RESENDE, M^a Efigênia Lage. O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico. In: **O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930**. RJ: Civilização Brasileira, 2003. LEAL, Victor Nunes. Coronelismo, enxada e voto- o município e o regime representativo no Brasil. SP: Alfa- Ômega, 1975. GOMES, Ângela de Castro. Venturas e desventuras de uma república de cidadãos. In: **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. RJ: Casa da Palavra, 2003, p. 152-167.

alguns aspectos contextuais necessários. Após o término da Primeira Guerra Mundial, o país passou por um período de várias transformações de ordem sociopolítica. O café, símbolo da política cafeeira e representado pelas oligarquias rurais, cristalizadas na personagem do “coronel”, lentamente abria espaços no cenário político, ocasionados pela ação de alguns segmentos da sociedade civil, tais como a pequena burguesia nacional e os profissionais liberais. A urbanização e a industrialização começavam a modificar o cenário brasileiro; cidades como Rio de Janeiro e São Paulo exemplificavam esses processos.

Havia uma insatisfação com os direcionamentos políticos do País, a centralização do poder estava nas mãos das oligarquias rurais e o desencadeamento de problemas sociais geraria várias insatisfações no âmbito político-social. Alguns movimentos de vanguarda alterariam parte da rotina da Primeira República. Nesse mosaico, poderíamos elencar: a Semana de Arte Moderna em 1922, que chamaria atenção pra um país que precisava se libertar vícios políticos e sociais, voltando-se para manifestações pelos aspectos culturais; a fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB); e, por fim, o Tenentismo, desencadeado por militares rebelados – nesse caso, os tenentes.

Para alguns, o movimento dos tenentes rebelados não passaria de reivindicações desordenadas voltadas para a própria corporação. Porém, a repercussão de seus atos nas ruas dos principais centros urbanos do país materializou-se como um dos maiores manifestos contra a política vigente da época no Governo Artur Bernardes.

Em meios às agitações daquele momento, o maior desdobramento do Tenentismo nos anos 20 do século XX seria a Marcha desses tenentes rebelados do exército que, a partir da junção do movimento dos tenentes paulistas e gaúchos, formou a “grande marcha”, designada Coluna Miguel Costa-Prestes. Tenentismo e Coluna Prestes não seriam sinônimos, apenas um desdobramento do primeiro. Sem dúvida, a marcha da Coluna Prestes teve notória repercussão na sociedade brasileira e, em menor escala, no cenário internacional.

Diante da complexidade da temática, e pelas nossas delimitações, não adentraremos em questões mais complexas sobre o Tenentismo, apenas esboçaremos nossas referências ao movimento tenentista em esfera contextual

e apresentaremos alguns elementos pontuais e indispensáveis à nossa discussão.

No tocante às considerações sobre o Tenentismo, Fausto formula que foi “um movimento político e ideológico difuso de características predominantemente militares, onde as tendências reformistas autoritárias aparecem em embrião.”⁶¹ Ademais, ressaltamos, pelo levantamento bibliográfico realizado para esta pesquisa, que, até hoje, o Tenentismo também fomenta interessantes estudos.

Pela polêmica que rodeia o tenentismo nos anos 20 do século XX, tendo como maior desdobramento a marcha da Coluna Prestes, Anita Prestes pondera que devemos perceber que os tenentes apesar de serem vinculados ao exército, e objetivarem interesses particulares em meio a conflitos internos da própria corporação, não estariam alheios às crises da sociedade brasileira naquele momento, pois, antes de tenentes, eram cidadãos. Em sua maioria, eram oriundos das classes médias urbanas, justamente os segmentos que fizeram oposições à política da Primeira República. Assim, as feições do tenentismo se processariam “nesse complexo emaranhado de relações sociais.”⁶²

Entretanto, discussões pormenorizadas acerca do Tenentismo ficariam para outra perspectiva, já que o enfoque é sobre a passagem da Coluna Prestes no Ceará. Por isso, retornando levemente a discussão, poderíamos apenas considerar, a bom senso, que um dos significados do Tenentismo foi seus atos de contestação à política de Artur Bernardes, então presidente da época. Dentre as façanhas tenentistas, houve várias ações contestatórias ao próprio exército e à política do País e que teve como pontapé inicial o episódio do “Os dezoitos do forte”⁶³ e das variadas incursões no interior do estado paulista. Naquela oportunidade, iniciava-se, então, a formação das colunas: a coluna paulista, liderada por Miguel Costa, e, em seguida, a coluna gaúcha, liderada por Luiz Carlos Prestes que marchava da Região Sul. Desse encontro,

⁶¹ FAUSTO, Boris. **A História do Brasil**. 2ª edição. São Paulo: EUDUSP, 1994.

⁶² PRESTES, op. cit., p. 73.

⁶³ Revolta dos 18 do Forte de Copacabana em 5 de julho de 1922, considerada a primeira revolta do movimento tenentista no contexto da Primeira República em ofensiva ao então eleito presidente Artur Bernardes.

houve a unificação do movimento, partindo para outras partes do território nacional.

Entre 1925 e 1926, no seu roteiro a Coluna já colecionava incursões pelas regiões do Sul, Sudeste e Centro-Oeste e rumando, em seguida, para o Nordeste. Entre baixas de contingente interno e das variadas adversidades de percurso, o Movimento continuou seu itinerário, sendo até hoje lembrada como a marcha “invencível”, pois, apesar dos inúmeros conflitos, a Coluna não teria se rendido às forças de Artur Bernardes em nenhuma ocasião.

Retornando ao nosso cerne, destacamos que, vindos de incursões pelos estados do Maranhão e Piauí, os membros da Coluna tinham sofrido em Teresina, capital piauiense, uma importante baixa particular: a prisão de um seus líderes, o tenente Juarez Távora. Aliado a essa fatalidade, a maioria dos integrantes do Movimento apresentava evidentes sinais de cansaço físico e doenças, como o surto de malária, adquirida pela passagem no Maranhão.

De um todo, seu efetivo se encontrava desgastado em virtudes dos combates bem como das próprias exaustivas andanças por extenso território nacional. Em tempo, a Marcha perdurava mais de um ano. E mesmo assim, debilitada, prosseguia sua jornada e naquela ocasião rumava ao Ceará, onde houve, sem fugir à regra dos demais estados da federação, mobilizações contra a Coluna Prestes e o desencadeamento de conflitos armados.

Das mobilizações de resistência à penetração da Coluna pelo Ceará, podemos elencar da seguinte forma: no campo armado, as forças legalistas eram compostas por membros do exército, polícias estaduais, fazendeiros, jagunços e civis. Já no campo político-ideológico, poderíamos mencionar, aparentemente em menor escala, o apoio de instituições religiosas, como a Igreja Católica, e da imprensa cearense. Porém, o nosso objetivo não foi julgar quem teria maior relevância, mas, sim, perceber as configurações de organização em prol de rechaçar o movimento dos tenentes.

Com isso, percebemos que havia uma articulação envolvendo vários segmentos na produção de práticas e discursos contra a Coluna quando de sua passagem por território cearense.

Diante da emergência da situação causada pela presença da Coluna, uma das primeiras medidas tomadas pelo governo, por meio da chefia de polícia do Ceará, foi promulgar estado de sítio no território cearense:

Nota policial:

O doutor chefe da Policia deste estado, torna publico que, em virtude da decretação do estado de sitio para o Ceará, adoptou as seguintes providencias:

- a) não consentirá em qualquer manifestação ou apreciação contra atos das autoridades constituídas, ou sobre a acção dos rebeldes que acabam de invadir as fronteiras do Estado, para cuja repressão usará de medidas facultadas por lei;
- b) não permittirá agrupamentos nas praças e vias publicas sob qualquer pretexto que os possa justificar;
- (c) nenhum viajante poderá ingressar e retira-se do Estado, sem o indispensavel salvo-conducto expedido pelo gabinete de identificação.⁶⁴

O documento oficial foi publicado por vários impressos do período e sendo reapresentado em outras edições. Aparentemente, a nota policial apontou para o controle do espaço local, objetivando repassar a população que qualquer manifestação de caráter suspeito no entendimento do governo seria passível de punição.

Sobre os entendimentos do artifício da promulgação do estado de sítio pela polícia do Ceará, a publicação da nota policial pelos variados impressos locais, concorria certamente para a campanha anti-Coluna. O documento apresentado em negrito como transcrevemos do texto original, destacado em primeira página dos jornais, revelou de alguma forma a importância dada ao momento na medida em que atentava para apreensão da presença da Coluna em proximidades. De certa forma, também disseminava o medo, e este diretamente associado aos membros da Marcha, que, até então, eram desconhecidos da população local. O estado de sítio perdurou até a saída da Coluna do território estadual.

Percebe-se que, apesar da medida ter sido adotada em combate aos integrantes da Coluna, o seu conteúdo se aplicaria à sociedade civil local, subtendendo-se que poderia haver um suposto receio das autoridades no que concernia às populações locais, quanto uma possível adesão aos ideais do Movimento.

Como se sabe, nalgumas localidades de outras regiões do País, os integrantes da Coluna foram acolhidos pacificamente. No Nordeste esse papel ficou a cargo do estado do Maranhão. Segundo Anita Prestes, nesse, houve uma considerável situação oposicionista às oligarquias locais governantes,

⁶⁴ Jornal **O Nordeste**, Fortaleza, 16/01/1926, p. 01.

representantes do partido republicano local. Nesse meio, até alguns impressos locais aderiram à causa da Coluna, assim como sujeitos adeptos ao Movimento. A autora pontua que “a simpatia pelos rebeldes da Coluna Prestes era muito grande”. O jornal “Folha do Povo”, que saía na capital do Estado [...] chegava a abrir manchete para saudar os “pioneiros da Liberdade.”⁶⁵

Entretanto, o caso daquele estado seria uma exceção em terras nordestinas, pois as maiores ofensivas em combate aos “revoltosos”, no cenário nacional, ficaram por conta de estados dessa regional do território nacional, especificamente Bahia, Paraíba, Pernambuco e Ceará. Embora a passagem da Coluna no Ceará perdurasse pouco tempo, a ofensiva cearense teve espaço considerável.

De alguma forma, evidenciamos que dos cerceamentos à Coluna no interior cearense, houve, além das investidas das forças oficiais, o apoio dos impressos de circulação no Ceará. Assim, pensamos na necessidade da historicidade da imprensa entrelaçadas em diretrizes mais amplas, mas que devem ser entendidas nas suas conjunturas locais. No Maranhão, a Coluna receberia, em determinada medida, até o apoio de jornais importantes. Já no Ceará, a experiência foi outra.

Pelas evidências, no estado cearense, havia uma consonância entre o governo e segmentos sociais locais, polícia, autoridade políticas, personagens religiosos, proprietários rurais, assim como dos importantes impressos de circulação. Nesse entrelaço, a travessia da Coluna Prestes no interior cearense foi pautada por combates aos seus intuitos pela atuação dessas articuladas forças.

Quanto à conjuntura política cearense naquele período, primeiro destacamos relativa ausência de produções historiográficas ou de documentações acessíveis. Apesar de nosso trabalho não se pautar, estritamente, numa análise sobre a política cearense da década de vinte do século XX, algumas observações se tornaram necessárias, uma vez que se reportam a moldura contextual relacionada a passagem da Coluna Prestes em solo cearense. Como observado anteriormente, o Ceará, naquele tempo, se apresentou com um dos estados da federação contrária a passagem do

⁶⁵ PRESTES, op. cit., p. 225.

Movimento, organizando mecanismos de combate ao movimento dos tenentes. Na esfera administrativa estadual, o governo do estado era chefiado por José Moreira Rocha, vinculado ao Partido Conservador da “oligarquia Accioly”.⁶⁶ Lembremos que importantes oligarquias locais tiveram atuação importante na administração política do Ceará.

Porém, o que nos chama atenção quanto aos desdobramentos de ofensiva a travessia da Coluna Prestes no Ceará foi da ausência, ou melhor, da minimização do papel do governador cearense. Quem de fato teve destaque ou assumiu essa função, foram a lideranças caririenses, através de Floro Bartolomeu e Padre Cícero Romão Batista. Afinal, a principal articulação contra os tenentes rebelados no Ceará foi organizada por Floro Bartolomeu com o chamado Batalhão patriótico, tendo como sede a cidade de Juazeiro do Norte.

Dar-se a entender, que as relações políticas entre o governo federal de Artur Bernardes, desejoso do fim do movimento da Coluna, e as forças políticas cearenses, especificamente da região do Cariri cearense se deram, supostamente, sem a mediação do governador Moreira Rocha. Denotando-se também que se havia um harmônico ou interessante dialogo entre os líderes locais caririenses e Artur Bernardes, então presidente da República.

Então, indagamos por que tamanho destaque ao coronel Floro Bartolomeu e seus aliados locais nessa tarefa? Por um lado, devemos destacar a importância da região do Cariri no final do século XIX e início do século XX. Naquele tempo houve intrínsecos eventos locais que tiveram destaque a nível nacional, como a ascensão de Padre Cícero como líder religioso (milagreiro), mediante ao “fenômeno sobrenatural”, transformando Juazeiro numa “Meca” religiosa, o crescimento e emancipação política da cidade, a vocação e atuação política do Padre, juntamente com Floro Bartolomeu e, por fim, a sedição de Juazeiro⁶⁷, evento de feição política.

⁶⁶ FREITAS, Airton. **História do Ceará**: da Pré-História ao Governo Cid. Gomes, 2ª Edição. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2007, p. 199.

⁶⁷ Revolta que aconteceu em 1914. Envolveu as oligarquias cearenses e o governo federal. Naquele tempo, Hermes da Fonseca, presidente do país, elaborou “a política das salvação”, tendo como principal medida intervir na política dos estados e evitar que oposicionistas se elegessem. No Ceará, tal prática foi implementada, derrubando do poder a oligarquia Accioly com a nomeação de Franco Rabelo. Um dos contestadores dessa medida, Pe. Cícero, acabou sendo perseguido por Rabelo que decretou a invasão de Juazeiro do Norte. Entretanto, essa tentativa fracassou, uma vez que a cidade se encontrava guarnecida. Após a expulsão das tropas de Rabelo, Floro

Mesmo não ficando amplamente claro, aspectos contextuais e pormenorizados da política cearense acerca da década de 20, diante de limitações, relativamente, alheias a essa pesquisa, o estudioso Ralph Della Cava tece uma observação bastante pertinente sobre a aliança política caririense com o governo de Artur Bernardes:

Em 1926, os laços do Cariri com o governo federal revelaram-se ainda mais recíprocos [...] Quando a famosa Coluna Prestes atingiu o Ceará, em princípio de 1926, coube ao deputado Floro Bartholomeu, com aprovação do então presidente Artur Bernardes, organizar o Batalhão Patriótico de Joazeiro para derrotar “os rebeldes” antigovernistas [...] a atuação de Floro contra a Coluna Prestes marcou um ponto de vantagem para o Cariri, como uma “terceira força política” dentro do Ceará, garantindo favores federais e as compensações no âmbito regional.⁶⁸

Com isso, vemos que se abre margem para uma série de discussões sobre a política cearense e das forças políticas interioranas com o governo federal, propiciando assim interessantes problemáticas.

Já quanto à atuação das diretrizes políticas de Fortaleza, a capital, supomos que não houve uma resistência ou situação contrária aos esforços governamentais federais em combate a Coluna, apesar do ofuscamento ou do papel minimizado perante o desempenho de Floro e de Padre Cícero.

Retornando aos usos dos impressos na façanha de relatar o evento, outros destaques foram dados acerca dos esforços das forças legalistas por meio de matérias jornalísticas elaboradas:

O povo e acção do governo

Podemos informar ao publico, com absoluta segurança que os governos do Estado e da União congregam esforços no sentido de garantir a ordem, entre nós e para os que se acham inteiramente aparelhados. Impõe-se a todos o dever de confiar no governo e prestigiá-lo, pondo de lado qualquer dissidio de ordem subalterna para se lembrarem todos da sua obrigação precipua, que é reagir à invasão dos rebeldes contra a lei [...] Felizmente não vae faltando às autoridades o concurso do povo. De vários pontos vem chegando offerecimento ao governo, numeroso pessoal já viaja para Fortaleza,

Bartolomeu seguiu ao Rio de Janeiro com intuito de conseguir apoio político contra a interventoria instaurada no Ceará. Em tempo, os seguidores de Padre Cícero iniciaram uma marcha para Fortaleza, Capital do Ceará, na tentativa de derrubar Franco Rabelo. Sobre a sedição de Juazeiro ver: DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. RJ: Paz e Terra, 1976. TAVARES NEVES, Napoleão. **Cariri**: ninho da história regional, berço de heróis, de mártires e de santos. Crato: Edições IPESC-URCA, 1997. NETO, Lira. **Padre Cícero**: poder, fé e guerra no sertão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

⁶⁸ DELLA CAVA, op. cit., p. 253 e 254.

onde vão se concentrar para uma ação eficiente e prompta, dadas as forças disponíveis.⁶⁹

A matéria tratava da ocupação do município de Ipu e da ameaça de “invasão” a outra cidade vizinha e estratégica do Ceará, o município de Sobral. Entretanto, apesar das prontidões de defesa gerenciados pelas forças de Coalizão, o pânico era uma das marcas do momento, pautadas pelas tensões com a presença da Coluna. Às notícias jornalísticas que se referiam aos membros da Coluna, geralmente, associavam-se o medo e o terror. Já em relação às ações do governo, as edições dos impressos conferiam uma exaltação aos feitos governamentais de combate à marcha, ao passo que incitava a população local creditar apoio às forças de coalizão anti-Coluna.

Nessa matéria, foi informado que o Governo (federal e estadual) não deixaria de tomar medidas para aniquilar o movimento dos ditos “rebeldes” e uma dessas medidas seria a formação dos terceiro batalhão patriótico.

Quanto aos batalhões patrióticos, foram forças legalistas compostas por vários sujeitos sociais arregimentando desde militares oficiais até civis recrutados, que tiveram como principal formação, no estado do Ceará, o “Batalhão Patriótico – Floro Bartolomeu”, em alusão ao líder político da região do Cariri, que residia na localidade de Juazeiro do Norte, e incumbido de rechaçar o Movimento. Segundo informações divulgadas nos jornais, o batalhão era composto por um total de aproximadamente 1.500 homens, tendo como Q.G (quartel-general) a própria cidade de Juazeiro.

A ideia de formar variados batalhões patrióticos, possivelmente, resultava das próprias estratégias políticas do governo do estado de descentralizar as forças de coalizão anti-Coluna da capital do estado, uma vez que a marcha penetrava pelos rincões cearenses, em um período de incipientes ligações entre as variadas regiões do estado; ou seja, as vias de transporte terrestre eram constituídas por uma malha ferroviária não tão extensa, estradas “carroçáveis” e outras formas mais simples de acesso.

Outro ponto seria evitar uma hipotética invasão das tropas de Prestes à cidade de Fortaleza, pois uma possível invasão daquela pelos membros da Coluna e, conseqüentemente, a vitória do movimento nessa localidade, refletiria num desprestígio dos esforços do governo federal e estadual. Essa

⁶⁹ Jornal **O Nordeste**, Fortaleza, 15/01/1926, p. 01.

apreensão foi desencadeada por rumores que o elenco da Coluna marchava em direção a Fortaleza, assim como aconteceu na cidade de Teresina, capital do estado do Piauí, quando foi acometida pela “invasão” dos membros do Movimento.

As articulações cearenses deslocaram a maior parte de seu efetivo para as fronteiras do estado cearense, em regiões estratégicas de penetração; nesse caso, as áreas de divisas com outros estados. Por outra, os méritos da Coluna eram creditados pelos inimigos, pois era imprevisível adivinhar com precisão onde a tropa dos “rebeldes” emergiria. Evidentemente, a Coluna foi gerida em meio a estratégias e táticas militares e sabia como poucos enganar ou despistar adversários.

Nesse panorama, parte das forças de combate ao movimento dos tenentes concentrou-se na região do Cariri, na cidade de Juazeiro do Norte. Curiosamente, essa localidade, a princípio, não estaria numa possível rota da Coluna Prestes; porém, foi nela que se organizou o Batalhão Floro Bartolomeu.

Da atuação do político, um dos impressos relatou:

A acção do deputado Floro Bartholomeu na defesa da ordem legal.

Joazeiro, 6 – a residencia de Floro Bartholomeu tem estado repleta de gente vinda de todos os pontos, offerecendo seus serviços em prol da legalidade. Os alistados aumentam diariamente, attingindo nesse momento a numero consideravel.

Estão recebendo fardamento afim de partirem para as fronteiras.

Joazeiro tem agora o aspecto de praça de guerra, reinando intenso enthusyasmio na população.

[...] De joazeiro apenas se retirou uma familia sendo notavel a confiança da população na acção do dr. Floro visto por todos como uma solida garantia de ordem.⁷⁰

Esse efetivo se destacou pela pomposa estrutura, no que se refere a armas, munições e homens para combate. Com isso, não poderíamos deixar de evocar intrínsecos personagens da política do Cariri cearense, envolvidos na campanha anti-Coluna.

Notadamente, protagonistas da política cearense daquele período, como Floro Bartolomeu da Costa e o Padre Cícero Romão Batista, representavam poderes, articulados em alianças oligárquicas. Quanto ao papel de Padre Cícero na campanha contra a Coluna, um dos indícios dessa

⁷⁰ Jornal **Diário do Ceará**, Fortaleza, 08/01/1926, p. 01.

investida foi a produção de uma carta dirigida a Luiz Carlos Prestes e publicada nos jornais do período.

Pela peculiaridade do conteúdo, transcrevemos no corpo do texto o documento:

O padre Cícero concita os revoltos a deporem armas.

O trabalho a ser transcripto, pelo maximo criterio que presidiu a sua elaboração, pertence ao numero dos que reclamam divulgação de nodo a ser bastantemente conhecido por aquellas pessoas que desejam ver a Patria engrandecida restabelecendo-se a paz que tanto se amciona.

Escreveu o reverendo Padre Cícero:

Caros patricios

Venho-vos convidar á rendição. Faço-os, firmando na convicção de que presto serviço á patria pra cuja grandeza devem palpitir os vossos corações de patriotas.

Acredito que já nutris esperanças na victoria da causa pela qual, há tanto tempo pelejais, com exeptional bravura. E' tempo, portanto de retrocederdes no arduo por que seguís e que agora, tudo está a indicar, vos vai conduzindo o inevitavel abysmo. Isto, sinceramente, enche-me a alma de sacerdote catholico e brasileiro de intraduzíveis apprehensões, dominando-a de indefinivel tristeza.

Reflexo de meu grande amor ao Brasil, esta tristeza. Assevero-vos firmemente, é uma resultante dos conhecimentos que tenho inauditos sacrificios que estais impondo a Nação entre os quaes incluo com notável relevo, o vosso próprio sacrificio e dos muitos companheiros que são vossos alliados na expectativa de resultados, hoje, provadamente impossiveis.

Confrange-me o coração e atormenta-me incessantemente o espirito esse innominável espetaculo de estar observando brasileiros contra brasileiros, numa lucta fratricida e exterminadora que tanto nos prejudica vitais interesses no interior quanto nos humilha perante o estrangeiro. Accresce-se que para uma Nação jovem e despovoada como é a nossa, as actividades constantes de cada cidadão representam um valor inestimavel ao impulsionamento do seu progresso. De modo que, para se fazer obra de impatriotismo basta não contribuir para paralyzação dessas actividades, ou para o desvio de sua applicação construtora. E' o que estaes fazendo, involuntariamente, talvez

Assim sendo, é claro que se outros vultosos males não acarretasse ao Paiz a campanha que contra elle sustentaes, bastaria attendardes nessa importante razão para vos demoverdes dos propositos de luta em que persistis.

Entretanto, deveis refletir ainda na viuvez e na orfandade que, com penalizadora abundancia, se espelham por toda parte; na fome e na miseria que acompanham os vossos passos, cobrindo-vos de

maldições dos vossos patricios, que não sabem compreender os motivos da vossa tormentosa derrota através do nosso gracioso hinterland.

E' pois, em nome desses motivos superiores e porque conheço o valor pessoal de muitos dos moços que dirigem esta malfadada revolução que ousa vos convidar a todos os companheiros a depordes as armas. Prometto-vos, em retribuição á atenção que derdes a esse meu convite, todas as garantias legais e bem assim me comprometo a ser advogado das vossas pessoas perante os poderes constitucionais da Republica, em cuja patriotica complacencia muito confio e deveis confiar também.

Deus queira inspirar a vossa ansiedade e confiança. Deus e o amor da pátria sejam vossos orientadores, neste momento decisivo de vossa sorte cujos horizontes me parecem toldados de sombrias nuvens.

Outrossim: é meu principal desejo vos salvar da ruina moral em que, insensivelmente estais embrenhado com os feios atos e desregramento consequentes da revolução e que, certamente, conduzirão a uma inevitável ruína material. Lembrae-vos de que sois moços educados, valentes soldados do Brasil, impulsionados nesse vosso corajoso tentamen por um ideal, irreflectido embora e que, entretanto, estaes passando, perante a maioria dos vossos compatriotas, por scelerados comuns já se vos tendo entristecedor. Deixai, por tanto, a luta e voltaí á paz; -- paz que será abençoado por Deus, bemdita pela patria aclamada pelos vos concidadãos e, pois, só nos poderá conduzir a felicidade. Deus e a patria assim querem, e eu espero que assim o fareis.

Com toda atenção susbescrevo-me, vosso patricio mais grato

Padre Cicero Romão Baptista. ⁷¹

Na carta, Padre Cícero Romão Batista expôs seu pensamento em relação à ação da Coluna. O discurso contido se alinhava, em certo ponto, aos propósitos do Governo federal e estadual de mostrar a sociedade os perigos que representavam os “revoltosos”. Essa publicação, entendida como uma representação, apresentou uma posição não apenas de reprovação aos membros da Coluna diante dos conflitos desencadeados entre esses e as forças legalistas, mas também de solução do caso a partir de sua rendição, ao passo que os chamavam de “corações patriotas”, demonstrando uma posição estratégica de diplomacia. Dessa forma, em nome do patriotismo e da concórdia, solicita o fim dos conflitos. Num jogo de palavras e proclames, prezava-se pela paz nacional em depreciação aos atos da Coluna Prestes. A

⁷¹ Jornal **O Sitiá**, Quixadá, 07/02/1926, p. 01.

nosso ver, a montagem do argumento tinha como prerrogativa desbaratar os conflitos e o desejo em pôr fim o movimento.

Mesmo percebendo-se por essa ótica, ainda nos é caro entender qual(is) a(s) funcionalidade(s) do documento. Poderia significar uma emboscada aos membros da Coluna, uma vez que a cidade de Juazeiro era o QG do deputado Floro Bartolomeu à frente da patriótica ou seria apenas um ato humanitário da natureza “virtuosa” de um sacerdote. A destacar, lembremos que o religioso transitava em funções religiosas e políticas no Cariri cearense, exercendo cargos políticos como de prefeito municipal dessa localidade, evidenciando uma prática simbiótica de religião e política bastante presente nas redes de sociabilidade do Nordeste brasileiro.

Reportando-nos à carta dirigida a Prestes, tal empreendimento, por fim, não conseguiu o “baixar guarda” da Coluna, pois ela permaneceu em seus desenrolares pelos sertões cearenses. Ademais, atentamos que o jogo de palavras utilizadas na carta montou uma vontade, um desejo não aleatório, mas perpassado por interesses. Afinal, o líder religioso estaria vinculado à causa das oligarquias e Governo contra a Coluna Prestes.

Ainda sobre o documento, íntimo, em certa medida, pois foi remetido do Padre e destinado a Prestes e apresentado nos jornais, poderia ter como intento demonstrar quão figura ilustre estava a serviço da Pátria, ou como uma forma de fortalecer a causa daqueles que queriam, a qualquer custo, aniquilar o movimento dos tenentes, angariando e/ou fortalecendo apoio de segmentos sociais como o religioso. Atentamos que, na região do Cariri, os seguidores do religioso constituíam uma expressiva parcela de apoio aos seus intentos.

Outro ponto observável acerca do documento e da referência dada ao religioso é que o texto da carta de Padre Cícero foi antecedido por um texto menor, editado pelo jornal, apontando para a “virtuosa” ação da personagem religiosa. Com isso, reforçamos que o líder religioso se configurava como sujeito influente em questões de caráter político e social, para além de uma mera função religiosa. O pensamento do Padre Cícero, de alguma forma, não deixaria de ser uma “arma” de combate à Coluna.

Entre contextos, não poderíamos deixar de apontar para a peculiaridade das atuações de Floro Bartolomeu e de Padre Cícero na campanha anti-Coluna. A atuação de ambos é relevante além do que

poderíamos pensar quanto às articulações políticas em combate à passagem da Coluna Prestes pelo estado cearense.

Diante do avanço do Movimento, cada estado da federação ficou incumbido de organizar segmentos de apoio ao Governo Federal e combater os ditos “revoltosos”. O Ceará teve como principal personagem envolvido o deputado Floro Bartolomeu e dentre outros vários sujeitos imersos nas tramas contra a Coluna. Destacamos também o líder religioso Padre Cícero, que mantinha estreitos vínculos com o deputado Floro. Nessa conjuntura, Padre Cícero teria sido designado, após a ausência de Floro Bartolomeu, a mediar o apoio de bando de Lampião, exímio conhecedor dos sertões nordestinos, a aderir à causa do governo e aliados na campanha anti-Coluna.

Assim, pensamos que a atuação do Padre quanto ao contexto político daquele momento foi além da própria carta direcionada a Luiz Carlos Prestes. Das articulações políticas do Padre, além do envio da mesma que “teria sido levada por uma beata de grande estima pessoal do Padre”⁷², mencionamos o “episódio da patente”⁷³. Foi nesse cenário que adentrou Virgulino Ferreira, o “Lampião”, e seus cangaceiros, até então perseguidos por autoridades políticas (governos federal e estadual). Eles teriam sido sondados como possíveis reforços das forças legalistas.

Tidos como “bandidos” ou “foragidos” da lei, em virtude de suas ações, os cangaceiros do bando de Lampião poderiam naquele momento ser um proveitoso aliado na luta contra a Coluna. De alguma forma, vemos que, por circunstâncias específicas, aos artífices do campo político, podem resultar outros traçados. Nesse caso, os cangaceiros, alvos do governo, passaram a ser uma possibilidade na campanha anti-Coluna. Por si, percebemos quão as

⁷² BARROS, Lutigarde Oliveira Cavalcanti. **A Derradeira Gesta**. Lampião e Nazarenos guerreando no Sertão. RJ: FAPERJ, 2000, p. 285.

⁷³ “O episódio da patente” refere-se aos boatos da aproximação da Coluna Prestes para as fronteiras do Ceará. Nesse ínterim, o deputado Floro teria, supostamente, cogitado, por meio de uma carta, o apoio de Virgulino Ferreira, o “Lampião” e seu bando a participarem do Batalhão Patriótico. A negociação com os cangaceiros resultaria na isenção de seus crimes, ao passo que os mesmos receberiam, como honra, uma patente de oficial das forças legais, chamada de “patente da patriota”. Em meio à situação, Lampião e seu bando teriam comparecido à cidade de Juazeiro do Norte, localidade onde se concentrava organização das forças legalistas. Entretanto, naquele momento Floro Bartolomeu, responsável pela situação, se encontrava no Rio de Janeiro, acometido por problemas de saúde. Em virtude de sua ausência e com a presença do Bando na referida localidade, Padre Cícero, aliado político de Floro, teria mediado essa conversação.

articulações políticas são dinâmicas e como elas podem propor ou concretizar alianças consideradas imagináveis ou impraticáveis.

Para essa questão, evidenciamos que a atuação dessas duas personagens, apesar de convergentes aos interesses oligárquicos e governamentais em esfera política local, promoveu uma relação “amistosa” com Virgulino Ferreira, o “Lampião”, e seus cangaceiros. E que, até hoje, muito se especula sobre esse episódio e se de fato teria ocorrido essa aliança ou quais seriam as feições desta possibilidade.

Pela tentativa de Floro Bartolomeu, algumas produções apontam como uma assertiva, embora atenuada por controvérsias. Já acerca de um confronto direto entre “cangaceiros” e “revoltosos”, em terras cearenses, que ora se desvelam, talvez esse suposto combate tenha se gerido no âmbito do imaginário popular.

Interessante mencionar que não constatamos, nos jornais pesquisados no período da travessia da Coluna Prestes por solo cearense, notícias referentes ao caso da possibilidade de aliança entre Floro Bartolomeu e o bando de Lampião. Sobre tal questão, podemos intuir duas possibilidades: uma relacionada às estratégias de combate à Marcha, pois poderia ser um plano de feição sigilosa e, de algum modo, a utilização do bando de Lampião resultaria numa alternativa ou elemento surpresa de ataque à Coluna. Por isso, talvez a necessidade de minimizar informações sobre a suposta façanha. Nessa suposição, pontuamos ainda que os jornais, em nível nacional, apesar de serem importantes aliados na campanha anti-Coluna, eram acometidos, em determinados aspectos, por censura ou controle do governo quanto aos conteúdos divulgados sobre o movimento dos tenentes e das ações das tropas governistas.

Assim, provemos pensar que a não-divulgação de determinadas notícias, nesse caso, da sondagem do bando de Lampião por Floro Bartolomeu, concorria às estratégias de luta, tal como uma forma de desorientar, desinformar ou emboscar o inimigo. Já outra possibilidade de compreensão poderia se referir ao aspecto de uma aliança de caráter duvidoso, uma vez que envolvia cangaceiros, personagens polêmicos à luz da sociedade da época. Talvez, expor essa questão nas páginas de impressos de orientação moralista e conservadora resultasse em controversas ou dividisse

opiniões, em um momento em que o alvo central era a marcha dos tenentes rebelados. Embora a questão da sondagem do bando de Lampião para auxiliar no combate à Coluna Prestes fosse velada pelos jornais, eles não pouparam menções aos personagens da política do sul do estado cearense: Padre Cícero e Floro Bartolomeu, envolvidos na campanha anti-Coluna.

Como já pincelado anteriormente, o Cariri cearense não foi foco central da passagem da Coluna Prestes; porém, havia o temor que os membros da marcha adentrassem cidades como Crato e Juazeiro do Norte. Entre possibilidades, Maria Isaura Pereira de Queiroz tece que a atuação do Padre Cícero em combate à Coluna ocorreu porque “somente este tinha o poder suficiente para impedir que a massa popular sertaneja se inclinasse para os revoltosos.”⁷⁴

Com isso, podemos pensar que a região do Cariri cearense assumiu importante destaque ao se tornar o quartel de organização dos mecanismos de defesa do território cearense e ataque à Coluna, na medida em que o então líder religioso também detinha expressiva influência político-religiosa entre seguidores e aliados locais. Segundo Barros, o Padre Cícero em determinadas situações atuou pelo método conciliador de interesses, tal qual a preservação da cidade de Juazeiro do Norte em relação à presença de Lampião. Assim, podemos pensar que uma das características dessa personagem foi atuar no meio político pelo artifício da diplomacia, revestida na função de autoridade religiosa. A destreza é surpreendente nessa situação em específico, pois, segundo a autora, o religioso teria enviado a carta antes mesmo da formação do Batalhão Floro Bartolomeu, correspondência datada de 20 de fevereiro de 1926.⁷⁵

Consoante a essa questão, atentamos para as funcionalidades do Padre Cícero, ao compreendermos que, apesar de o religioso ser representado pela sua função clerical, à primeira vista, ele não estava alheio à conjuntura política do país naquele momento em que se pautava pela repercussão da marcha da Coluna Prestes e da perseguição de Artur Bernardes ao Movimento.

⁷⁴ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O mandonismo local na vida brasileira**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, USP, 1969, p. 108.

⁷⁵ BARROS, op. cit., p. 285.

Em atuação de combate à Coluna, o Batalhão Floro Bartolomeu se deslocou da cidade de Juazeiro do Norte rumo à cidade de Campos Sales, território de fronteira entre os estados do Piauí e Ceará, e de onde os membros da Coluna se aproximavam. Segundo as fontes documentais, houve algumas “cruzadas de fogo” nas proximidades desta localidade, envolvendo os legalistas e os membros da marcha.

No tocante à mobilização do Batalhão Floro Bartolomeu, esse episódio foi registrado nas páginas do jornal “Diário do Ceará”:

Joazeiro, 11 --- hontem ás 17 horas sob o comando do coronel Pedro Silvino, seguiu para Campos Salles o primeiro batalhão patriótico organizado pelo deputado Floro Bartholomeu, com effectivo de 500 soldados.

No momento da partida o padre Cícero proferiu eloquente allocução, explicando aos patriotas a sua elevada missão na defesa da legalidade. Recommendou a todos que saibam cumprir o seu dever com obediencia aos seus superiores.

Terminada a allocução, o batalhão desfilou garbosamente entre delirantes aclamações de nunca menos de 10000 pessoas.

A banda de musical puxou o batalhão até fóra da cidade.

Diariamente a começar de hoje, partirão contingentes de cem homens, até completar o total de 1000 combatentes.⁷⁶

Diante das investidas da Coluna ao incursionar pelo estado cearense, suas fronteiras foram guarnecidas pelas forças legalistas. Em meio aos confrontos, foram registradas e divulgadas pelos impressos algumas “trocas de fogo” nas proximidades de Campos Sales e circunvizinhanças com atuação do Batalhão Floro Bartolomeu. Mas, sem dúvida, o maior confronto em proporções de repercussão se deu na cidade de Crateús, onde ocorreu a morte de dois integrantes da Coluna Prestes. O cerco de Crateús teve tamanho burburinho pelos impressos cearenses da época que foi divulgada como “A resistência heroica de Crateús”.

O conflito de Crateús que envolveu as forças legalistas e a Coluna foi contemplado pelos impressos como a vitória do povo cearense e dos esforços governamentais. Embora o conflito não tenha aniquilado a Coluna, apenas resultando na recuada da Marcha dessa localidade, representou para as forças de coalizão anti-Coluna uma “grande” façanha. Na construção dessa visão, os jornais não deixaram de moldar a face vulnerável do Movimento, pontuando seu suposto desmantelamento e que, não tardiamente, resultaria no seu fim.

⁷⁶ Jornal **Diário do Ceará**, Fortaleza, 13/01/1926, p. 01.

Devemos atentar que, naquele momento do conflito em Crateús, apenas o pelotão João Alberto esteve em combate, pois o “grosso” da Coluna liderado por Luiz Carlos Prestes seguiu em direção à cidade de Arneiroz, localidade onde ocorreu o encontro das demais divisões da Marcha.

Outro meio publicado pelos impressos e dedicado ao assunto da presença da Marcha em território cearense foi os telegramas que dispunham de considerável espaço nos textos jornalísticos. A maior parte era remetida por prefeitos de localidades do estado, que acompanhavam o desenrolar da travessia da Coluna Prestes por solo cearense, assim como de outras autoridades públicas.

O conteúdo dos telegramas voltava-se para exaltação do “espírito combatente” das tropas legalistas em prol da atuação dos batalhões patrióticos e da depreciação das atitudes do movimento “rebelde”. Evidenciamos nesses impressos um maior número de publicações de telegramas referentes à passagem da Coluna Prestes, quando houve o já mencionado “conflito de Crateús”. O teor desses telegramas apontava para os feitos “heroicos” das forças legalistas por terem rechaçado o movimento nessa localidade.

Naquele momento, a massa de notícias destinada à travessia da Coluna atingiu relevante notoriedade. Pela peculiaridade, vemos que os periódicos traziam uma gama de informações relacionadas à Coluna, a atuação do Governo e o conflito de Crateús. Foi nesse jogo que os telegramas publicados apareceram. Sendo importantes informantes, porta-vozes da sociedade cearense ao demonstrarem solidariedade aos feitos das tropas legalistas, apoio ao governo e repulsa à Coluna.

Vejamos algumas passagens dos telegramas publicados pelo impresso “Diário do Ceará”, relacionados ao conflito na cidade de Crateús:

A secretaria da presidência informa ter s.exc. O Sr. Presidente do Estado recebido os seguintes telegramas:

Quixadá 19 – apresentamos a v.exc. calorosas felicitações significativas victoria das forças leaes, onde a bravura e a intepridez dos nossos soldados se fizeram notadas. Applaudimos gesto maxima energia do vosso honrado Governo em prol da integridade do Ceará. Hypothecando o nosso apoio moral á causa da legalidade. Saudações Nilo Tabosa, Prefeito; Eusebio de Sousa, Juiz de Direito; Avellar Rocha, Juiz Municipal.

Assaré, 18 - Causou maxima satisfação heroica resistencia de Cratheús feita pela policia do nosso querido Estado. communico a v.exc que o nosso municipio não pode passar indifferente movimento

revolucionario e garantimos defender territorio contra a horda dos rebeldes. Tertuliano Catonho, Prefeito Municipal

Viçosa, 19 – congratula-me com v.exc. pelo brilhante exito alcançado em Cratheús pela policia do Estado contra os rebeldes. População tranqüila exulta entusiasmo Saudações. João Benici Fontelle.

Campos Salles, 18 – Sciente telegrama eminente Chefe Estado. congratulando v.exc. pela brilhante victoria alcançada nossa policia combate Cratheús. Defesa essa fronteira acha-se bem guardada e tudo faremos sem medir sacrificios pela victoria da legalidade. Saudações Joaquim Lima, Prefeito.

São Benedicto, 19 – Congratulo-me com v. exc. Pelo brilhante feito das forças leages em Cratheús representadas pela nossa brava policia estadual. Saudações. Francisco Sabino, Prefeito.

Arraial, 19 – Sciente. Solidario vosso Governo em defesa da legalidade, dou parabéns a v.exc. pela victoria de Cratheús. Saudações. Salles Filho.

Sobral, 19 – Sciente vosso oficial n. 467. Congratulo-me com vossa excia. Pelo triumpho legal Cratheús. Aqui tudo bem. Cordiaes saudações. Antonio Mendes Carneiro. Prefeito Municipal.⁷⁷

Nessa reportagem, foi publicada uma série de telegramas acerca dos conflitos. Contudo, externamos apenas alguns fragmentos, levando em consideração, além do conteúdo, quem eram esses remetentes. Pode-se observar que a maioria das missivas correspondia aos prefeitos municipais e autoridades, como já mencionado.

A quantidade de telegramas expostos por esses impressos, lembrando que eles também foram publicados noutros impressos de circulação, demonstrava a repercussão que teve o conflito de Crateús e a suposta vitória das forças legalistas. Reportagens e telegramas formavam um misto que incrementavam o arsenal de informações sobre o conflito, ao passo que tornavam público os feitos das forças legalistas em uma campanha empreendida pela logística da informação e do combate armado contra a Coluna Prestes.

Voltando à reportagem citada, lembremos que alguns dos telegramas foram remetidos por sujeitos de outras localidades externas ao espaço cearense, como da União e de outros estados. Dos telegramas, devemos destacar de onde partem as falas, quem as produz e os interesses em jogo. Geralmente, esses telegramas publicados nas edições dos noticiosos provinham de famílias oligárquicas, coronéis e pessoas letradas. Pensando por esse viés, os jornais publicavam as falas de aliados, contribuindo ordenadamente para a construção de uma visão depreciativa ou hostil à

⁷⁷ Jornal **Diário do Ceará**, Fortaleza, 20/01/1926, p. 01.

Coluna. Assim, indagamos: será que, se alguém quisesse remeter, naquela época, um telegrama em apoio à Coluna seria publicado por esses impressos? Pouco provável, pois temos em mente que os jornais de grande circulação naquele momento tinham uma posição bem definida no entremeio das tensões envolvendo a Coluna Prestes e as forças legalistas.

Os telegramas publicados, em demasia, traduziam-se nos apoios aos esforços governamentais, ao passo que compuseram a teia de mecanismos dos impressos, que, além destes, utilizou-se de outros elementos: textos de autoridades, cartas, depoimento de civis. Com isso, esses telegramas não deixaram de ser armas. Não “armas de fogo”, mas importantes artifícios, que, aliados a outros recorridos pelos noticiosos, promoveram, pelo uso das ideias e das palavras, sentidos que ajudaram a construir a campanha anti-Coluna e a moldar significados relacionados à Coluna Prestes.

Contudo, esclarecemos que os jornais nos seus aportes proveram disseminar aspectos a favor de seus aliados. A postura editorial, as formas como foram construídas e os contextos que esses se enquadram evidenciam seus propósitos. No Nordeste, de um modo geral, a Coluna não teria sido bem recepcionada, pois articulações envolvendo variados segmentos aderiram às causas do governo ou se alinhavam a eles.

Quando tratamos de representações, devemos levar em consideração de que grupos partem essas elaborações, assim como os vínculos de seus agentes e motivações. Naquele momento, a relação dos jornais cearenses e seus aliados construiu, por meio de símbolos, expressões e imagens, uma versão da passagem da Coluna Prestes e que, à revelia ou não, proveram uma memória quanto ao evento.

1.3 Os jornais como “construtores de memórias”:

Aos entendimentos da atuação dos jornais quanto à construção das representações acerca da Coluna Prestes pelo Ceará, temos em mente perceber que essas funcionalidades, assim como vínculos, interesses e práticas atreladas aos impressos, instituem e legitimam memórias. Consoante ao argumento, Capelato pondera que “a imprensa age no presente e também no futuro, pois seus produtores engrenam imagens da sociedade que serão produzidas em outras épocas” e que “a reconstituição dos liames entre a história e política implica reverter o sentido do que foi descrito para desvendar os artifícios dos construtores da memória”⁷⁸.

Naquele momento, os jornais impressos cumpriram sua funcionalidade, editando informações, construindo valores e postulando significâncias aos membros da Coluna. Em torno de 21 dias, aproximadamente, de travessia, os impressos direcionados para os ideais do Governo não mediram esforços de relatarem como “trágica” a passagem da Coluna Prestes por solo cearense, sendo marcada pelos saques, pilhagens em meio à sensação do terror associados aos membros da marcha. Mas será que a disseminação do terror ou medo não foi construída por demasia? Pois, em nível de compreensão, esses impressos tiveram a função de relatar a passagem de Luiz Carlos Prestes, João Alberto, Miguel Costa e seguidores, ao passo que eram formadores de opinião.

No tocante às informações produzidas sobre a Coluna Prestes no território cearense pelos jornais, a Marcha seria o sinônimo de “revolta”. O próprio termo, “revoltosos”, perpetuou-se como feição central dos membros do movimento. Representação essa vinculada aos jornais impressos da época, que se desdobraram em saqueadores, impatrióticos e imorais.

Porém, devemos pensar que esses jornais construíram sentidos e significados aos interesses do momento; ou seja, houve uma elaborada campanha anti-Coluna pelo governo Artur Bernardes e que teve, a nosso ver,

⁷⁸ CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1998, p. 25.

relevante contribuição dos impressos vinculados ao mesmo. Sendo assim, provemos que essas produções jornalísticas, disponíveis hoje nos arquivos ou bibliotecas, instituíram e guardam uma memória escrita da Coluna Prestes. Por isso, não poderíamos deixar de questionar tão cristalização, pois essas escritas não se condensam como as únicas produções, que abordam sobre a passagem da Coluna Prestes no Ceará. Pela nossa proposta, apontamos pra outras fontes documentais que aludem ao evento e que nos mostram além de outras visões sobre o evento, e daí outras possibilidades de problematização.

Após o fim do traçado da Coluna Prestes por território cearense, seus indícios ficaram registrados numa pluralidade de fontes documentais. Dos jornais impressos, percebemos suas visões e posições relacionadas aos membros da Coluna, que em particulares situações são confrontadas pelas obras memorialistas e das narrativas orais. Pelo emaranhado de referências, percebemos também que, apesar de a Coluna ser apresentada por produções diversificadas e produzidas em momentos diferentes, elas também denotam semelhanças. Assim, destacamos que, mesmo amplamente propagada pelos impressos, a representação “revoltosos” foi também constatada em outras produções.

Todavia, mesmo salientando que o seu uso nos/pelos jornais revela ou desdobra em uma série de depreciações à Coluna, o mesmo termo “revoltosos”, presente nas obras memorialistas e as narrativas orais elaboraram, a partir de circunstâncias particularizadas do evento – como a morte trágica de dois membros da Coluna que até os dias atuais são cultuados no espaço sagrado, denominado “cemitério dos revoltosos” – e perceptíveis a partir das rememorações, reminiscências ou lembranças de sujeitos, noutras feições que, em dada medida, são contrastantes à visão “depreciativa” dos jornais.

Por tanto, uma das questões que permeiam a representação “revoltosos” é: quem a elaborou. Talvez, o ponto de partida seriam os jornais, pois eles foram aliados do discurso do Governo na campanha anti-Coluna e promoveram construções de imagens e significados sobre os personagens do movimento, instituindo uma memória oficial dos “revoltosos” associados aos elementos do horror, antipatriotismo e imoralidade.

Entretanto, a representação “revoltosos”, diante de circunstâncias particulares, foi apropriada e reelaborada, ofertando outros sentidos. Revoltosos revestidos de rebeldia para uns, de heroísmo para outros, e num caso mais intrínseco, a santidade ou símbolo de martírio aos devotados. Essa é a multifaceta da passagem da Coluna Prestes pelo sertão cearense, concebida entre realidades ou momentos diferenciados e pautada pela pluralidade.

Num todo, ao fogo cruzado das diversas possibilidades, situadas em níveis de análises, advertimos pensar sobre de onde partem ou foram elaboradas essas representações, ao passo que a representação é a forma de os indivíduos construir suas visões de mundo ou de como esses leem ou interpretam as realidades sociais, conferindo-as atribuições e sentidos. Por isso, o termo “revoltosos” se configura pelas multiplicidades de sentidos, pelas disputas e engrenadas por agentes e produtores específicos. Consoante à discussão e longe de simplórias dicotomias, a questão se pauta pela emergência da compreensão das (res)significações de eventos e personagens.

É nesse viés que continuamos nosso caminho pelos percursos da Coluna Prestes no sertão cearense, agora analisando as produções memorialistas, concebidas noutro momento e envolvidas por outras situações. Percebendo a relevância das obras memorialistas, alertamos que elas não estão desprendidas do curso das memórias, apesar de serem logradas, por alguns, como arestas ou distantes de uma “versão oficial”, nesse caso, nos reportamos à trajetória da Marcha por cenário cearense. De algum modo, essa questão denota as disputas em torno do evento que desvelam nas entrelinhas das plurais produções visões diferenciadas e conflituosas.

SEGUNDO CAPÍTULO

“A platéia, o senhor, a senhora, você” – Entre o olhar particular e evidências: as obras memorialistas.

Uma idéia na cabeça, uma pergunta na boca, os recursos de um método nas mãos e um universo de fontes diante de se a explorar. Parece que o historiador tem um mundo à sua disposição, pois tudo lhe parece capaz de transforma-se em história. Tudo é realmente fonte, caco, traço, registro, vestígio e sinal emitido do passado à espera do historiador? Tudo pode ser realmente, convertido em tema e objeto da história? (PESAVENTO, Sandra Jatahy)

Outro tempo, outro “lugar social”, outros produtores; porém, o mesmo tema da saga dos tenentes. Agora, incitamos a refletir, seguindo o caminho das produções memorialistas que aludem acerca da travessia da Coluna Prestes no sertão cearense. Tendo como um dos elementos de análises as produções locais, podemos elencar em tela: “A Coluna Prestes no interior do Ceará”⁷⁹, de José Antônio Marrocos, e “A Marcha da Coluna Prestes através do Ceará”⁸⁰, de padre Geraldo de Oliveira Lima, constituindo-se como referências aos estudos sobre a temática.

⁷⁹ MARROCOS, José Antônio. **A Coluna Prestes no interior do Ceará**. [S.l.: s.n.], 1984, n.p.

⁸⁰ LIMA, op. cit..

A priori, iniciamos a discussão tecendo um breve, mas necessário, comentário sobre novas perspectivas da história em relação à amplitude documental legitimada por essa ciência humana que proporcionou, em certa medida, um enriquecimento no que concerne à compreensão dos processos históricos, mas também comedida por uma inquietação: nós, historiadores, ao aderirmos e tentarmos dar cabo à constelação de fontes documentais, composta por jornais, revistas, narrativas orais, imagens, monumentos, obras

literárias, letras musicais, biografias e outras, assim como problemáticas entrelaçadas por inúmeras teorias e metodologias, corremos o risco de cair em um labirinto sem saída. Apesar de temerosa a proposição, não se tem outra escolha. A lógica é enfrentar assim como assumir nossos limites.

Essa inflexão serviu para pensarmos como entender e tratar específicas modalidades de produção referente aos eventos do passado que, no decorrer de uma pesquisa, emergem como peças fundamentais na tessitura de reflexões quanto ao objeto em estudo. Nesse caso, remetemo-nos a um dos focos em análise, quando trouxemos ao âmago os trabalhos tecidos por aqueles que não foram reverenciados pela academia. Com isso, concorreremos para além de um diálogo, dar vez e mérito às escrituras memorialistas que, apesar de não se esmerarem em arcabouços teóricos e metodológicos, fundamentos imprescindíveis à construção da ciência histórica, não devem ficar à margem ou nebulosa ao nosso olhar.

Ao adentrarmos no mundo das representações construídas acerca da marcha da Coluna Prestes pelo sertão cearense e captarmos entendimentos diversos quanto às configurações sobre o evento, pela ótica das produções memorialistas, pensamos qual o significado conceitual que o próprio gênero desvela; ou seja, como a produção memorialista se legitima como construtora de imagens e visões acerca do passado.

Nesse caso, reportamos às obras locais que aludem sobre o movimento dos tenentes quando de sua passagem pelo Ceará e por entendermos as representações com um conjunto de discursos e práticas elaborados em momentos específicos que ambicionam dizer algo ou como concebem algo. Assim, as obras memorialistas lançaram um salutar desafio no que tange às decifrações da travessia da Marcha.

Diante da especificação, atentemos a uma questão: como dar o devido tratamento, sem cairmos em uma posição de exaltação ou, por outro caminho, em um pretensioso desdém? Em princípio, devemos pensar que existe uma diferenciação entre o trabalho do historiador e do memorialista e uma das questões se esbarra em: quem tem o papel de “guardião do passado”? Diante de egos evocados, nossa categoria (historiadores) acaba reivindicando tal funcionalidade e negligenciando, não de forma generalizada, aqueles que, despretensiosamente ou não, registraram e compreenderam também o passado.

Tal ação, proferida por parte de historiadores, às vezes processa-se por uma análise menos pormenorizada ou equivocada das escrituras de memória, quando de sua utilização ou apenas como uma recorrência de feição ilustrativa. Vistos como sujeito e objeto de natureza estranha, o memorialista e sua produção acabam sendo mal compreendidos no que pertence à relevância da concepção do registro e da visão dos processos históricos. E assim, a tônica da situação, às vezes, resulta em um sentimento de indiferença.

Obviamente que, na atualidade, algumas questões foram revistas sobre a relação entre a produção histórica e memorialista, atenuando, em parte, possíveis conflitos. Diante da menção, consideramos que insistir no distanciamento não seja o melhor caminho. E por outra iluminação, a aposta é entender as especificidades do gênero em questão e saber como proceder metodologicamente quando lançamos mão da produção memorialista como fonte de pesquisa.

Mesmo considerando as diferenciações entre o fazer do historiador e do memorialista, não cabe aqui uma discussão pormenorizada no que tange a aspectos epistemológicos e hermenêuticos, visto que o foco do estudo é outro; porém, pontuemos que a via em comum onde transitam a memória e a história é o passado e, se numa visão ortodoxa ou senso comum, a história estaria voltada pra historiador e a memória ao memorialista, tal divisão foi colocada em xeque.

A memória, antes vista apenas por sua feição subjetiva e controversa, relegada ao segundo plano ou mesmo desprezada nas análises dos estudos históricos, passou a ser objeto respeitado e indispensável à ciência histórica. Assim, *Clio*, a musa da história, se reaproximou de sua genitora, *Minemosine*,

símbolo da memória. E dessa aliança alegórica, não tão harmônica, mas numa crescente, resultaram interessantes debates e compreensões relacionados ao passado. Consoante a Pesavento: “História e Memória são representações narrativas que se propõem uma reconstrução do passado e que se poderia chamar de registro de uma ausência no tempo”.⁸¹

Diante da abrangência e da complexidade em torno da relação história e memória, voltemos nossa mente ao entendimento específico sobre as chamadas “memórias escritas”. Como narrativas do passado e que foram elaboradas na tentativa de registrar e blindar do esquecimento eventos e personagens, a categoria poderia ser entendida, como menciona Pesavento, pelo papel da *anamnese* que se traduziria na memória forçada e pensada, relacionada ao registro do passado.

Sobre a noção, a autora tece:

A memória voluntária, na qual existe um empenho de recuperar, pelo espírito alguma coisa que tenha ocorrido no passado. O final desse processo de rememoração seria dado pelo reconhecimento de quem rememora, da certeza do acontecido: foi ele, foi lá, foi assim. O reconhecimento se opera por um ato de confiança, que confere veracidade a rememoração.⁸²

Tocante aos pormenores que constituem a noção conceitual, devemos atentar a uma questão fundamental que permeia os registros memorialistas: a existência de um hiato entre o acontecimento e o momento em que se dá a evocação. Com isso, e entendendo a memória como processo, visualizamos que o tempo narrado não seria um *continuum* ou mera cópia do tempo vivido⁸³. Isso nos faz pensar que os autores/produtores incumbidos de escrever sobre determinados eventos e tramas do passado estabelecem um crivo do que deve ser evocado, registrado e cristalizado nas narrativas, *a posteriori*.

Assim, as produções de memória não seriam relatos totalizantes sobre determinados momentos do passado, mas olhares particularizados, perpassados por intencionalidades. Por se tratarem de escrituras memorialísticas, lembremos que dos ingredientes que temperam a memória, as

⁸¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 94.

⁸² Idem, p. 95.

⁸³ Idem, p. 95.

lembranças (rememorações) e os esquecimentos se tornam imprescindíveis ao seu sabor.

Quanto às memórias escritas, reforçamos que os textos ou produções memorialistas possibilitam ampliar o debate sobre eventos e personagens. Assim, as obras memorialistas analisadas, especificamente, nesse trabalho corroboraram para o entendimento da feição caleidoscópica do movimento dos tenentes, pautado pela pluralidade de tramas emergidas por fragmentos locais; ou seja, das memórias escritas e orais produzidas em momentos e lugares diferenciados. Com isso, ressaltamos a relevância das produções historiográficas locais que alimentam variadas possibilidades de compreensão da Coluna Prestes que se traduzem por si na complexidade de signos. Então, nosso intuito pautou-se em perceber como as produções de memórias, constituídas à luz das experiências do vivido e do não-vivido dos autores e imbuídas de intencionalidades, configuraram significados entre os liames da memória e da história, relacionados à Marcha.

Por termos como foco uma apreciação sobre as representações da travessia do Movimento em solo cearense, as obras memorialistas citadas acima ganharam um importante espaço nesse estudo. Trabalhos marcados por aspectos intrínsecos, pois se tratam de produções que a princípio não se enquadrariam em nenhuma corrente historiográfica específica, tal como se revestem de uma carência metodológica e teórica. Mas advertimos que nem por isso deixam de ser uma escrita (produção) sobre o passado. No nosso caso, nos direcionamos as memórias/histórias sobre a passagem da Coluna Prestes pelo interior do Ceará.

Todavia, o ponto central, em auferirmos um espaço dedicado a esses trabalhos, foi da própria emergência que envolveu a problemática lançada ao objeto que articula três modalidades distintas de produções: jornais impressos, obras memorialistas e narrativas orais.

Nas produções memorialistas, um dos aspectos cruciais ao seu entendimento é perceber as motivações dos produtores/autores e como a partir de suas visões particularizadas e/ou sentimentalizadas culminaram textos não tão elaborados, do ponto de vista dos parâmetros das produções acadêmicas, mas ricos pelos detalhes, com a exposição de momentos, feitos e ações

relacionadas à presença da Coluna, nos dando subsídios para variantes reflexões acerca do evento em estudo.

Num todo, devemos pensar como os registros memorialistas apresentaram ou relataram a incursão da Marcha pelo estado cearense. Também ressaltamos que uma das preocupações do trabalho foi tentar contemplar de maneira equilibrada a análise das fontes documentais que compuseram a problemática. Embora o enfoque central no presente capítulo fosse dar espaço e atenção às compreensões das produções memorialistas que cerceiam sobre a Coluna Prestes, buscou-se mergulhar nos conflitos, apropriações e (res)significações sobre o Movimento, a partir do entrelaço do corpus documental.

2.1 “A Coluna Prestes no interior do Ceará”, de José Antônio Marrocos: tessituras sobre a “harmônica” presença dos tenentes na cidade de Ipu.

Com a aproximação dos revolucionários mas chamados naquela época de revoltosos, as asas ligeiras e multiplicadas de boatos invadiram o Ipu, os sítios das serra e as fazendas o sertão. Muitas famílias, sobressaltadas se transferiram para lugares que lhes pareciam mais protegidos pela distancia ou por dificuldades de acessos.⁸⁴

Foi assim que José Marrocos apresentou a aproximação da Coluna Prestes em Ipu, localidade situada na Região da Ibiapaba e portal de entrada de um dos segmentos da Marcha, o 4º Destacamento, liderado por João Alberto. O destaque da narrativa foi sobre o caso do temor e a apreensão da população do lugar, pois notícias apontavam para uma possível invasão de Ipu, considerada uma das passagens naturais entre os estados do Piauí e Ceará.

Entre os relatos sobre o evento, a partir da ótica da produção, tecemos algumas considerações quanto à sua estruturação, assim como do lugar social do escritor, pois, de algum modo, as representações são visões construídas em contextos específicos e que, para compreendê-las, é necessário analisar a relação entre aqueles que produziram os discursos. Assim, autor (produtor) e discurso (produção) seriam uma simbiose. Primeiramente, consideramos que, apesar de o livreto enunciar uma narrativa sobre a passagem da Coluna Prestes no estado cearense, dando uma ideia de um estudo total sobre o percurso da Marcha, capta-se que a mesma dedicou espaço, exclusivamente, à travessia e à estadia do Movimento na citada localidade. Contudo, são perceptíveis também algumas frações, quanto ao contexto daquele momento, a citar o caso da presença da Coluna Prestes na cidade de Teresina e da prisão do tenente Juarez Távora na cidade piauiense. Ocasão que preconizou a saída de parte da Coluna desse estado, rumando, em seguida, para solo cearense.

De forma sintética e sendo confeccionada em torno de 14 páginas, a publicação ocorreu no ano de 1984, após 58 anos da eventualidade. A escritura memorialista mostrou um olhar da Coluna Prestes, tendo como mote

⁸⁴ MARROCOS, op. cit., n.p.

as memórias de moradores locais e do próprio autor, que, na época da passagem, era jovem e, ao narrar sobre o evento, elucidou algumas reminiscências⁸⁵. No que concerne à sua formação, ponderamos que ele não enveredou pelo caminho acadêmico da ciência histórica e tal motivação se deu por sua apreciação aos estudos regionais, além de sua experiência com o evento:

Antônio Marrocos de Araujo nasceu na cidade do Ipu (Ceará) em 1906. Filho de José de Assis de Araujo e de Francisca Lima de Marrocos de Araujo, tendo cinco filhos e oito netos. Passou sua infância na cidade natal, começando em Fortaleza suas atividades profissionais no ramo de seguros na Sul América, passando pela Equalitativa, não só no Ceará como em Pernambuco [...] Ao lado de suas tarefas profissionais dedicou-se a formação de uma biblioteca especializada em literatura regional e história brasileira, conseguindo reunir um valioso acervo. Em sua residência à rua General Eloy Alíaro 209 (Vila Mariana), Em São Paulo, recebeu estudioso sobre os temas de sua predileção.⁸⁶

Um dos elementos peculiares no livreto foi a forma narrativa do autor que ora se utilizou da primeira pessoa para descrever sobre aquele momento, entremeado a seu cotidiano. Com isso, percebemos um conjunto de memórias particulares ou familiares no jogo do evento. E assim, pontuamos quão revelador se egressa a produção, pois a passagem/presença do Movimento foi captada a partir de sua experiência e percepção. De algum modo, “A Coluna Prestes no interior do Ceará”, embora constituída pela síntese, pois se tratou de uma obra pequena, denotou algo bastante elucidativo e rico nas compreensões das representações elaboradas sobre a Coluna Prestes na cidade de Ipu.

Vejamos outro trecho:

Madrugada de 13 de janeiro de 1926, cinco horas da manhã, mamãe me acorda, dizendo:
- “Os revoltosos estão entrando na cidade”
Morava na praça que tem no centro o mercado, o lado norte. Levantei-me e ainda de pijama caminhei para esquina da casa de D. Adelaide Martins. Vi então um pelotão de 10 homens, montados a

⁸⁵ Compreende-se reminiscência como um *flash*, ou seja, pelos lampejos das lembranças, o passado é evocado. Entre vagezas, os fragmentos de memória emergem (re) configurando momentos ou eventos. Consoante as ponderações de Bosi ao interpretar o pensamento de Halbwachs quanto os significados da lembrança, o ato de lembrar não se encerraria em si num simples reavivamento do passado, mas sim como uma reconstrução pelas imagens e ideias do tempo presente sobre as experiências do passado. Quanto a questão ver: BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças dos Velhos**. 2ª Edição. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1987.

⁸⁶ MARROCOS, op. cit., n.p.

cavalo, fuzis, ou rifles e tiracolo ou na lua da cela em marcha lenta, buscando o rumo da estação da estrada de ferro.⁸⁷

Note-se que José Marrocos narrou, detalhadamente, as primeiras aproximações da Marcha, direcionando o foco para o drama familiar. A crônica cotidiana tornou-se, a nosso ver, o fio condutor da produção, nos dando subsídios para pensar como os fragmentos localizados ou intimizados, ampliam o horizonte sobre os entendimentos do complexo tema da Coluna Prestes. Seguidamente, o escritor foi apresentando as movimentações iniciais dos integrantes da Coluna. Um das situações abordadas foi o direcionamento dos marchantes à estação férrea. Como já colocado nalgumas passagens do nosso trabalho, era uma prática comum minimizar ou obstruir os meios de comunicação e transporte das localidades incursionadas, já que essa ação dificultava a atuação das forças legalistas que seguiam seus passos.

Em continuidade, vejamos outra interessante passagem da narrativa do autor quanto à presença da Coluna Prestes no Ipu:

Três revoltosos cortaram a praça em diagonal rumo a Igreja. Para lá logo me dirigi de curiosidade. No momento Padre Gonçalo celebrava, no tempo deserto. Eles assistiram em pé parte da missa e vendo o sacristão Manuel do Céu arrumando qualquer coisa na sacristia para se lá se dirigiram e o interrogaram:

- “O Sr. sabe onde mora o tenente e se ele está em casa”?

- “Ele mora naquela casa que apontou”.

“Agora onde está, só compadre Vigário é que sabe”

Deram-se por satisfeitos e esperaram que terminasse a missa e o Padre se desparamentasse. Então se aproximaram e o cumprimentaram, perguntando:

“Reverendo, desejáramos saber onde se encontra o tenente que mora naquela casa”

E apontaram para o lado norte da praça.

- “Onde se encontra não sei” – respondeu:

“Porque o sacristão nos informou que o senhor sabia”

Padre Gonçalo lhes falou que o sacristão era um homem bom, simples e ingênuo e por isso lhe emprestava esse dom de tudo saber. Na verdade tinha conhecimento de que no dia anterior, as quatro praças do destacamento local haviam viajado para Crateús e que o tenente Raimundo Domingues permaneceria na cidade a espera de contingente policial a que se incorporaria e concluiu:

- “Não sei se está em casa, se se escondeu, ou abandonou a cidade.”

Os três revolucionários agradeceram risinhos a sua atenção e despediram-se cortesmente e se dirigiram para residência do tenente, cuja porta arrombaram. Deram uma busca na casa, nas mesas, nas gavetas e parece que nada de importância encontraram, pois logo saíram encostando a porta.⁸⁸

⁸⁷ MARROCOS, op. cit., n.p.

⁸⁸ Idem, n.p.

Aqui, José Marrocos descreveu uma cena, envolvendo os diálogos entre alguns sujeitos do Movimento e do então religioso. O momento foi esboçado pelas lembranças do autor que teria presenciado o encontro. Pela narrativa, elucidamos que esse se deu de maneira harmoniosa, sem conflitos. A cena seria, teoricamente, o primeiro contato do escritor com sujeitos da Marcha; ou seja, foi testemunha ocular do encontro e assim ele apresentou os “revoltosos” como sujeitos educados, pois na narrativa sobre o andamento da conversação dos tenentes com o sacerdote não foi rememorado e descrito nenhum sinal de agressão ou desrespeito a autoridade religiosa.

Destrinchando os fragmentos, começamos a visualizar que o autor registrou elementos que configuraram a Coluna por outras significâncias, contradizendo as visões produzidas pelos impressos da época que enunciavam os membros da Marcha como figuras aterrorizadoras, revestidas por indisciplina, brutalidade, arrogância e desrespeito a população brasileira. Logo em seguida, o diálogo revelou a procura de um legalista, com nome de Raimundo Domingues. Segundo o relato, o oficial seria responsável por proteger a cidade caso ocorresse uma invasão da Marcha. Porém, o autor não aprofundou o relato, não ficando claro qual o sentido da procura dos revoltosos pelo tenente do governo. Pela situação, podemos sugerir que uma das possibilidades seria estabelecer um diálogo ou negociação, uma vez que os integrantes da Coluna estavam presentes na cidade. Quanto aos pormenores de uma suposta negociação, fica incógnita. Ademais, o escritor colocou que Raimundo Rodrigues tivera se refugiado, talvez temendo uma ofensiva dos marchantes, já que Ipu se encontrava desguarnecida.

Como ilustrado, parte do efetivo se dirigiu para a cidade de Crateús, localidade que mais adiante foi palco do confronto entre as tropas da Coluna e das forças legalistas. Por outra, a ausência de ofensiva armada também teria contribuído para uma passagem tranquila da Coluna Prestes na cidade de Ipu; ou seja, pela ausência de grandes ocorrências. Perante os registros, a marca deixada pelo Movimento nessa localidade se deu pelo pacifismo, tanto da população local como dos seus integrantes. Num todo, não foram visualizadas na obra de José Marrocos incidências que concorressem para elaboração de uma visão negativa da Marcha.

Outro registro interessante presente na escritura memorialística foi quanto ao vínculo de parentesco de um dos personagens da Marcha com um morador local. Segundo a obra:

Soube-se então que no penúltimo pelotão que chegou a Estação vinha o valente chefe militar da Coluna, tenente- Coronel João Alberto, irmão por parte de pai do Dr. Apolônio de Perja Bandeira de Barros, antigo juiz de direito de Ipu, falecido por volta de 1922 e onde se encontrava sepultado. Um desaforo abriu o peito ipuense: O chefão era irmão de Dr. Apolônio homem bom juiz reto [...] Uma aura de otimismo e confiança pairou sobre a cidade, restituindo-lhe a alegria que se fora espancada pelo medo.⁸⁹

O autor enlevou ao cerne da narrativa um fragmento que nos força a perceber um possível clima amistoso. Segundo ele, os laços de parentesco teriam atenuado ou execrado algum tipo de conflito. Pelas visões produzidas dos impressos de 1926, seriam inconcebíveis ações harmoniosas da Coluna Prestes com a população local. Assim, a experiência particularizada do evento na cidade de Ipu, a partir da narrativa de José Marrocos promoveu outra história da Marcha, licenciada pelas memórias locais e em específico de suas próprias memórias, uma vez que ele trouxe à tona suas lembranças quando presenciou a passagem da Coluna Prestes na localidade. E o medo, elemento fortemente propagado pelo governo, através de seu discurso anti-Coluna, foi pulverizado na medida do desenrolar das ações da Coluna Prestes no lugar; ou seja, suplantando o clima de pavor por certa cordialidade.

Mesmo elencando elementos que conduziram para tal visão, o cronista descreveu um aspecto que, em dada medida, ainda é controverso quando se trata das ações da Coluna: os casos dos saques, furtos ou roubos. Como já discutido, os membros do Movimento necessitavam de recursos materiais para a sua sustentabilidade e, comumente, os impressos do período se prestavam a narrar os atos dos marchantes, logrando a Coluna a feição da devastação das propriedades e dos mantimentos de subsistência.

Mediante a produção memorialística, a presença da Marcha no Ipu não resultou em uma varredura maciça dos bens locais. Porém, houve uma sondagem dos marchantes sobre o que havia disponível na localidade. Sobre

⁸⁹ MARROCOS, op. cit., n.p.

esse aspecto, teria ocorrido um encontro entre o coronel João Bessa e o tenente da Coluna, João Alberto:

Dali seguiram para o cemitério. No caminho disse a João Bessa que a cidade não teria sua tranquilidade perturbada, mas necessitava de fundos para a caixa da Coluna. Perguntou que saldo havia na Coletoria Federal. Bessa respondeu que apenas 360\$000, pois tinha feito uma remessa no dia anterior para Fortaleza podendo mostra-lhe os livros no momento que desejasse. João Alberto disse que nada desejaria vir e aqui saldo de 360 mil reis por pequeno não seria requisitado.⁹⁰

Reportando a citação, observamos que os ganhos da Coluna na localidade se deram por negociação e não pela expropriação arbitrária dos marchantes. Adiante, o escritor de “A Coluna Prestes no interior Ceará” teceu que essa conversa iniciou outro desdobramento, trazendo à tona outra situação, envolvendo personagens da política local de Ipu: “Na volta perguntou quem era o representante do Banco do Brasil e do presidente da Associação Comercial, pessoas que precisava procurar e gostaria de fazê-lo em sua companhia.” Seguindo o pedido do líder da Coluna na localidade, João Bessa teria conduzido ao responsável pela instituição bancária:

O coronel José Aragão, representante do Banco do Brasil [...] solicitado a declara o saldo do banco do Brasil em seu poder, teve-o logo requisitado pela revolução. Foram 16.000\$000 (dezesesseis contos de reis dos quais forneceu recibo.⁹¹

Em seguida, o autor foi pontuando outros ganhos financeiros e materiais da Coluna. O próximo alvo teria sido um comerciante local, então representante da associação comercial de Ipu, que estava com seu estabelecimento particular fechado.

Vejamos como se deu o contato entre tenente João Alberto e o cidadão Joaquim Lima, a partir da narrativa de José Marrocos:

Procurou em seguida Joaquim Lima, comerciante e presidente da Associação Comercial local. Lançou uma contribuição de guerra de 6.000\$000 sobre associação que seu presidente achou alta, não só por sua reduzida capacidade monetária, como pelo fato de vários associados estarem foragidos, mas ia ver o que poderia fazer, aproveitando o ensejo para lhe comunicar que vários soldados da Coluna lhe estavam pedindo que abrisse a loja. Caso ele, coronel João Alberto, o autor, o autoriza-se as lhe vender, não teria dúvida em lhes abrir as portas do seu estabelecimento comercial. João Alberto prontamente concordou, dizendo-lhe que deles nada recebesse e tudo anotasse vindo á tarde procurá-lo para quitação de

⁹⁰ MARROCOS, op. cit., n.p.

⁹¹ Idem, n.p.

debito. Realmente cumpriu sua palavra, pedindo um pequeno desconto para o pagamento à vista. A fatura andou pelas alturas de 5 contos de reis. Creio que na compra entrou 3.000 balas winchester (o rifle ou papo amarelo do Ceará) [...] ⁹²

Aqui mais uma vez foi reforçada a ideia de negociação. Atentando-se aos fragmentos da citação, o autor assinalou que os membros da Coluna tinham a pretensão de comprar mantimentos, dando a entender que não houve uma violação dos bens, a partir da prática dos saques ou arrombamentos, bem diferente das manchetes dos jornais que normalmente apontavam os saques como marca indelével dos tenentes rebelados. Ainda sobre a citação acima, visualizamos falas que apontam para o lado honroso dos sujeitos da Marcha ao realizarem compras e cumprido seu pagamento.

Fechando os cálculos quanto ao aspecto financeiro alusivo à presença da Coluna na localidade, a obra ainda apresentou a situação, envolvendo refugiados piauienses no Ipu: “Depois do entendimento com Joaquim Lima, João Alberto informa a João Bessa que tem ciência de três piauienses de expressão política estavam voluntariamente exilados na cidade”.⁹³ De acordo com a produção, eles seriam coronéis que teriam abandonado o estado natal. Porém, não ficaram claros na obra quais os pormenores do exílio das personagens daquele estado para o Ceará. Mesmo assim, o autor apresentou uma passagem que remontou ao encontro de João Alberto e os coronéis piauienses. A conversa resultou no ganho de uma quantia de dinheiro, oferecida aos revoltosos: “João Alberto se dirigiu aos piauienses lembrando-lhe que conhecia a sua liberalidade para com as tropas legalistas e que também pleiteava sua quota, pois no seu entender lutavam igualmente por ideais patrióticos” ⁹⁴. Pela narrativa, os coronéis sentenciados por João Alberto eram da cidade de Teresina⁹⁵, embora não sendo elucidadas.

Podemos intuir que houvera algum tipo de ligação entre os tenentes e as personagens, a destacar um sujeito apresentado na obra pela alcunha de Coronel Ferraz. Segundo a produção, este teria dito “que fora dos seus

⁹² MARROCOS, op. cit., n.p.

⁹³ Idem, n.p.

⁹⁴ Idem, n.p.

⁹⁵ Em nível de informação, lembremos que a capital piauiense foi roteiro da travessia da Coluna, acontecendo naquela cidade uma série de conflitos que culminou com a prisão de uma das autoridades da Marcha, o então tenente Juarez Távora.

domínios dispunham de recursos limitados, mas tinha o prazer de oferecer à Revolução 3.000\$000 a João Alberto”⁹⁶.

Já os outros dois coronéis com nomes não identificados teriam ofertado quantias menores e que a reunião logo se findou após a conquista das requisições feitas por João Alberto, líder do 4º destacamento da Coluna. Na conclusão do episódio, o escritor José Marrocos emitiu: “Não houve pressão, tudo ocorreu no clima de cordialidade, sendo que um cafezinho – símbolo da hospitalidade brasileira – encerrou a reunião.”⁹⁷ E mais uma vez, o autor apontou para o suposto clima harmonioso que permeou a presença da Coluna no Ipu.

Ademais, os homens da Coluna continuaram suas ações pela cidade. O passo seguinte foi a visita do líder João Alberto ao gabinete de leitura que estava a procurar documentos cartográficos sobre as dimensões territoriais da região Nordeste.

Enquanto se desenrolava esse encontro, o Dr. Francisco das chagas Pinto, pediu-me que providenciasse abertura do Gabinete de leitura que João Alberto deseja visitar [...] Vi-o pela primeira vez. Era alto, delgado, rosto comprido e fechado, mas simpático, parecendo não muito afeito ao riso. Barba preta e longa, olhos claros e amortecidos. Usava chapéu de feltro de abas longas e larga, camisa leve e solta, calças bombacha [...] Na larga mesa do Gabinete sentaram-se João Alberto, Padre Gonçalo, Thomaz Corrêa, Dr. Chagas Pinto, João Bessa e mais algumas pessoas que a minha memória já não alcança. João Alberto se levanta e aproxima-se dos mapas dos Estados do Brasil pendentes das paredes e diz:

---- Vim até aqui atraído por estes mapas dos quais tive notícias no Piauí. Quatro deles – os do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco – são imprescindíveis para orientar a marcha da Coluna. Se os senhores nos facilitasse, ficaria muito grato

Dr. Chagas Pinto, presidente do gabinete, prontamente atendeu seu pedido. [...] ⁹⁸

Ao repararmos sobre os fragmentos acima, o autor teceu sobre seu contato pessoal com o tenente João Alberto, destacando características da personagem. Pela narrativa, apontamos como autor leu a liderança do Movimento e assim nos proporcionou, mais uma vez, perceber outra significação. Em tradução, conclamamos que sua visão concorreu para traçar outro perfil sobre os revoltosos, e destoante da imagem elaborada pelos jornais

⁹⁶ MARROCOS, op. cit., n.p.

⁹⁷ Idem, n.p.

⁹⁸ Idem, n.p.

da época que decodificavam a Marcha pela natureza rude dos seus personagens.

E ainda foi citado o caso dos mapas cartográficos. Sobre esse aspecto nos soa como bastante elucidativo, pois se revelou como um dos indícios que justificaria a passagem da Coluna na localidade. Convém lembrar que a Marcha necessitava de informações que norteassem sua evolução, posto que ela era regida por um sistema logístico. Isso nos faz pensar sobre a grandiosidade da Manifestação que, apesar de se encontrar em constante andamento e lidando com uma série de obstáculos, articulou táticas de combate às forças legalistas e de movimentação pelo território nacional.

Outro episódio descrito no livreto foi do arrombamento da cadeia pública do município e da liberação dos presos. Tal atitude teria resultado noutra situação intrínseca, envolvendo um dos cidadãos que, naquele momento, se encontrava detido no estabelecimento.

Atentemo-nos ao relato da produção acerca do episódio:

Enquanto João Alberto permanecia no Gabinete de Leitura, as portas da Cadeia eram quebradas e as grades rebentadas, sendo postos em liberdade os presos, inclusive Anastácio S. Silva, sapateiro que há poucos meses assassinara a golpes de faca um soldado da polícia no estado da Estrada de Ferro. Pois esse homem que deveria ter na época perto de 60 anos, acompanhou o Destacamento até a Bolívia onde terminou a luta, figurando o seu nome como rebelado no Ipu, na relação dos brasileiros que penetraram naquele País e que constituíam o corpo do da “Coluna Prestes.”⁹⁹

Em sequência:

A relação a que acima aludimos foi publicada no “o Jornal” do Rio, no dia 15/03/1927. Quer dizer que esse velho ipuense – osso duro de roer – lutou contra o soldador revolucionário pelos ásperos sertões deste vasto Brasil durante um ano e vinte dias, já que a Coluna se internou na Bolívia no dia 03/02/1927. Que admirável resistência.¹⁰⁰

Note-se que aqui José Marrocos compartilhou mais um dado peculiar no que pertencem as percepções sobre a Coluna Prestes na localidade. Nesse entremeio, foi relatado o caso de um prisioneiro que teria sido liberto pelos revoltosos. Adiante, o autor se utilizou de outra documentação, nesse caso, o jornal impresso carioca, que divulgou a lista dos exilados na Bolívia e constava

⁹⁹ MARROCOS, op. cit., n.p.

¹⁰⁰ Idem, n.p.

o nome do liberto cearense. Segundo a escritura, ele teria seguido os passos do movimento dos tenentes. De algum modo, o surgimento do episódio trouxe luz ao entendimento de que os revoltosos poderiam ser bem recebidos ou bem vistos nos lugares, diante de circunstâncias particulares. Como já posto, apoderando-se da produção de José Marrocos, a passagem da Marcha pela cidade de Ipu se deu de forma harmônica. Porém, faltou um detalhamento sobre quais motivos teriam levado Anastácio a seguir o Movimento. Pela ausência indiciária, podemos intuir que uma das possibilidades foi a motivação produzida pelo ato específico dos integrantes da Coluna, ao realizar justiça com o cidadão. Apesar do mesmo ter sido enclausurado mediante um crime. No desenrolar da escrita da eventualidade, espia-se que o autor não emitiu juízo de valor ou se inquietou com a situação, e sim uma satisfação ao relatar o caso de um cidadão ipuense que aderiu ao Movimento. Exclamou o autor: “Que admirável resistência” e pela expressão reparamos ainda um posicionamento simpático tanto ao personagem liberto de Ipu quanto à Coluna Prestes e de seus atos.

Sobre a visão do autor quanto à passagem dos tenentes na localidade, entre inúmeros fragmentos, sentenciou: “Foi o arrombamento da cadeia a única arbitrariedade na sua curta estada no Ipu. Não houve violência, pressões, ameaças. Reinou clima de cordialidade, compreensão, boa vontade entre os beligerantes e o povo inerme.”¹⁰¹ Então, o autor encerrou sua escrita, rememorando o lance da partida do Movimento do lugar.

À cena narrada, um tom poetizado:

Seis horas da tarde. Uma tarde morena e cálida do sertão. Rezava-se a novena de São Sebastião padroeiro da cidade. Do coro da matriz evolam-se vozes que espalhavam mais tristeza. No Quadro, quatro ou cinco revoltosos, do alto de suas montarias se despediam da cidade, agitando os chapéus em gestos largos. Parecia agradecerem a hospitalidade em que foram acolhidos. E na gente se insinuava e medrava um sentimento de piedade por aqueles guerreiros desgraçados dos seus, que partiam para o desconhecido, onde poderia como uma víbora estar emboscada a morte.¹⁰²

Ante os caminhos trilhados do livro “A Coluna Prestes no interior do Ceará”, José Marrocos teceu tramas evocadas pela memória social do lugar, entre elementos coletivos e individuais, a citar suas próprias lembranças,

¹⁰¹ MARROCOS, op. cit., n.p

¹⁰² Idem, n.p.

jogadas na tessitura da produção. Lembremos também que a obra foi publicada muito tempo após o evento, dando subsídios ou maturidade ao autor para a compreensão de signos do Movimento ao passo que postulou uma visão particularizada sobre a Coluna Prestes a partir de um extrato local. E assim o autor leu o movimento: “aqueles soldados, esperado como vândalos, estavam transmutados em revolucionários românticos que deixaram na cidade, não um rastro de destruição e sangue, mas o seu ar simpático de idealistas em delírio.”¹⁰³

¹⁰³ MARROCOS, op. cit., n.p.

2.2 A Obra do Padre Geraldo de Oliveira Lima: a visão de sutilezas heroicas da Coluna Prestes em solo cearense.

Trata-se de um cenário seco, brabo e hostil porque rude, bravo, tosco são os sertões da Terra do Sol – O Ceará. Neste palco rude, mentalmente por nós montado, desfilaram uma plêiade de atores, narrando-nos o itinerário, as marchas e contramarchas, lutas pugnas, epílogos e sofrimentos mil da Grande Marcha, na travessia do Ceará.¹⁰⁴

Antes de adentrarmos, precisamente na reflexão sobre a obra “A Marcha da Coluna Prestes através do Ceará”, apresentamos elementos essenciais que compõem seu registro. Primeiramente, destacamos que o citado trabalho constitui-se como a principal referência aos estudos locais sobre o tema. O livro é composto de aproximadamente 369 páginas e narra os acontecimentos desde a travessia da Marcha no território do estado do Piauí, em enfoque ao caso da prisão do tenente Juarez Távora, um dos líderes do movimento até a saída da mesma do Estado do Ceará, após cruzar a região do Vale do Jaguaribe que faz divisa com o estado do Rio Grande do Norte.

A imagem da capa do livro desenha um mapa geográfico, formando o traçado do Movimento pelo estado cearense e da grafia dos nomes das localidades que foram roteiros da travessia: Ipu, Ipueiras, Nova Russas, Sucesso, Crateús, Novo Oriente, Quiterionópolis, Marrecas, Arneiroz, Nova Floresta e Boa Vista:

¹⁰⁴ LIMA, op. cit., p.11.

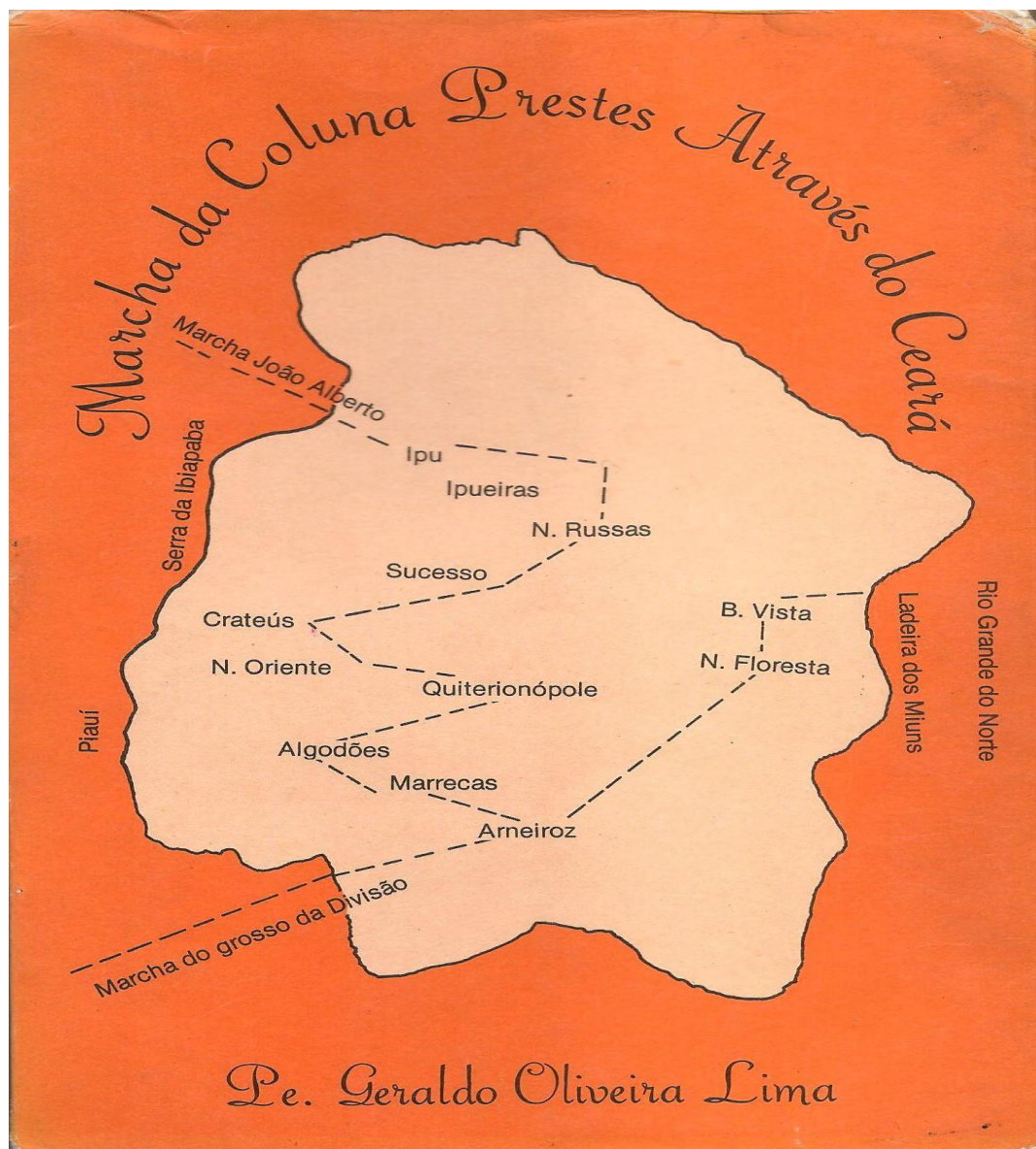


Imagem 2: Capa da obra “A Marcha da Coluna Prestes Através do Ceará.”

Quanto ao conjunto da obra, podemos destacar ainda a presença de imagens fotográficas de alguns locais onde os integrantes da Coluna acantonaram e da transcrição da entrevista concedida por Luiz Carlos Prestes ao autor, na cidade do Rio de Janeiro.¹⁰⁵ Também não poderíamos deixar de mencionar a forma pessoal de narrativa do escritor, materializada na obra com

¹⁰⁵ Sobre a entrevista, a mesma foi precedida de uma carta, também publicada no livro, remetida por Luiz Carlos Prestes ao Padre. Segundo o conteúdo do documento, Prestes se desculpa pelo encontro entre ambos não ter sido concretizado, diante os motivos pessoais do ex-combatente. Mesmo assim, as perguntas que seriam direcionadas a ele, tendo como assunto a passagem da Coluna pelo Ceará foram entregues por sua filha Anita Prestes. As perguntas foram respondidas e remetidas ao Padre Geraldo de Oliveira Lima.

toques de rebuscamento, vocabulário erudito e poético em variadas passagens. Notadamente, esses recursos podem ser compreendidos pela própria formação do autor, de orientação religiosa e intelectual. Tal como a própria familiaridade ou empatia com o tema, nos dando indícios para entendermos a questão do “lugar social” do autor.

Corroborando com a proposição, Certeau elucida:

Toda produção historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, um categoria de letrados, etc. Ela está, pois submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade.¹⁰⁶

Sobre a questão, possamos afirmar que escritor e obra não foram vinculados diretamente ao meio acadêmico, mas forças perpassaram a legitimação do produto. Não à toa, o trabalho foi prefaciado pela historiadora Anita Leocádia Prestes, estudiosa do tema a nível nacional e filha do então líder da Coluna, o tenente Luiz Carlos Prestes. De algum modo, esse dado passou também a ser uma prerrogativa quanto à credibilidade do trabalho, ou seja, um aval.

No prefácio da obra “A Marcha da Coluna Prestes Através do Ceará”, a autora Anita Preste descreveu:

Fascinado com as histórias que ouvia e ia registrando, Padre Geraldo preocupava-se com sua preservação e considerou necessário ‘fixar em papel estes valores e histórias da tradição oral, pois, só de cor, esse rico patrimônio do passado acaba-se perdendo pela morte dos mais velhos. O sacerdote revelava, assim, a intenção de despertar, no povo simples do interior do Estado do Ceará, o gosto pela história do povo de sua terra [...] Um trabalho profícuo, porque em linguagem simples e acessível, devolve ao povo cearense – e também ao povo dos outros estados do Brasil – a sua própria história contribui para que sua memória seja preservada¹⁰⁷

Compactuando, em certa medida, com as considerações de Anita Leocádia Prestes, sem dúvida a obra-fonte do Padre Gerado é potencialmente um estudo de feição primorosa, uma vez que o autor lançou mão da oralidade e materializou as memórias orais na escrita do livro, promovendo um salutar registro ao narrar detalhadamente o percurso da Marcha e suas ações. Obviamente que dentro dos limites impostos a qualquer pesquisa.

¹⁰⁶ CERTEAU, op. cit., p. 66.

¹⁰⁷ LIMA, op. cit., p. 07.

Ressalvamos assim que a principal peculiaridade do trabalho foi a extensa pesquisa de campo realizada por Padre Geraldo que expôs uma interessante quantidade de depoimentos orais na montagem de sua narrativa sobre a travessia da Marcha, assim como referências a frações documentais escritas como registros oficiais do governo e esporádicas manchetes de jornais.

Ainda sobre a caracterização da produção é perceptível também o lado laborioso do autor na confecção de sua escrita, ao descrever os locais por onde a Coluna passou. No entremeio da narrativa, além de relatar as situações e tramas em torno da presença da Coluna, o autor apresentou as localidades de forma pormenorizada e, em casos específicos, romanceada pelo tom poético.

Vejamos como o autor descreveu a primeira localidade cearense que recebeu a Coluna Prestes:

Ipu à Visita - Cartão de Visitas

Quem chega a Ipu. Vindo de Ipueiras, Nova Russas, ou Crateús, avista e deslumbra logo a esquerda uma enorme muralha pétrea de azul marinho que se descortina e se espreguiça com fascínio a Oeste da cidade. Trata-se da imensa, vislumbrante e majéstica cordilheira da Ibiapaba, ou Serra Grande [...] Murando todo poente da Terra de Iracema [...] Lá embaixo ao sopé da serra, estava Ipu. O casario espraia-se sem demarcação linear com ruas e ruelas tortuosas, formando pequenos labirintos. Um mundo de casinhas sem traçado e delineamento, tudo simétrico, bem a gosto e estilo do povo [...] Cinco horas da manhã. Festejava-se a Festa de S. Sebastião, padroeiro do Ipu. De repente, surge a vanguarda do 2º Destacamento da Coluna Prestes. Os revoltosos marcham sobre a cidade, descendo pelo alto dos Quatorze. A Frente tremulava a bandeira vermelha, símbolo daquele evento religioso.¹⁰⁸

Com isso, observamos, para além da complexidade da obra, um estilo próprio do autor. Como argumenta Walter Benjamin: “Assim se imprime, na narrativa, a marca do narrador, como mão de oleiro na argila do vaso.”¹⁰⁹

Mesmo não sendo uma testemunha dos acontecimentos, o autor ponderou que uma das motivações para escrever sobre a saga do Movimento no Ceará veio das próprias lembranças familiares e de moradores do lugar: “Criei-me ouvindo falar dos revoltosos.”¹¹⁰ Nascido em Crateús, localidade

¹⁰⁸ LIMA, op. cit., p. 09.

¹⁰⁹ BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: **Obras escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 205.

¹¹⁰ LIMA, op. cit., p. 12.

onde os integrantes da Marcha passaram e estiveram envolvidos nos confrontos armados com as forças legalistas, o autor cresceu, como ele mesmo apontou, escutando as estórias sobre os revoltosos.

Pela maestria da produção, construída pelo não-vivido, mas evocada pelas experiências/lembranças dos outros (familiares e moradores das localidades por onde a Coluna Prestes incursionou), intuímos a presença de uma considerável dose de sentimentalismo que perpassa ou se dilui na sua escrita ao reavivar o evento. Assim, “A Marcha da Coluna Prestes através do Ceará” tem como mote narrativo a apresentação e seleção dos indícios, principalmente daqueles capturados pela ótica das narrativas orais ou como o autor designou por “testemunhas oculares” ou “tradição oral” acerca do evento.

Outro ponto destacável no livro do Padre Geraldo foi contrapor, a nosso ver, uma visão construída pelo senso comum que tratou da passagem da Coluna Prestes no Ceará como inexpressiva, perante os poucos dias de percurso ou dos escassos combates. A situação é constatada por nós, pois percebemos, na gama de produções que licenciam sobre a Coluna Prestes, pouca dedicação ou estudo sobre a presença da mesma no estado cearense. Nalgumas produções acerca do tema, são recorrentes referências pontuais ao caso da trama política que envolveu o líder religioso Padre Cícero ao dirigir uma carta ao líder Luis Carlos Prestes e, ou mesmo, breves citações sobre a travessia do Movimento no Ceará, entendida como efêmera e resultando em análises ou descrições superficiais.

Nesse sentido, o estudo do Padre Geraldo veio mostrar um equívoco e talvez uma crítica não intencional aos grandes trabalhos, sejam eles acadêmicos ou de registros que deram minimizados destaques à passagem da Coluna Prestes no Ceará. Por outro viés, mencionamos ainda a necessidade do próprio escritor em registrar um momento marcante da história regional que se encontrou inserido num contexto mais amplo. Nesse caso, nos reportamos ao cenário nacional, já que a Coluna palmilhou considerável parte do território brasileiro. De alguma forma, detalhes minuciosos apresentados pela obra comprovam a relevância do evento a nível local. Com isso, a passagem da Coluna Prestes no Ceará teria seu espaço no mosaico que monta ou configura o movimento dos tenentes rebelados pelo Brasil.

Notadamente, um dos elementos que nos chamam atenção quando referenciamos a produção do padre/autor foi uma narrativa que, além de balizar documentos escritos e orais, promoveu nalgumas passagens da mesma uma visão heroica sobre o Movimento no Ceará, enriquecendo assim o quadro de produções que tomaram partido aos intentos de Luis Carlos Prestes e seguidores. De antemão, advertimos que tal condição não se encerra em si como uma crítica nossa ao esmero trabalho, uma vez que, como já colocado, qualquer produção é perpassada por interesses e motivações. Pensando dessa maneira, advertimos que é extremamente crucial ao ofício do historiador a função de contrastar opiniões ou versões que aludem sobre o passado, pois qualquer registro toma partido de algo. Afinal, são representações, ou seja, algo dito no lugar do fato ou sobre o fato.

Assim, consideramos que a obra “A Marcha da Coluna Prestes através do Ceará” orbita entre o lado pessoal do autor sobre o movimento dos tenentes rebelados, ao externar sua devoção pelas façanhas de Prestes e seguidores, captadas nos registros das tramas, cuja força maior se desvela pelas memórias fragmentárias e do imaginário de moradores das localidades por onde a Coluna palmilhou. Daí o resultado do trabalho ser de uma riqueza notável.

Outra elucidação, ao analisarmos o livro, foi perceber uma visão diferenciada do autor sobre a Coluna quanto à visão negativa dos jornais e dos documentos oficiais do período da passagem da Marcha que a decodificavam como revoltosos-saqueadores. Ao observarmos fragmentos das narrativas orais presentes na obra do Padre Geraldo, os membros da Coluna foram entendidos por outras feições. Eram sujeitos que, além de suas supostas personalidades grotescas ou rudes, também dialogavam e conviviam com a população local: dormiam, cantavam, dançavam em meio à apreensão do momento conflituoso e dos combates com as tropas governistas. Nesse aspecto, reforça-se a ideia de que não há um consenso ou uma versão factual fechada da travessia do Movimento pelos sertões cearenses.

Vejamos uma fala extraída da produção, referente à estadia da Coluna na localidade de Ipu: “Francisco das Chagas Paz, **enquanto vivo a melhor tradição oral de Ipu**, nos afirma que na casa de sua mãe esteve

hospedado um casal revoltoso, no dia da invasão da cidade, e que ali fizeram refeição.”¹¹¹

Verifiquemos outro fragmento sobre a presença da Coluna Prestes noutras localidades, agora na Cidade de Novo Oriente e na Vila de Santo Antônio:

[...] Alguns revoltosos vão à casa de Clarindo. Com sinais de embriaguez, chegam cantando. ‘Mulher Rendeira’. Compram ovos. Pedem para os cozinhare. Depois comem, tirando o gosto da cachaça. Comenta Manuel Coelho. Enquanto comiam ovos, um revoltoso indagava sobre quem tinha animais ali por perto. Sairam cantando ‘mulher rendeira’, tal como chegaram.¹¹²

[...] Sto. Antônio Estava em poder dos revoltosos.

Ainda nesta vila, compraram bebidas nos estabelecimentos do Sr. Azevedo e Zeca Melo. Pagaram tudo. Dona Yayá, que vinha de Crateús para Sto. Antônio, encontrou-se com o tenente Dário, oficial revoltoso. Dário vinha acompanhado de Terto, sobrinho de Dona Yayá. O rapaz Terto vinha servindo de guia ao oficial que se dizia perdido quanto ao caminho de Sto. Antônio. Dona Yayá queixa-se ao tenente Dário a respeito de alguns animais que os revoltosos haviam carregado. O oficial revoltoso, virando-se para o sobrinho de Dona Yayá, disse-lhe resolutivo

---- ‘**Amanhã vamos partir. Vá atrás de nós para voltar com os animais, quando eles cansarem...**’¹¹³

Podemos perceber que o escritor lançou aspectos interessantes ao descrever a relação dos integrantes do Movimento com a população. Na citação acima, vislumbramos lances aparentemente corriqueiros, mas que se apresentaram como riquíssimos indícios, uma vez que remontam as sociabilidades entre os moradores e os sujeitos da Coluna, e contrapuseram a visão reducionista que leu a Coluna Prestes por sua feição militarizada/terrorizante, entre conflitos e combates. Com isso, destacamos que a obra em estudo, gerida pelo emaranhando de narrativas de memória, desvelou outras significações sobre as personalidades e os atos dos marchantes.

Na obra “A Marcha da Coluna Prestes Através do Ceará”, o escritor tentou mostrar ao leitor elementos que nos faz pensar as outras faces do Movimento, fomentando uma discussão de como seria a postura dos rebelados: bárbaros ou cordiais? Quanto à produção, observa-se que a construção das imagens da Coluna quando de sua passagem pelos sertões cearenses se deu para além de uma visão maniqueísta. O autor, ao explorar as

¹¹¹ LIMA, op. cit., p. 67.

¹¹² Idem, p. 190 e 191.

¹¹³ Idem, p. 173.

memórias das relações de convívio, induziu a uma suposta suavização de determinadas ações dos rebelados, ao passo que proporcionou outros entendimentos acerca dos signos da Marcha. Evidentemente que os casos de saques e pilhagens foram também características da Coluna Prestes quando de sua evolução em, praticamente, todos os lugares percorridos do território nacional. E em solo cearense, não foi exceção.

Vale ressaltar que, para se manter ativa, a Coluna precisava de suprimentos, desde alimentação até materiais de munição. Porém, entendemos que um dos intuitos do escritor, a nosso ver, foi dar justificativas para determinadas ações do Movimento, que foram reprovadas por outras fontes documentais, produzidas quando de sua incursão no interior cearense, a citar, os jornais produzidos no ano de 1926, aliançados com as forças de combate a Coluna. Para o idealizador e construtor da obra, dá-se a entender que elas (ações da Coluna) foram praticadas pela necessidade dos rebeldes, que ansiavam por uma causa maior, ou seja, lutar contra as políticas oligárquicas que concentrava o poder político e administrativo do país e delegava a maior parte de sua população ao segundo plano.

Então, buscando compreender os intentos do escritor, diante da conjuntura daquele momento, deduz-se que determinadas atitudes seriam redimidas pela faceta corajosa ou heroica da Coluna Prestes, pois lutariam para libertar a população dos ditames e vícios oligárquicos. De um modo, notamos que seus registros se tornaram uma contraposição perante as descrições promulgadas pelos jornais, como citada anteriormente, posto que, comumente, estes apresentavam as ações da Marcha como aterrorizantes.

De forma diferente, o autor ao realizar o registro de expressões, através das falas dos entrevistados, como: foram “hospedados”, “compraram”, “cantaram”, “conversaram”, nos incitou a pensar também de onde partem as falas dos sujeitos envolvidos. Parte dos relatos expostos na produção de Padre Geraldo apontou para as experiências de moradores com os integrantes da Coluna que revelaram como peculiaridade um possível convívio harmonioso e até brando se comparado aos relatos apresentados pelos noticiosos do período de 1926. Pela observação, nos reportamos às narrativas dos jornais, quando estes relatavam os saques, principalmente ocorridos nas propriedades de fazendeiros e de sujeitos considerados importantes na esfera política e

administrativa das localidades por onde a Coluna incursionou. Normalmente, as páginas dos impressos serviam para relatar os casos críticos, descrevendo supostos casos de invasão de fazendas, roubos de animais e de valiosos pertences de sujeitos poderosos locais. Atentamos ainda que os casos de saques e pilhagens não foram negligenciados, como mencionado anteriormente; porém, de algum modo minimizados nas escritas da produção. Num todo, podemos dizer que as narrativas apresentadas trouxeram diversificadas versões que relataram desde eventuais aquisições materiais até situações que subscreveram os integrantes da Coluna como convidados, ao serem “hospedados” nas residências de moralidades locais.

No duelo da cultura escrita local (jornais impressos produzidos naquele período e produção memorialista) que tratam sobre o evento, auferimos que falas harmoniosas relacionadas à Coluna não foram divulgadas nos principais noticiários cearenses daquele período, divergindo das narrativas expostas na obra do Padre Geraldo, que contaram algumas situações, envolvendo os “revoltosos” por outro entendimento. Em continuidade, observamos na escritura de Padre Geraldo interessantes relatos do contato direto entre moradores locais com os membros do Movimento nas vilas, nas suas pequenas casas ou estabelecimentos comerciais. Assim como, perante as circunstâncias, não tiveram a oportunidade de se refugiarem e/ou mesmo preferiram enfrentar a situação, convivendo com a presença dos revoltosos, mesmo diante do terror propagado pelo discurso antirrevoltosos (Governo, Imprensa, Igreja).

Evidencia-se assim que a façanha da Coluna Prestes por espaço cearense vai além da face cruenta, sofrível e aterrorizante construída pelas falas oficiais, elaboradoras de um arquétipo depreciativo do Movimento. Com isso, guiando-se pelos variados índicos, emergiu-se outra faceta acerca da saga dos revoltosos pelo sertão cearense que pode ser esboçada ou captada quando mergulhamos na obra “A Marcha da Coluna Prestes através do Ceará”.

Sobre o método aplicado pelo autor, o resultado do trabalho nos incitou a refletir sobre a natureza inovadora de sua produção ao instituir outro caminho, desvencilhando-se da construção e compreensão do evento, unicamente, pelos registros escritos dos jornais impressos do período e documentos oficiais.

Divagando pelo caminho da memória oral, ou seja, das narrativas captadas pela ótica da oralidade, o autor apostou na modalidade como recurso metodológico central. Tal como, destacamos ainda que o Padre Geraldo, ao buscar a construção de sua narrativa por esse viés, promoveu uma originalidade, refutando, conscientemente ou não, uma antiga visão, apreciada pela categoria dos memorialistas ao enveredarem suas escritas apenas por documentações escritas e oficiais – tipos de registros, tidos, em momentos específicos, como referências fidedignas do passado. Pontuamos a questão, pelo fato de a relação entre história e oralidade ainda ser entendida, em parte, por prejulgamentos e desconfianças. Posições ainda presentes tanto no cosmo acadêmico como na sociedade em geral. Por isso, assumir os métodos da oralidade como possibilidade de análise histórica sobre os eventos do passado torna-se uma ação desafiadora. Em defesa da utilização da fonte oral, Alcides Nascimento adverte que “os críticos do emprego das fontes orais na construção da narrativa histórica esquecem, por vezes que toda e qualquer fonte está impregnada de subjetividade...”¹¹⁴

Quanto à presença do referido método na produção de Padre Geraldo, conseguimos ainda mencionar certa dose de consciência e liberdade do escritor que foge de uma construção narrativa estritamente fundamentada nos registros escritos como já delineado. Porém, constata-se nalgumas passagens de sua escrita, ao se deleitar nos meandros dos relatos orais, que, aparentemente, não foi aplicada uma discussão de veracidade/subjetividade ou interpretação das versões apresentadas. Marcamos que essa questão se enleva nalguns casos específicos da produção, quando, diante da complexidade das tramas sobre a relação entre a população local e a Coluna Prestes, nos forçou a questionar a sua concepção e seleção dos registros. Num dos casos, nos referimos ao “baile dos revoltosos” que exporemos adiante. Ao observarmos a descrição do episódio, intuímos que um dos objetivos de tal escritura foi apenas registrá-lo, tendo como mote a memória dos narradores. E, mesmo não havendo uma discussão sobre memória e seus desdobramentos, reparamos que ela passou ser o ingrediente central da obra,

¹¹⁴ NASCIMENTO, Francisco Alcides. História e Memória: os rádios por seus interlocutores. In: **Revista de História e Estudos Regionais**, vol. 3, ano III, n. 4, 2006, p. 03.

pois reavivou as tramas da Coluna Prestes no Ceará, promovendo um resultado que se apresenta, no mínimo, fascinante.

Contudo, vale levarmos em consideração que, apesar da memória ser geradora da história, não devemos ser subservientes ou inocentes a tal ponto de cairmos nos seus labirintos sedutores, pois sua natureza é conflituosa. Entretanto, há de se destacar o lado revelador da mesma que tem uma ligação íntima com o passado. Assim, ao nos apropriarmos da obra do Padre, na tentativa de compreender as plurais facetas ou nuances sobre a passagem da Coluna Prestes no sertão do Ceará, recorreremos a Ricouer quando reitera que o “objetivo do historiador não deve ser a constituição de uma história objetiva, mas de uma boa história alimentada por uma boa subjetividade”.¹¹⁵ Reforçando a proposição, talvez o lance seja perceber, na subjetividade, uma possibilidade sobre o passado. E o passado em vias sobre a caminhada da Coluna Prestes no cenário cearense se elucida também pela feição sentimental, subjetiva e controversa da memória.

A materialidade da questão se evidencia nas diversificadas falas sobre as memórias do movimento dos tenentes até então silenciadas ou ignoradas por outros registros documentais, produzidos à época da travessia. Carregadas pela produção do Padre Geraldo, as narrativas orais despertaram fascínio e inquietude, ao revelarem inusitadas situações, convidando o leitor a viajar ou imaginar os momentos relacionados à presença da Coluna e do cotidiano alterado dos moradores diante da eventualidade.

Vejamos fragmentos da narrativa do autor Padre Geraldo de Oliveira Lima, referente à estadia da Coluna Prestes na localidade de Novo Oriente e ao baile dos revoltosos:

O baile dos Revoltosos.

Tendo consolidado as posições-chaves do lugar realizado as requisições cabíveis, o destacamento João Alberto promoveu uma festa dançante para seus soldados. [...] dentro do objetivo de uma festa dançante, alguns revoltosos vão à casa de "seu" Cícero pedir-lhe a casa pra dançarem... Dissera:

---- “Só queremos a sala da frente, o resto da casa, pode isolar”

O senhor Sales deu a entender aos revoltosos que não gostaria de ceder a casa: ficou tímido e reticente... A Comissão da festa se retira. Fora então que Cícero se lembrou da frase do revoltoso: “Se Houver qualquer coisa de errada no nosso pessoal, me comunique”. Foi o que fez o dono da casa: participando tal pedido ao capitão pretinho.

¹¹⁵ RICOEUR, op. cit..

Este chamando os promoventes da festa, os repreende. Mesmo assim, a idéia do baile não desapareceu da mente de alguns revoltosos. Daí vão à casa de Bartolomeu Soares da Costa afim de pedirem a casa pra festa. Este havia saído. Dona Ana, sua esposa, não cedeu à casa aos revoltosos, alegando a ausência do marido para deliberar sozinha. Mas os revoltosos insistem no pedido. O dialogo estava neste pé, quando chega outro revoltoso e falou:

---- “Vambora, turma, nosso chefe não quer que agente discuta com mulher.

Ainda assim, não desanimam os Revoltosos na busca de uma casa para festa. [...] Andando pelo quadro da igreja, encontraram uma casa fechada na esquina da rua Antônio Claudino s/n. Arrombaram a porta desta casa e dela se apossam. O local para festa fora encontrado. Quatro Revoltosos pedem a Manuel Marcelino que vá chamar as prostitutas do lugar para dançar na festa, já que na havia dançarinas. Afinal comparecerem ao “baile” Balbina e Josefa Bigode, as únicas “meninas” encontradas em Novo Oriente naquela noite [...] Quanto ao bom andamento do “baile”, Havia dificuldade: pouquíssimas mulheres pra dançarem. Na escassez de dançarinas, acontecera a excentricidade dessa festa, por si mesma, original: homem dançava com homem... O leitor pode ter razões em duvidar da veracidade do “baile”, tal originalidade dele. O autor também teve, de principio, igual dúvida. Todavia as 3 testemunhas, por nos arroladas sobre o assunto, são unânimes na afirmativa da existência dessa festa dos revoltosos cujos pares dançantes eram homens com homens. As testemunhas foram: Cícero Sales, dona Ana Costa e João Dona, todos residentes em Novo Oriente.¹¹⁶

Seguindo a narrativa do autor, referindo-se à ocasião, foi visível a descrição densa do episódio. Cabe mencionar que o recurso da descrição foi perceptível, praticamente, em toda a produção de “A Marcha da Coluna Prestes Através do Ceará”, quando Padre Geraldo relatou de forma minuciosa, e até repetitiva, os lugares por onde a mesma passou e as tramas que envolveram seus integrantes e a população local. Aos artífices da narração, Benjamin pondera: “Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados os fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica.”¹¹⁷

Em virtude das delimitações no que tange à estrutura do presente trabalho, selecionamos apenas alguns fragmentos que julgamos ser interessantes na discussão, pois a obra em si proporcionaria um estudo isolado. Retornando à narrativa do baile dos revoltosos, primeiro poderíamos assinalar a feição inusitada da eventualidade, diante dos momentos de tensão, envolvendo a presença da Coluna, já que esta se encontrava cerceada pelas

¹¹⁶ LIMA, op. cit., p. 186.

¹¹⁷ BENJAMIN, op. cit. p. 205.

forças legalistas em vários pontos estratégicos do Ceará, a destacar as divisas geográficas com os estados vizinhos e a procura incessante das forças legalistas pelos sujeitos da Marcha. O autor deu a entender, quando montou a narrativa da presença do Movimento em Arneiroz, que a ocupação aconteceu de forma tranquila. Essa constatação se visualiza, além da ausência, propriamente de conflitos armados, mas pela menção e narração do episódio central “O baile dos revoltosos”, entendida como um momento de descontração entre os membros da Coluna e alguns poucos moradores que estiveram na ocasião.

Podemos ainda captar, na narrativa sobre o acontecimento, aspectos da sociabilidade entre os membros da Coluna e moradores. Com isso, refletimos que apesar de a Coluna se revestir por uma momentânea autoridade quando esteve presente *in loco*, não insistiu por uma imposição de poder ou da utilização da força para coagir os moradores. No que concerne estritamente ao acontecimento do baile, segundo o relato do autor, os membros da Marcha estavam desejosos de um lapso de lazer e buscavam um espaço para o baile, assim que fosse do consentimento dos moradores para a realização da festa.

Ao andamento do momento festivo, o escritor comentou sobre a presença de duas mulheres que participaram da cena: duas prostitutas. Visto a escassez de mulheres na localidade, podemos dizer que parte da população feminina não se encontrava na localidade, em virtude da própria fama dada aos revoltosos, pois além de saqueadores e assassinos, havia-se o temor do cometimento de estupro. Esse elemento coaduna com uma realidade comum naquele período. Praticamente em todos locais por onde a Coluna passou, parte do efetivo populacional fugia para esconderijos, principalmente as mulheres, temendo abusos físicos e/ou sexuais pelos membros das tropas tenentistas.

No mais, o episódio foi concluído pela peculiaridade dos homens da Coluna, “dançando entre si”. O autor conduziu o leitor a imaginar o lado diferente e cômico da situação. Sem emitir algum juízo de valor diante da situação inusitada, resumiu a cena, apenas com espanto, porém revestida por uma inquietude quanto à veracidade do evento. Padre Geraldo relatou: “O leitor pode ter razões em duvidar da veracidade desse ‘baile’, tal a originalidade dele.

O autor também teve de princípio igual dúvida.”¹¹⁸ De algum modo, o escritor se preocupou com este quesito, pois logo fez referência às fontes que foram extraídas sobre o episódio, ou seja, as falas de três moradores da localidade que lhe deram subsídios e argumentos para descrever a eventualidade: “As testemunhas foram: Cícero Sales, dona Ana Costa e João Dona, todos residentes em Novo Oriente.”¹¹⁹ Nesse ponto, o que nos chama atenção e faz recair uma reflexão foi a ausência ou despreocupação do autor em entender ou analisar as falas que auxiliaram na elaboração da escrita acerca do “episódio do baile”. Obviamente que tomamos partido da questão, visto que concorre para compreensões dos artífices da memória. Por isso, nos seja tão caro o entendimento conceitual da memória que se constitui por nuances, aspectos morais, psicológicos, emocionais, processadas na relação entre lembrança e esquecimento. Além de sua essência controversa.

Mesmo sendo uníssono o “episódio do baile”, a partir dos relatos dos moradores citados, as versões extraídas poderiam culminar também em disputas e leituras diversificadas. Apontamos para questão, pois a memória se entrelaça na relação do individual e do coletivo e mesmo um momento compartilhado/rememorado por todos os envolvidos poderia apresentar percepções, sentimentos e olhares particularizados.

À percepção do escritor, transcrevemos que a situação, anteriormente colocada, foi entendida como cômica. Representação gerida pelos meandros da memória social do grupo, licenciada e interpretada pelo autor. Cabe mencionarmos que, para além do caráter insólito da eventualidade – pois quem imaginaria que homens desfigurados por aspectos de cansaço, ausência de assepsia, trajando vestimentas esfarrapadas e portadores de armas teriam tempo ou espaço para o lazer? –, o registro foi efetivado pela arbitragem do autor, ou seja, pelo julgo da seletividade. Se “o episódio do baile” não fosse pertinente à narrativa e o intento do escritor, possivelmente não seria registrado. Contudo, deduzimos que a preocupação maior, quanto à eventualidade do episódio, na ótica do Padre foi apenas comprovar e assinalar outra faceta dos marchantes, visualizando-se, assim, o aspecto brincalhão dos membros da Coluna na ocasião.

¹¹⁸ LIMA, op. cit., p. 188.

¹¹⁹ Idem, p. 188.

No conjunto do episódio, o autor defendeu: “Era preciso descontraír a soldadesca. Afogar as mágoas. Esquecer a morte dos 2 companheiros no cerco a Crateús. Olvidar velhas tristezas” ¹²⁰. Em nível de informação, situamos que a presença dos homens da Coluna Prestes em Novo Oriente ocorreu após o tumultuado conflito de Crateús que discutiremos adiante, enfocando-se a percepção do autor que dedicou considerável parte da obra aos conflitos e tramas nesta localidade.

A riqueza de elementos presentes na obra esboçou outras óticas relacionadas à passagem da Coluna no Ceará e confrontaram em certa medida, as falas atribuídas pelas fontes escritas, produzidas à época do evento, como os impressos. A concretude da hipótese é elucidada na parte do livro do Padre Geraldo que versou sobre o episódio de maior impacto ou repercussão, emoldurado pelo confronto entre as forças legalistas e os membros do Movimento: “O Cerco a Cidade de Crateús”.

“O Prenúncio da Tempestade”, título de um dos capítulos do livro “A Marcha da Coluna Prestes Através do Ceará” e dedicado a Crateús, contrapôs o suposto momento de tranquilidade sobre a passagem do movimento dos tenentes rebelados pelo espaço cearense, a citar o caso de Nova Russa, Novo Oriente e Ipu. Primeiramente, o autor remontou aos antecedentes da chegada da Coluna Prestes na cidade de Crateús. Segundo ele, a Coluna ficou acampada em uma das fazendas nas redondezas do município:

Noite do de dia 15 de janeiro de 1926. A 7 km de Crateús acampava o 2º Destacamento da Coluna Prestes. Hoje, pela nova Linha asfáltica, esta distância medeia entre 9 a 10 km. O registro do batalhão João Alberto, (os revoltosos) acampado na Fazenda Pastos Bons, é confirmado não só pelo veredicto do povo, mas também pela tradição oral escrita. Nesse caso, as duas tradições se completam, e ambas juntas dão maior veracidade ao fato [...] ¹²¹

Mais uma vez, percebe-se a preocupação do autor em promover a “veracidade” dos fragmentos que compuseram a trama do cerco de Crateús. Chama-nos atenção a própria denominação proferida pelo autor ao remeter as produções escritas como “tradição oficial escrita” confrontada com as narrativas orais. Nesse caso, a situação foi entendida pelo cronista como consensual a partir das convergências das falas (escritas e orais), selecionadas e expostas

¹²⁰ LIMA, op. cit., p. 186.

¹²¹ Idem, p. 118.

pelo mesmo na obra: há referência à edição do Jornal Gazeta da Serra e da entrevista com o capitão Peregrino Montenegro, então delegado da cidade de Crateús no período da travessia da Coluna na localidade.

Outro elemento peculiar, descrito pelo Padre Geraldo, foi a conjectura que alicerçou o episódio de Crateús, num misto de espionagem, encontro familiar entre o comandante João Alberto e parentes locais, os conflitos e a própria morte dos dois integrantes da Coluna na localidade.

Segundo o Padre Geraldo, houve uma sondagem inicial do Movimento para, seguidamente, adentrar em Crateús. Sobre a questão, o autor relatou a partir dos indícios orais que a ação de feição espiã foi realizada por um dos integrantes da Marcha transvestido de mendigo. O autor descreveu o episódio de “falso mendigo”.

Diante das notícias fragmentadas, João Alberto, tenente e líder do destacamento que enveredou pela região norte do Ceará, teria o propósito de adentrar na cidade, façanha um tanto complexa, pois uma das táticas da Coluna era apenas trilhar as redondezas das localidades, na tentativa de conseguir suprimentos. Nos casos mais extremos e/ou situações favoráveis era que acontecia a penetração na área urbana.

Na ocasião, a população de Crateús já estava ciente das aproximações da Coluna Prestes. Porém, não se havia uma certeza de invasão, uma vez que era quase imprevisível saber exatamente os passos ou pretensões do Movimento. Pela narrativa do autor, baseando-se nos depoimentos orais, a presença do falso mendigo despertou uma suspeita de moradores que estiveram em contato com a personagem.

Vejamos nesta passagem:

Para as pessoas mais observadoras, a presença do mendigo nas ruas de Crateús passou a constituir uma interrogação... Um misto de curiosidade e disfarce inundava o semblante daquele ‘deficiente’ físico, testemunhou-no dona Isabel Bonfim Leitão. Ao estender a mão, pedindo esmola os olhos vivos e brilhantes do inusitado “mendigo” percorriam as imediações, as pessoas, as ruas, os becos, o ambiente emfim. [...] Domingo. Dia em que o “deficiente físico” perambulava por Crateús. Passando perto da Praça da Igreja, o “mendigo” segue para rua dr. João Tomé e bate a porta da casa nº 290. É atendido pela dona da casa, dona Isabel Bonfim Leitão. Esta oferece ao pedinte Café e bolo. Mas Notara Dona Isabel que o “aliejado” tinha boas maneiras: a fineza no pegar da xícara e levava-la a boca. A delicadeza no servi-se. Atenta a estes gestos convencionais de gente fina, dona Isabel Leitão, ficou surpresa...

Perspícaz e lúcida, esta senhora, formulou a seguinte pergunta ao bizarro “mendigo”

-O que o Sr, sabe dos Revoltosos?”

---Minha Senhora, eu não sei de nada, Só sei de minhas esmolinhas.¹²²

A partir do trecho transcrito da obra, atentamos à maestria do autor que transformou a simples informação numa interessante narrativa. O caráter descritivo conduz o leitor à própria visualização da cena. Outro ponto a destacar é o artifício da oralidade, quando o mesmo recorreu às narrativas orais para a colagem do episódio.

No teor da citação, elucidamos também a ideia que se havia um temor pela chegada da Coluna. Talvez não houvesse uma certeza, mas diante da situação alterada daquele momento, as notícias que circulavam já apontavam para a presença dos revoltosos na Ibiapaba, região circunvizinha de Crateús.

A cena que foi descrita os gestos do “falso mendigo” nos faz pensar como foram captadas ou construídas as pinturas dos integrantes da Coluna. Como é sabido, os principais impressos de circulação no estado, naquele período projetavam um arquétipo aterrorizante, os associando à barbaridade, a citar os exemplificações dos noticiosos quanto aos hábitos, gestuais, fisionomia ou aparência, assim como os casos de saques, pilhagens e violência. Dos conteúdos analisados dos jornais, as narrativas foram praticamente de ordem depreciativa. Não podemos esquecer que, no ato da confecção do conteúdo final, publicado pelos impressos, os artifícios da manipulação, seleção e edição, possivelmente, eram executados.

Em suma, os noticiosos deveriam, além de ter a função de informar, ser um instrumento de combate ao Movimento. Já o episódio do “falso mendigo”, emergido na obra de padre Geraldo, o forasteiro seria suspeito por apresentar comportamentos não condizentes com a situação/natureza de um pedinte. Diante da menção de Padre Geraldo ao se utilizar das falas da depoente, indagamos: e os revoltosos poderiam ser elegantes? Pensamos que a situação da personagem da Coluna travestida de mendigo, apresentando elementos refinados, teria procedência uma vez que parte dos membros da Coluna tinha uma formação educacional, oriunda do meio militar. Não seriam seres absolutamente grotescos que beirassem a selvageria.

¹²² LIMA, op. cit., p. 120.

Retornando ao episódio do falso mendigo, a obra do Padre Geraldo trouxe esse interessante elemento. Detalhe que veio ser exposto com o passar o tempo e relatado por aqueles que estiveram envolvidos, nesse caso, entre o falso mendigo e alguns sujeitos locais. Em continuidade, diante da suspeita sobre o pedinte, ele teria sido detido pela polícia local de Crateús. O Padre Geraldo transcreveu trechos do depoimento do capitão Peregrino, então delegado da localidade.

Sobre a prisão do “falso mendigo”:

Fui e encontrei-me com ele. Levei- o para delegacia. E lá, eu disse para ele mesmo: que ele podia tirar a capa de mendigo, que estava certo de que se tratava de uma pessoa de João Alberto [...] Aí eu disse para ele: que ele podia contar a estória claramente que eu garantia que ele não sofreria coisa alguma. Eu queria que ele me dissesse de que se tratava; de forma que ele foi franco. Disse que era o capitão Preto e que tinha vindo observar, de fato onde se achava o pessoal meu. [...] Eu mandei que ele voltasse e dissesse a João Alberto que podia atacar Crateús, por que eu tinha como reagir... E ele dissesse ao João Alberto que deixasse a covardia de lado e realizasse o que me havia mandado dizer. Que atacava Crateús! Eu desejava experimentá-lo. Saber se ele, de fato, era aquilo que me chegavam informações.¹²³

Padre Geraldo avaliou a situação, pontuando a destreza do integrante da Coluna Prestes que conseguiu penetrar a localidade, apesar de ele ter sido capturado pela polícia. O narrador destacou: “Eis, leitor, como terminara a bem sucedida infiltração de um militante da Coluna Prestes nas trincheiras e defensivas outras da polícia de Crateús.”¹²⁴ Podemos deduzir uma atenção do escritor em materializar na sua produção, a faceta heroica do ato da personagem que se transvestiria pela criatividade ou inventividade, ou seja, um feito, possivelmente, brilhante.

Outro ponto tecido na obra foi que o ataque de Crateús teria se gerido por um desafio pessoal, envolvendo a capitão Peregrino, o responsável pela polícia de Crateús e de João Alberto, líder de um dos destacamentos da Marcha que naquele momento circundava a região. Segundo Padre Geraldo, houve ainda uma subestimação por parte do Capitão Peregrino, indagando: “**A título de zombaria deixava que o inimigo fosse relatar aos Revoltosos**

¹²³ LIMA, op. cit., p. 121.

¹²⁴ Idem, p. 121.

as condições de defesa do governo dentro da cidade – não temendo o propalado ataque da Coluna Prestes.” ¹²⁵

Assim, a questão da invasão de Crateús tomou singularidade na medida em que se geriu em controvérsias. Qual teria sido o real motivo da ocorrência? Uma vez que Crateús não estaria no traçado dos planos da Coluna Prestes que tinha como rumo chegar à capital cearense. Mesmo assim, Crateús foi invadida e se tornou palco da única localidade cearense marcada por um confronto expressivo entre as forças legais e os soldados da Coluna.

Enfim, o confronto de Crateús aconteceu:

O velho relógio da estação ferroviária batera 3 horas da madrugada, e este acorde sem melodia fora, por coincidência, o marco inicial das hostilidades bélicas entre o 2º Batalhão da Coluna Prestes e as Forças legais estacionadas em Crateús. Numa ação uníssona e simultânea, rebuou com galhardia, uma saraivada de rifles e fuzis, sacudindo a madrugada e a deixar os habitantes de Crateús em sobressalto e pânico [...] Ao crepitar da intensa fuzilaria dos Revoltosos, a estação de trens ficou sob o fogo cruzado: da ilha, via ponte de asa, atiravam homens da Coluna Prestes e da praça da estação contra-atacavam a polícia e o detento José Mourão. ¹²⁶

No capítulo intitulado “O Cerco de Crateús”, o narrador mostrou, detalhadamente, ao leitor os desenrolares da situação, tendo como referência, além dos inúmeros depoimentos orais, fragmentos dos jornais da época que relatavam a ocasião. Pela escrita do autor, o palco central do confronto ocorreu na parte central da cidade, aos arredores da Igreja Matriz. As torres do templo religioso serviram como ponto de apoio para as forças governistas que obtiveram uma visão panorâmica da movimentação dos revoltosos. Segundo o autor, o posicionamento dos oficiais nas torres da Igreja foi crucial para a expulsão dos personagens da Marcha da localidade. As trincheiras de combates haviam sido montadas, onde de um lado se encontrava a polícia e do outro, os combatentes do tenente João Alberto. Nesse ínterim, houve uma incansável troca de disparos. Naquele momento, algumas casas teriam sido invadidas como pontos de cobertura para os ataques, assim como a muitos dos integrantes da Coluna Prestes, convergiam para o foco central do combate nas redondezas da Igreja Matriz.

¹²⁵ LIMA, op. cit., 122.

¹²⁶ Idem, p. 131 e 132.

No curso dos conflitos, o escritor descreveu dois momentos marcantes: “revoltosos perdem o Primeiro Homem” e “Revoltosos perdem o Segundo Homem”. A narrativa elaborada pelo Padre deu atenção aos dois membros mortos do Movimento. Ao descrever sobre a cena da tragédia, o autor apontou algumas versões: o primeiro dos mortos se chamava tenente Antoninho Cabaleira que seria responsável por preparar as refeições de João Alberto. Já momentos depois, morreria o tenente Tarquínio. E assim, a Coluna, além dos feridos, perdia dois combatentes. Pelos relatos apresentados pelo autor, ambos morreram tragicamente em virtude dos duelos. As seguidas descrições do evento mostram o tom emotivo da morte dos tenentes.

O autor mencionou trechos da obra “Memórias de um Revolucionário” de João Alberto quando comenta sobre o ocorrido em Crateús, ao externar seu sentimento de carinho e companheirismo ao tenente morto: **“A morte em meus braços do Antoninho Cabeleira, que eu retirara do meu fogão para combater nas linhas de frente, veio explicar em parte minha emoção”**.¹²⁷

Seguidamente, a obra do Padre Geraldo dedicou espaço ao enterro dos dois membros mortos que foram enterrados na área rural de Crateús, no sítio Boa Vista. O enterro teria sido realizado pelos próprios integrantes da Coluna:

O enterro dos Dois Revoltosos

[...] Tarquínio era gaúcho da cidade de Pedrito. Desconhecemos a origem de Antoninho Cabeleira. Pela pressa com que a estavam, ou porque não dispunham de ferramenta adequada para maior aprofundamento das sepulturas, o fato é que os 2 Revoltosos tiveram sepulturas rasas... O que aconteceu? Pobres dos tenentes Tarquínio e Antoninho Cabeleira: dias depois, cães vira-latas vieram escavar-lhe os pés, violando os corpos. Esta versão dos 2 mortos sensibilizou a população de Crateús de então [...] No calor telúrico e másculo dos sertões de Crateús jazem os restos mortais de Tarquínio e Antoninho cabeleira. Avivam-se as lembranças de tudo isto ao passarmos por aí, ainda hoje. É que estas sepulturas – **tão olvidas por nós** – juram prezar o silêncio...¹²⁸

Na cena elucidada, observamos, a partir da interpretação do autor, que houve uma comoção por parte da população local. Sendo recorrente, nas falas expostas no mencionado capítulo, a menção ao ocorrido. Isso nos faz pensar o

¹²⁷ LIMA, op. cit., p. 139.

¹²⁸ Idem, p. 141.

potencial significado que foi atribuído à morte dos dois revoltosos e que passaram a compor as memórias e o imaginário local quando da passagem do Movimento em Crateús. Dos variados fragmentos, tais como: a espionagem do “falso mendigo”, as afrontas entre Capitão Peregrino, chefe da polícia local, e João Alberto, responsável pelo 4º Destacamento da Coluna, a invasão e os conflitos armados na localidade, a morte e enterro dos membros mortos da Marcha. No decorrer da narrativa, o autor tentou conduzir o leitor a vários questionamentos quanto ao significado do episódio de Crateús, utilizando-se dos depoimentos orais, classificados por ele como vozes oriundas da tradição oral e também de documentação escrita. Assim, outros elementos entraram em jogo na narrativa e uma das recorrências foi a própria questão dos jornais impressos de circulação pelo estado cearense naquele período. A elaboração de entendimento do autor nos chama atenção por querer dar cabo às versões plurais do acontecimento na localidade de Crateús. Note-se que, na obra, há fragmentos interessantes dos jornais do período que aportaram sobre o cerco de Crateús.

Sobre a atuação dos impressos da época, o escritor focou para a atenção dada ao conflito e um dos tópicos do capítulo dedicado ao cerco de Crateús foi enunciado como a: “Repercussão do conflito de Crateús”. No decorrer de sua narração, Padre Geraldo citou informações, confeccionadas por jornais cearenses. Segundo ele, foram “notícias jogadas ao público”. Alguns dos noticiosos citados foram o “Gazeta de Notícias”, “Jornal do Comércio” e “Correio do Ceará”.

Quanto ao seu entendimento sobre as notícias divulgadas pelos noticiosos, o escritor registrou:

Como a imprensa atuante, da época era anti-Revoltosos, em sua grande maioria, os visgos da parcialidade saltam a olhos vistos a qualquer leitor acordado, segundo vimos [...] Firmando-nos em comentários da imprensa cearense da época e atendo-nos documentos testemunhais do povo tentá-lo visualizar a repercussão sob vários ângulos, do Cerco a Crateús pelos Revoltosos. Tendo ultrapassado o período prudencial, que por sua vez, afasta o fogo das paixões domésticas, neutraliza o ranço do anacronismo histórico e estirpa o imediato e incendiável calor, sob o impacto emocionam as repercussões do ataque do ex-Príncipe Imperial agora já devem ser vistos com amortecedores analíticos a fim de evitar-se a desfiguração

histórica. Houve até uma bisbilhotice e parcialidade, a nível dos comentários [...]¹²⁹

Aqui nos cabem algumas considerações que possibilitam decifrar a visão do escritor sobre o evento. Primeiramente, destacamos a clareza de Padre Gerado quanto à atuação dos impressos. Estudioso do tema, assim como nascido e criado na região dos sertões de Crateús e dos Inhamuns, o mesmo poderia ter preterido abordar a visão licenciada dos jornais sobre a passagem da Marcha na sua localidade. Mesmo não se dedicando ao estudo pormenorizado no que tange a aspectos sobre o lugar social dos impressos da época, é perceptível a ideia que eles estavam a serviço das forças governistas. Não à toa, a narrativa do autor questionou sobre os intentos dos noticiosos, classificando-os como tendenciosos, ou seja, conduzindo o leitor a buscar compreensões sobre os jogos políticos das tramas do conflito. Nesse entendimento, dá-se a elucidar que os jornais, apesar de serem responsáveis pela divulgação dos acontecimentos do evento, eram, diretamente, anti-Coluna. Com isso, os jornais se mostravam como, além de divulgadores do acontecimento, propulsores ou construtores de discursos sobre a atuação da Coluna Prestes na localidade. Segundo, consideramos que a produção do Padre Gerado foi escrita noutro momento, no qual o fato já tivera acontecido. E assim, houve tempo para a filtragem, seleção e entendimento sobre a complexidade do evento. Isso nos faz destacar a relação entre o momento do acontecimento e de quando o acontecimento foi, posteriormente, narrado ou evocado. Destacando a questão, podemos perceber relativa maturidade da produção e da maestria do Padre Geraldo que, ao pontuar tal posição das escrituras dos jornais sobre a presença da Coluna na localidade, recorreu a outros indícios, caso dos depoimentos orais, ampliando os caminhos interpretativos da saga dos revoltosos.

Apesar do interessante tabuleiro de falas ou versões contrastadas, não isentaria sua produção de promover também uma intencionalidade sobre o evento. Como mesmo descreveu o narrador: “Criei-me falar dos revoltosos”. Em suma, é notória a afinidade do escritor pelo episódio de Crateús, ao passo que denota um apego pessoal às façanhas do Movimento.

¹²⁹ LIMA, op. cit., p. 150 e 153.

No conjunto da obra, torna-se claro que o episódio de Crateús foi o de maior destaque, não apenas no sentido quantitativo de informações e exposição documental, mas pela própria complexidade que o permeou. Não esqueçamos que, apesar de Padre Geraldo ter percorrido parte do território cearense, construindo sua apaixonante narrativa, a localidade de Crateús é seu lugar de origem, onde foi criado e conviveu com pessoas que contavam histórias da passagem da Coluna Prestes na região, o que, a nosso ver, foram os riquíssimos depoimentos captados e registrados na produção que proporcionou um estudo diferenciado.

Vejamos um interessante argumento do autor acerca da Coluna Prestes em Crateús, justificando a importância das versões orais. Comentou Padre Gerado de Oliveira Lima na sua obra:

Estamos desfilando as repercussões escritas sobre o cerco a Crateús, pelo Batalhão João Alberto. Abramos espaço agora para pessoas do povo: numa das feiras do antigo Príncipe Imperial, violeiro exímio brindou o público feirante em verez exaltação, à vitória governista, assim:

**“O tenente Peregrino
Já passou a capitão
Só devido ao galope
Que ele deu no Barroco
Oh mulher Renderia,
Oh mulher rendá
Chora por mim.
A mulher do revoltoso
É chorar que nem um horror:
Por causa de seu marido
Que o Peregrino Matou
Oh mulher Rendeira
Oh Mulher Rendá,
Chora por mim
O sargento Antônio Pereira
É baixo, mas tem ação:
Topou com os revoltosos
Na Rua do Barroco
Oh mulher rendeira
Oh mulher rendá
Chora por mim ”[...]**¹³⁰

Em “A Marcha da Coluna Prestes Através do Ceará”, a ocorrência de Crateús foi captada pelas nuances, num misto de falas que propiciaram não só diversificadas situações e interpretações, mas também um elemento convergente: a Coluna teria sido derrotada e, assim, partiria das cercanias do

¹³⁰ LIMA, op. cit., p.151 e 152.

município. Entretanto, deixaria uma marca ou um símbolo referencial ao conflito na cidade e para a população local, os dois revoltosos mortos.

Perante o ocorrido, percebe-se que, diante dos indícios visualizados na produção, o autor não compreendeu a passagem da Coluna Prestes na localidade como um exacerbado fracasso. Externou-se um contraste entre seu entendimento, a partir da apropriação e seleção das narrativas orais, e dos impressos da época, pois esses últimos exaltaram os feitos das forças legalistas na localidade de Crateús ao expulsarem os membros da Coluna, ao passo que creditavam uma reprovação à atuação dos marchantes. Segundo a narrativa de Padre Geraldo: “Depois do aziago ataque de Crateús e, tendo dado sepultura aos mortos, o 2º Batalhão da Coluna Prestes reencetou a invicta marcha rumo a Arneiroz, passando por Novo Oriente, via Santo Antônio”¹³¹. Sobre o cerco de Crateús, o autor concluiu: “Pungindo de desgosto, pelo infrutífero ataque de Crateús e a perda de 2 homens de seu Batalhão, o Ce. João Alberto levanta rumo a Arneirós onde se unirá ao grosso da divisão revolucionária.”¹³²

Ao trilhar os caminhos da Coluna Prestes no interior cearense pelos plurais relatos de memórias, o escritor conduziu sua narrativa para outro momento da travessia do Movimento e, finalmente, seu desfecho. Porém, em virtude da complexidade em volta ao episódio de Crateús, outro capítulo foi apresentado na obra, intitulado: “Força Gaúcha chega a Crateús atrás dos Revoltosos”.

A narração escrita do Padre Geraldo elucidou que, após a partida da Coluna Prestes da localidade e diante da própria repercussão causada na época pelo acontecimento, o governo enviou à região um reforço para o efetivo de combate aos sujeitos da Marcha. No que diz respeito à situação, o autor afirmou que a presença de forças oficiais não se revestiu em si numa segurança por parte da população local. Ao descrever acerca da chegada das forças oficiais, foi comentada que “quando o 2º Destacamento da Coluna levantou do cerco a Crateús e a cidade voltava aos poucos à normalidade, outra desagradável notícia veio toldar a tranquilidade daquela população: a

¹³¹ LIMA, op. cit., p. 157.

¹³² Idem, p. 154.

iminente chegada de uma tropa legalista em perseguição aos revoltosos.”¹³³ Vejamos uma das falas de José Melo Cavalcante, compartilhada e registrada pelo Padre Gerado na sua obra:

O receio das ‘**requisições**’ exigidas pelas forças legalistas legais, em cada lugar que chegavam, provocou verdadeiro pânico em Crateús. Os principais estabelecimentos comerciais fecharam as portas e as pessoas de maiores recursos do lugar se retraíram¹³⁴

A partir do fragmento exposto, nos vêm em mente alguns questionamentos quanto à compreensão das tramas que envolveram aquele período. Comumente, atos de terror ou pavor eram associados aos personagens da Coluna Prestes. O discurso enunciado pelo governo e seus veículos de comunicação apresentavam os membros da Coluna como desordeiros e as forças legalistas, responsáveis em combatê-los, como defensores da nação. Com isso, visualizamos auxiliados pelo capítulo anterior da dissertação, ao analisarmos os jornais impressos, que as notícias ou informações veiculadas pelos noticiosos louvavam, demasiadamente, as forças legalistas, pois cabia a eles a função de registrar os feitos de defesa e proteção da população dos supostos desmandos ou crimes cometidos pela Coluna Prestes.

Pela lógica, a chegada do pelotão oficial do Rio Grande do Sul – forças legalistas – resultaria em uma receptividade por parte da população local. Mas, articulando alguns elementos, apontamos para um contraste de falas dos indícios, quando remontam às feições dos envolvidos no combate à Coluna. Na obra do Padre Geraldo, a presença da tropa gaúcha operou por outra conotação, ou seja, a vilania ou abuso de poder teria sido cometido pelos oficiais das forças legalistas. Decorrendo sobre o acontecimento, a produção do Padre Geraldo elencou algumas situações que promoveram um desconforto envolvendo cidadãos e oficiais. De início, numa delas apresentadas envolveu o próprio Peregrino Monteiro, chefe da Polícia Militar de Crateús e os oficiais do pelotão do Rio Grande do Sul. O delegado Peregrino, que antes havia se envolvido em conflito com os membros da Coluna, teria recebido os oficiais de defesa do governo, de maneira inusitada:

¹³³ LIMA, op. cit., p. 197.

¹³⁴ Idem, p. 197.

Quando o tenente Peregrino chega à estação de trens, portando laços no pescoço, para as continências formais ao comando de operações da força gaúcha, o comandante Otacílio Fernandes o repreendeu nestes termos grosseiros e humilhantes: **“Esses lenços no pescoço são próprios de cangaceiros, e não de receber uma brigada disciplinada”**. A Julgar pela frieza com que o delegado de Crateús, recebera a tropa de ocupação e pelas reações do Major Octacílio. Sente-se que havia veladas despeitas em ambas as partes pelo completo controle da cidade.¹³⁵

A descrição nos chama atenção pela intrínseca apresentação de Peregrino que se utilizou de um dos símbolos dos membros da Coluna Prestes, o lenço vermelho. A presença do chefe de polícia, transvestido de revoltoso, possivelmente, assinalou-se como um gesto de afronta ou desrespeito aos oficiais recém-chegados. Assim como, naquela conjuntura, um deboche particular da personagem Peregrino que foi proclamado como o aniquilador da Coluna Prestes na cidade de Crateús.

Em continuidade o escritor da produção “A Marcha da Coluna Prestes através do Ceará” pontuou que não houve um sentimento de empatia entre a população local e os membros da brigada gaúcha. Isso se deu pela postura autoritária dos oficiais que, após deixarem a estação de trem, rumando para o centro da cidade, começaram fazer uma série de exigências:

Logo começam as “requisições” exigidas pela tropa de ocupação. Gado, porco e carneiros são abatidos a tiros de fuzil de maneira indiscriminada, para alimentar o 21º Corpo de Brigada Militar do Rio Grande do Sul acantonado em Crateús.¹³⁶

No traçado da situação, Padre Geraldo foi apresentando elementos que conduziu o leitor a entender que talvez os maiores prejuízos de ordem material, ocorridos na localidade, foram cometidos pelas forças gaúchas e não pelos membros da Coluna. Entendemos também a elaboração como uma interessante possibilidade de justificar a ausência de prejuízos materiais pelos marchantes na localidade, uma vez que, quando ocorrido o conflito de Crateús, a invasão da Coluna Prestes ao perímetro urbano se dera instantaneamente, seguida de ataques dos opositores, ou seja, da polícia local. Traduzindo: não houve tempo suficiente para os sujeitos da Marcha angariar mantimentos, fazer inspeções e arrecadações em estabelecimentos públicos e comerciais. Em

¹³⁵ LIMA, op. cit., p.199.

¹³⁶ Idem, p. 200.

nível de informação, uma das táticas do Movimento era se estabelecer nas redondezas dos municípios, acampando nas fazendas. A penetração *in loco* urbano só ocorria, mediante situação favorável, ou seja, sem algum tipo de resistência. Uma vez presente na área urbana, os membros do Movimento buscavam produtos de subsistências (alimentos, armas, dinheiro e outros), pois era de extrema importância às necessidades da Coluna, um Movimento de característica itinerante.

Contudo, a forma de captação dos recursos materiais deve ser entendida entre contextos e particularidades. Queremos dizer que, possivelmente, em localidades por onde a Coluna foi bem recebida, parte dos moradores poderia compreender os intentos da Marcha. Mas já numa situação contrária, a ação seria visualizada como violência, saque, roubo ou furto. No que se refere ao caso de Crateús, a decifração é complexa. Explicitamente, na narrativa do autor, os supostos casos de saques não foram mencionados, porém podemos entender que também não foram descartados.

Vejamos um dos fragmentos da fala de José Melo Cavalcante, depoente do Padre Geraldo e publicado na obra, ao comentar, sucintamente sobre os prejuízos na localidade: **“Esta tropa legalista deu mais prejuízo do que os próprios Revoltosos.”**¹³⁷ E mais uma vez, a ação destruidora coube aos oficiais legalistas. Isso nos faz pensar de onde partem as falas e os interesses em jogo. É indispensável lembrar que, dos impressos do período analisados, não foram esboçadas ou divulgadas notícias que comprometessem a integridade das forças legalistas. Importa ressaltar também que, naquele lance, a Coluna percorria outros trechos do sertão cearense e, talvez, o caso de Crateús já estivesse sanado na visão dos noticiosos, incumbidos de relatar os passos seguintes da Marcha e seus desenrolares. Por outro lado, não seria interessante para o governo e os veículos de comunicação anti-Coluna divulgar conflitos ou situações que colocassem em risco a credibilidade dos esforços governamentais em combate a Coluna Prestes. Nesse caso, assinalamos para a presença da brigada legalista que veio de encontro ao movimento dos tenentes na localidade e que, segundo as narrativas da obra, teriam causado um desconforto à população do lugar.

¹³⁷ LIMA, op. cit., p. 201.

Apreciemos outra passagem da produção do escritor que mencionou os atos do Corpo da Brigada Gaúcha na cidade de Crateús:

Todavia, o mais grave não fora o abate de animais, em nome da legalidade. Trata-se do seguinte: praças do 21º Corpo da Brigada Militar do Rio Grande do Sul ocupando também o prédio da câmara municipal de Crateús, foram ao Arquivo daquela repartição e levaram a papelada pra fazer fogo debaixo dos taxos de cozinhar “rancho”. Testemunha-nos o sr. Noberto Ferreira, comerciante em Crateús. E nas labaredas dos enormes taxos de cozinhar dos soldados da tropa gaúcha, fora queimada toda uma documentação precisa da antiga Intendência de Crateús, atas do legislativo municipal e possivelmente, quem sabe, documentos forais dos primórdios da colonização de Crateús, desde a primitiva Piranhas, depois do Príncipe Imperial até aquele ano de 1926 a que nos portamos. Este fora o maior prejuízo – **culturalmente inalienável** – que as forças legais de ocupação causaram a Crateús.¹³⁸

Após tecermos algumas considerações sobre aspectos que envolveram o antes, o durante e o depois acerca do conflito de Crateús, continuamos a flutuar pela obra “A Marcha da Coluna Prestes através do Ceará”, de Padre Geraldo de Oliveira Lima. Como colocado anteriormente após o citado acontecimento e seus desdobramentos, o autor continuou a trilhar os caminhos das memórias sobre Prestes e seguidores por terras cearenses. Afinal, onde estaria Prestes, a personagem que deu título ao movimento dos tenentes? Da tumultuada movimentação por Crateús, protagonizados pelo Destacamento João Alberto, a polícia de Crateús e a população local, o movimento da Coluna se unificaria na cidade de Arneiroz na região dos Inhamuns.

Pelos relatos de Padre Geraldo, a Marcha até aquele momento estava dividida em quatro destacamentos. A incursão pelo Ceará se deu, em parte, de forma descentralizada. Uma tática comum e aplicada pelos homens da Marcha em, praticamente, todos os caminhos trilhados no território nacional. Afinal, os tenentes rebelados eram perseguidos pelas forças de coalizão anti-Coluna.

Mencionamos também que parte da produção de Padre Geraldo foi dedicada às narrativas da Coluna João Alberto, uma das divisões do movimento. Sobre esse lado, entendemos que tamanho destaque dado ao segmento na obra se deu pelo próprio percurso da tropa que palmilhou a região onde o autor nasceu e conviveu.

¹³⁸ LIMA, op. cit., p. 201.

Em uma das passagens da escritura, o autor comentou sobre o documento¹³⁹ de João Alberto que relatou seu itinerário pelo Ceará:

[...] João Alberto, em termo de Ceará, omitiu nomes de lugares ocupados por ele, tais como: Nova Russas, Sucesso, Novo Oriente, Quiterianópolis e Santo Antônio, perto de Crateús. Pela rapidez de seus deslocamentos, compreende-as a omissão desses topônimos, e de outros por nós citados. De nossa parte, tentamos preencher lacunas: registrando a passagem do 2º Destacamento da Coluna nos lugares não oficialmente citados por João Alberto. Trabalhando no epicentro da zona coberta pelo Batalhão João Alberto, no Ceará, foi-nos possível, pela vivência do cotidiano e por árdua atenção dirigida ao assunto, registrar nesse trabalho nomes de localidades esquecidas [...]¹⁴⁰

Enxergamos que na produção em estudo, a região dos Inhamuns, especificamente a Cidade de Crateús, configurou-se como palco central dos conflitos e o Destacamento João Alberto, sendo, implicitamente, apresentado como protagonista da incursão pela maioria das localidades cearenses.

Cabe ressaltar que não houve uma negligência quanto às descrições de outros lugares cearenses por onde a Marcha incursionou; porém, pensamos que alguns elementos perpassam ao universo da pesquisa, onde limites e intencionalidades se apresentam como algo inerente. Sem dúvida, pela composição de indícios, o caso de Crateús se tornou imprescindível à compreensão do evento. Sendo assim, apontamos à forma como o episódio foi apresentado, nesse caso, nos voltamos à obra, onde o autor narrou, extensivamente, a situação. Constatamos também que houve localidades cearenses que mesmo citadas na produção, foram poucos destrinchadas, a exemplo o Distrito Quixariú¹⁴¹, portal de entrada do estado-maior, liderado por Luiz Carlos Prestes.

Em suma, podemos dizer que a pesquisa e a obra do escritor apresentam recortes, ora por intenções intimamente particularizadas, ora pelas limitações. E assim, deduzimos que, mesmo fosse pretensão da obra abordar

¹³⁹ Carta - relatório, escrita por tenente João Alberto e direcionada ao Estado- Maior da Coluna Prestes. Nela foi informados elementos da expedição pelas regiões norte e central do estado do Ceará. O referido documento foi publicado nas obras "Marchas e Combates", de Lourenço Moreira Lima e "A Marcha da Coluna Prestes Através do Ceará", de Padre Geraldo de Oliveira Lima.

¹⁴⁰ LIMA, op. cit., p. 270.

¹⁴¹ Situado na divisa entre Piauí e Ceará. Alguns de nossos narradores versaram sobre a passagem da Coluna Prestes por Quixariú que faz parte do município de Campos Sales.

uma história total da saga do Movimento por solo cearense, na prática seria complexo por excelência. Destacamos a questão, por entendermos que os processos históricos são construídos por variantes e/ou intrínsecos aspectos, assim como o passado não seria estático. Sempre em construção, diante das inquietações e lacunas desveladas, o passado é um devir.

Retornando ao episódio de Arneiroz, cuja localidade se tornou o centro de reunião da Coluna. Separado, desde sua passagem pelo estado do Piauí, o grosso do conglomerado, conhecido por Estado-Maior e liderado por Luiz Carlos Prestes, adentrou o Ceará pela região do Cariri, onde se encontrava entrincheirado o Batalhão Floro Bartolomeu, incumbido de impedir a evolução da Marcha. Segundo os relatos, não houve grandes embates nessas dimensões.

Enfim, os marchantes chegaram a Arneiroz acampando por três dias, um período considerado longo, uma vez que dificilmente ficavam mais de 24 horas nos lugares. O escritor afirmou que não houve qualquer tipo de manifestação de resistência aos tenentes rebelados pela população local, sendo um dos possíveis motivos que teria propiciado um momento tranquilo e atrelado à ausência de forças legais nas proximidades do município. Em nível de informação, era comum a Coluna Prestes despistar os inimigos, pois, além de evitar um tumulto generalizado, preservaria os seus combatentes de conflitos exaustivos.

Vejamos trechos da obra de Padre Geraldo sobre a presença da Coluna Prestes em Arneiroz:

[...] Em Arneiroz, fora mais um desfile de tropas montadas a cavalo, tal indiferença dos habitantes do lugar. Perplexo e apático comprimia-se o povo nos calçadões de pedras de Arneiroz, vendo a Coluna chegar [...] Vinha entrando na Vila, divididos em pequenas Companhias e iam tomando conta das ruas e casa vazias. [...] Toda aquela segunda-feira, de 25 de Janeiro, fora gasta em receber, pelo resto do dia, a retaguarda, os retardatários e dispersos, comenta Antônio Emias. Montados a cavalo, fartamente barbados, e com fitas no pescoço, grupos de revoltosos continuavam chegando, por todo dia, a Arneiroz. Eram vários, muitos e tantos.¹⁴²

Durante a estadia em Arneiroz, os membros da Coluna passaram a redimensionar seu itinerário. Poucos dias à frente, o Movimento deixaria o Ceará, rumando para as divisas dos estados do Rio Grande do Norte e

¹⁴² LIMA, op. cit., p. 249 e 250.

Paraíba, mas, antes de cruzarem as fronteiras, outras localidades ainda seriam cortejo da Marcha por cenário cearense.

A despedida da Coluna de Arneiroz:

As vésperas da saída de Arneiroz, isto é, na noite de terça-feira para quarta, houve uma intensa movimentação dos Revoltosos nas estreitas ruas de Arneiroz. Barulho, pisada de botas com esporas, vozes de comando e palavrões tumultuaram e estragaram a noite dos poucos habitantes de Arneiroz. Declara-nos uma testemunha vivencial deste acontecimento: **‘Aqui no Arneiroz ninguém dormiu naquela noite. Era animal braiando no meio da rua, batecum de bota com espora e nome feio’**.

Pelas testemunhas ouvidas, em Arneiroz, não houve formação de tropa nem toque de cometa, quando a Coluna evacuou aquela cidade. Não se tem notícias de formalismos no ato de despedida dos Revoltosos, em Arneiroz, Mas na linha da logicidade: se em lugares onde só passou o Destacamento João Alberto, e por poucas horas, houve formação da tropa e toque de corneta, nos aplece lógico que, em Arneiroz, por força da junção dos 4 Destacamentos e de um acantonamento de 3 dias ter havido formalidades de praxe... Mas não afirmamos que tais coisas tenham acontecido, pois não pomos asas à imaginação... Entretanto, é presumível. Também não sabemos quem saiu na vanguarda, quando da evacuação de Arneiroz, e, de igual modo, quem cobriu a retaguarda. São dados não substanciais, todavia, tem seu caráter ilustrativo e a ilustração, via de regra, é benéfica ao conjunto do corpo de um trabalho. Entretanto, os mais antigos habitantes de Arneiroz deixaram atomizar-se no limbo do esquecimento, tais informes. Mas de uma coisa sabemos com veracidade absoluta: que o grosso da Coluna Prestes evacuou Arneiroz numa bela manhã de quarta-feira rumo à Nova Floresta. Declarações de Antônio Emias, residente no município de Arneiroz¹⁴³

Destrinchando a citação acima, elucidamos interessantes elementos. Primeiramente, o escritor narrou os momentos finais da Marcha na localidade. Ao lançar mão das testemunhas orais para compor o episódio, intuímos certo estranhamento no que concerne à postura dos integrantes da Coluna Prestes. Pelo que apontam as passagens, não houve tumulto quanto à presença dos tenentes rebelados; porém, uma demasiada desordem, tais como as cenas de barulho, alvoroços que teriam incomodado a população do lugar.

Em continuidade, é perceptível, implicitamente, uma inquietude do autor, pois, até então, as narrativas por ele ouvidas e, por conseguinte, transformadas em arte escrita mencionavam traços de uma Coluna supostamente respeitosa, educada, tranquila e, até certo ponto, pacífica ou disciplinada. Seriam as faces heroicas da Coluna? No que se refere à ausência da cena das cornetas e do reagrupamento dos grupos da Marcha para seguir

¹⁴³ LIMA, op. cit., p. 310 e 311.

partida, configurar-se-ia, nas entrelinhas da produção, uma ação fora da normalidade do Movimento quando de sua passagem pelas localidades cearenses, anteriores a Arneiroz.

Diluindo a questão, entendemos que, naquele momento da unificação da Marcha em Arneiroz, o contingente de João Alberto não se apresentava mais como protagonista da maior parte das ações pelo território. Estava, em cena principal, a composição geral do conglomerado, trazendo em si os plurais sujeitos que compunham os quatro destacamentos. Forçosamente, o autor se intrigou com a situação, pois não conseguiu subsídios para narrar uma cena que na sua visão, fosse necessária a desbravadora Marcha; ou seja, que concorreria para uma das atitudes disciplinares, apreciadas noutras localidades cearenses.

Em tempo, a situação foi transmutada aos próprios narradores que teriam excluídos de suas memórias, o momento da partida e sua ritualística. Perante a problemática lançada, entendemos que a memória é perpassada por seletividades, omissões e esquecimentos e, talvez, o suposto protocolo da partida não tenha de fato ocorrido, assim como poderia ser uma das particularidades da Coluna João Alberto e não dos outros destacamentos, ou melhor, esta última seria a mais disciplinada no conjunto da Coluna Prestes. Para remissão da cena ausente, o autor recorreu à narrativa de um dos depoentes para mencionar que o Movimento apenas partiu num “belo dia”. Antes da finalização da escrita, o autor dedicou na sua obra um espaço pra mostrar duas questões que compuseram a conjuntura da passagem da Coluna Prestes no estado: “O quadro Geral das Forças Legais no Ceará” e “Dividendos da Coluna”. No primeiro, foi elencado como se apresentavam as forças de combate ao movimento dos tenentes. Já o segundo foi esboçado um balanço da atuação da Coluna Prestes em solo cearense.

Sobre as forças de coalizão anti-Coluna, percebe-se que o produtor teve uma preocupação em passar ao leitor como estava emoldurado o contexto político local em relação aos esforços de combate às tropas tenentistas que naquele período percorriam o cenário cearense. É notável a questão que envolveu o batalhão patriótico Floro Bartolomeu, o papel da personagem religiosa Padre Cícero e o bando de Lampião. Sobre o batalhão patriótico, liderado por Floro, o autor escreveu: “Face ao fracasso das tropas regulares do

exército e as polícias militares no sentido de frearem o avanço da Coluna [...] o governo Artur Bernardes resolve apelar diretamente ao pe. Cícero, através de Floro Bartolomeu.”¹⁴⁴ No capítulo anterior da dissertação, traçamos algumas discussões em torno da trama política daquele contexto. Ressalvamos que na obra “A marcha da Coluna Prestes através do Ceará” tal aspecto foi descrito, concorrendo em parte para ideia do protagonismo dado ao suposto triângulo sociopolítico, incumbido de aniquilar a evolução de Luiz Carlos Prestes e seguidores. Segundo os jornais impressos da época e alguns documentos oficiais publicados nas suas páginas, o pelotão de Floro Bartolomeu acampou na cidade de Campos Sales¹⁴⁵, à espera dos “revoltosos”. Pelas informações havia uma possibilidade da Coluna Prestes adentrar pelas mediações da localidade, uma vez que parte de seu segmento penetrou o estado cearense pela região norte e o restante se aproximava pela parte sul.

O Batalhão Patriótico Floro Bartolomeu: “chegou a Campos Sales portando roupa azul, depõe José Pereira, testemunha ocular do acontecimento”¹⁴⁶. Mais uma vez, a obra expôs alguns relatos orais, enfocando agora a questão da presença do batalhão liderado por Floro. Chama-nos atenção agora o foco dado pelo autor, pois a Coluna Prestes não adentrou o município de Campos Sales, ao contrário de outras localidades cearenses. Lógico que, mesmo a Coluna atravessando proximidades do município, seria impossível sua entrada na área urbana, pois certamente, notícias teriam chegado aos destacamentos, evitando um possível conflito *in locus*. Pela montagem do episódio, licenciada pelas narrativas orais colhidas pelo escritor, foi elencada aspectos da presença e do cotidiano alterado da população local. De acordo com a obra, a liderança política e militar de Floro se encontrava ameaçada diante de sua saúde debilitada. “De Juazeiro, o Dr. Floro trouxe uma cozinheira, pois doente como estava, obedecia a rigoroso regime militar. Sempre alimentado de pinto. **‘Todos os pintos aqui da rua eram comprados para Dr. Floro’** – revela-nos dona Lima.”¹⁴⁷ Mesmo assim, o político teria cumprido suas atividades, embora de maneira limitada. “Em Campos Sales, as

¹⁴⁴ LIMA, op. cit., p. 286.

¹⁴⁵ Localidade situada na região sul do Ceará e divisa com estado do Piauí.

¹⁴⁶ LIMA, op. cit., p. 286.

¹⁴⁷ Idem, p. 287.

medidas práticas de Floro Bartolomeu restringiriam a mandar cavar trincheiras na periferia.”¹⁴⁸

Em continuidade, noutra interessante passagem que remontou a atuação de Floro, o autor apontou para a personalidade da personagem:

Comissionado pelo poder central para dirigir os destinos das operações militares contra os Revoltosos, no sul do Estado, - cioso deste posto – tornou-se prepotente. Por exemplo; mandou chamar um coronel da região para ajudar-lhe na defesa. Só com relativo atraso, chegou o dito coronel a Campos Sales e à presença de Floro. Este, com os nervos a flor da pele, explode de maneira irascível, e abrindo uma malota cheia de dinheiro trazida, do Rio de Janeiro, mostra-a ao coronel, dizendo

O que estava pensando? Pensa que o governo queria seus préstimos de graça?¹⁴⁹

Baseando-se nas narrativas orais, o escritor tentou elucidar a conjuntura política daquele momento, na qual Floro Bartolomeu representava uma autoridade política em aliança com o governo federal, presidido por Artur Bernardes. Com isso nos chamou atenção a descrição da personalidade do líder do batalhão patriótico. No trecho transcrito, a personagem foi entendida como uma figura que beirava a arrogância ou pelo abuso de poder. Essa representação elaborada na produção nos é interessante, pois contrasta com a visão dos impressos que apresentava as lideranças como pessoas íntegras e solícitas assim como os próprios batalhões patrióticos por sua faceta disciplinar na luta contra os integrantes da Coluna.

A cena do malote, também nos foi elucidativa por denotar a questão das alianças formadas, uma vez que havia além de um apoio logístico, um aporte financeiro no combate à Coluna Prestes. Tal como a própria cena exposta na obra desvelou fragmentos do cotidiano das forças legalistas quando presente na localidade que dificilmente seria apreciada noutras fontes documentais.

Diante do momento atribulado com o avanço dos integrantes do movimento e da saúde debilitada de Floro Bartolomeu, o então líder político evacuou-se da cidade de Campos Sales, partindo para o Rio de Janeiro em busca de tratamento médico. Nesse ínterim, outra personagem da política interiorana cearense entrava em cena, Padre Cícero Romão Batista. De acordo

¹⁴⁸ LIMA, op. cit., p. 287.

¹⁴⁹ Idem, p. 287.

com a obra, a polêmica se geriu pelo suposto convite do bando de Lampião para auxílio contra a Coluna Prestes. Segundo a versão da narrativa de Padre Geraldo, o suposto convite foi controverso.

Ao buscar uma coerência interpretativa sobre o contexto, o autor destacou na sua produção:

Antes de tudo, faz-se mister considerar que o convite a Lampião para vir ao Ceará, a fim de receber patente de capitão, e como, combater os Revoltosos, não é um fato fortuito. Este inusitado acontecimento abrolha e se concretiza no bojo de um contexto difícil, duro, conflitante e desmoralizador para o governo Artur Bernardes e mostra impotência das forças militares e da polícia em conterem o avanço onipresente da Grande Marcha através do Nordeste.¹⁵⁰

Destarte a narrativa, Padre Geraldo mensurou sobre a complexidade dos jogos do poder em cena naquele período, ao demonstrar conhecimento sobre as articulações elaboradas em combate à Coluna. Em um dos aspectos, o cronista entendeu que as forças legalistas se revestiam por uma instabilidade ou, até certo ponto, de uma inoperância. O autor proclamou como “desmoralizador” o desempenho do Governo, e por meio da expressão supracitada na narrativa da produção, questionamos de onde partem as falas e as intencionalidades imbuídas nos registros. Por certo, caso a produção corroborasse com as escrituras jornalísticas de 1926, o entendimento seria outro.

Sobre as ações das forças políticas e armadas anti-Coluna, concordamos, em parte, com o posicionamento do produtor, pois não foram visualizadas na gama de produções sobre o tema ou do contexto daquele período, elucidações sobre derrotas significativas que comprometessem evolução da Coluna ou culminassem com a rendição de seus integrantes; ou seja, supostamente não houve logísticas e aparatos militares suplantadores do movimento dos tenentes. Pois como é sabido, esta encerrou sua peregrinação ao se internar na Bolívia. Sobre o desfecho do Movimento, pontuamos também que, talvez, a própria desestrutura da Marcha se deu por um desgaste natural, aliado ao cansaço físico, epidemias e falta de mantimentos.

Retornando ao caso da passagem da Coluna e da atuação de Padre Cícero, o elemento mais elucidativo foi o envio da carta ao líder Luiz Carlos

¹⁵⁰ LIMA, op. cit., p. 293.

Prestes e da recepção ao bando de Lampião pelo religioso na cidade de Juazeiro do Norte. Apesar de termos discutido no capítulo anterior do presente trabalho a ocorrência, divagamos pela leitura da obra de Padre Geraldo e de como foi apresentado o desenrolar da situação. Mesmo pontuando com “mistério”, algumas conexões foram esboçadas quanto à relação entre Floro, Padre Cícero e o bando de Lampião: primeiramente, Padre Geraldo não compreendeu como uma afirmativa, o apoio direto de Padre Cícero Romão Batista ao líder político Floro Bartolomeu, quanto à organização do batalhão patriótico.

Sobre a questão, o autor comenta que

[...] não se conhece, documento escrito, pelo menos ao nosso alcance, incriminando o Patriarca de Juazeiro como co-idealizador, ou cúmplice da organização do Batalhão de Floro. Assim sendo, permanece no infundo fundo do poço a exata resposta a indagação, se o pe. Cícero apoiou, ou não, o Dr. Floro na formação de uma força governista, de jagunços e romeiros, em perseguição a Coluna...¹⁵¹

É interessante percebermos que sob a ótica da produção, o caso da atuação de Padre Cícero em favor do Batalhão foi minimizado. Porém, ressaltamos que essa posição nos causou estranhamento, pois mesmo o Padre Cícero não tendo uma atuação ativa no combate, alguns elementos nos fazem pensar que, possivelmente, existiu um apoio logístico ou simbólico. Não podemos esquecer que o QG do Batalhão Patriótico era situado na cidade de Juazeiro do Norte, assim como Padre Cícero tinha uma ligação íntima com Floro Bartolomeu. E a carta redigida pelo religioso, destinada a Prestes, por tom conciliador, enunciando “Caros Patrícios”, poderia revelar uma tática de combate aos sujeitos da Coluna.

Note-se que apesar de haver referência à carta de Padre Cícero em “A Marcha da Coluna Prestes Através do Ceará”, ela não foi transcrita. De alguma forma, nos é caro entender a proposição, pois compreendemos que a personagem religiosa se constituía de plurais facetas: o político, o religioso, o coronel. Ou seja, seus vínculos com as forças políticas locais que naquele momento combatiam concorrem para mostrar de que lado o religioso se encontrava.

¹⁵¹ LIMA, op. cit., p. 292.

Pelos fragmentos expostos, entende-se que houve, na produção “A Marcha da Coluna Prestes através do Ceará”, uma relativa preservação do líder religioso:

O Dr. Floro, com ou sem o beneplácito de pe. Cícero, organizou o batalhão patriótico para combater a Coluna. Mas aí não parou. É acusado de ter em nome do patriarca do Juazeiro, convidado Lampião a vir ao Ceará receber credenciais para perseguir os revoltosos.¹⁵²

De acordo com a obra, que se apropriou de outras produções locais¹⁵³ para esclarecimento da situação, houve um convite de Floro Bartolomeu a Lampião e seus cangaceiros. Contudo, o desenrolar do episódio, segundo a narrativa, mensurou que Padre Cícero não estivera envolvido na construção do convite ao bando para combater a Coluna Prestes. Porém ressaltou que “em idade avançada e doente, pe. Cícero já não possuía mais força moral para negar um sim ao caudilho, que nos últimos tempos vinha usando do nome do taumaturgo para fins políticos”.¹⁵⁴ Atente-se que, pelo fragmento, a personagem religiosa foi utilizada, de alguma forma, como mecanismo na construção da trama, sendo dado a ele o papel de intermediário, mas não como mentor ou responsável direto do contato com bando de Lampião.

Tocante ao contexto da época, é compreensível ressaltar que variadas versões circundam sobre o líder religioso quanto à aliança com Floro Bartolomeu e do possível convite ao bando de Lampião. No entanto, mesmo entendendo como necessárias as referências, alguns aprofundamentos ficariam para outra oportunidade, em virtude das limitações do presente trabalho. Assim, pontuamos que o nosso intuito foi apenas trazer ao cerne a questão do contexto político local, descrita na produção do Padre Geraldo.

Em continuidade, o livro dedicou o capítulo final ao balanço das atividades do movimento dos tenentes. Intitulado de “Os dividendos da Coluna”, o autor traçou aspectos sobre a composição da Marcha. Segundo ele, seriam “Os dividendos de ordem material e imaterial. Todos, resultados de

¹⁵² LIMA, op. cit., p. 293.

¹⁵³ Referimo-nos às obras locais, utilizadas pelo autor para construção de sua narrativa escrita referente à trama política que envolveu Floro Bartolomeu, Padre Cícero Romão Batista e o bando de Lampião. A peculiaridade sobre a descrição do episódio se apresenta pelo autor utilizar estritamente das produções escritas, diferindo-se, em parte, de outras passagens do seu trabalho que priorizou as narrativas orais.

¹⁵⁴ LIMA, op. cit., p. 295.

caráter prático.”¹⁵⁵ Primeiramente, a obra fez alusão ao percurso do movimento por solo cearense, assinalando o aspecto geográfico, pois os integrantes teriam percorrido uma das áreas cometidas por um clima considerado “inóspito”. A destacar, concordamos com a observação, pois o percurso do movimento se deu por uma das partes mais secas do estado: Sertão de Crateús, Inhamuns, sertão central e região do vale do Jaguaribe.

Noutro ponto, foi apresentado o perfil das lideranças do movimento, atendo-se para as particularidades que compuseram as personagens centrais:

[...] o comando da Grande Marcha é composto de intelectuais, bem entendido, para época. Moreira Lima encarregado do diário dos revoltosos era bacharel em direito, e sua descrição supracitada, denuncia-o inexoravelmente como uma mente forrada de residual gama de leitura. João Alberto, quando não havia presença inimiga, lia viajando. Juarez Távora, dotado de estilo claro e preciso. Prestes é aceito como a convergência da inteligência daquele comando revolucionário.¹⁵⁶

Pela citação, vislumbramos outros rudimentos interessantes. O autor assinalou que as principais lideranças da Marcha se revestiam por uma destreza, compreendo-as como sujeitos inteligentes que engrenaram uma manifestação de grande proporção. A imagem concorreria para se pensar que o movimento em si foi concebido por um grupo pensante que, supostamente, aparentava uma clareza quanto à conjuntura sociopolítica do País naquele período. Outrossim, é perceptível a convicção de Padre Geraldo ao afirmar as qualidades das lideranças da Coluna Prestes e, ao incitar tal posicionamento, compreendemos que a produção tentou, de alguma forma, confrontar visões que foram elaboradas por outras documentações produzidas à época (documentos governamentais oficiais e jornais). Se noutras, a Coluna foi lida como um conglomerado revestido pela desordem, da antimoral e do impatriotismo, denotando, assim, uma ação sem causa justa, a produção memorialística transcorreu por outra compreensão, assinalando o lado intelectualizado de suas lideranças.

Outro aspecto esboçado na obra de Padre Geraldo foi acerca das adesões de voluntários a Marcha quando de sua passagem pelas localidades. Com isso, destacamos que era comum sujeitos sociais compactuarem com a

¹⁵⁵ LIMA, op. cit., p. 343.

¹⁵⁶ Idem, p. 345.

campanha dos tenentes rebelados. Logicamente que as adesões ocorreriam mediante as conjunturas locais. No que concerne à região Nordeste, dos estados onde se deram maiores captações ao quadro da Coluna, podemos citar, a partir de outros estudos, o Piauí e o Maranhão. Segundo Anita Prestes, houve aproximadamente 91 e 27 adesões, respectivamente, nos referidos estados. Já no Ceará, o quadro foi formado por apenas oito simpatizantes.¹⁵⁷ De acordo com a obra, os números convergem a essa fração. O diferencial é que o autor especificou as localidades cearenses onde ocorreram as vinculações. De acordo com a narrativa, as informações foram colhidas pelos depoimentos orais. “Foram por nós coletados, in loco, com base na tradição oral.”¹⁵⁸

Observemos o quadro das adesões apresentado na produção:

Exemplificando, vejamos o número de voluntários cearenses incorporados à Grande Marcha. Citemos-os em seus respectivos lugares de origem, dando maior precisão ao fato.

Em Ipu.....	5 voluntários.
Em Arneiroz.....	1 voluntário.
Em Novo Oriente.....	2 voluntários.
Total:	8 voluntários. ¹⁵⁹

No decorrer da descrição, o autor promoveu uma sucinta, porém pertinente reflexão sobre as adesões. Inicialmente foi demonstrada uma inquietação referente ao número baixo de voluntários cearenses ao movimento dos tenentes rebelados. Pela descrição, esse elemento se traduziria numa contradição quanto à suposição que previa uma adesão maciça no Nordeste. Por se tratar de uma região que era, já naquele período, assolada por problemas sociais e políticos, e tendo a maior parte da população vitimizada por desmandos do poder arbitrário das oligarquias locais que se constituíam por práticas coronelísticas¹⁶⁰, sua massa populacional poderia ser um importante cabo de apoio à Coluna. Outrossim, era comum quando da passagem da Coluna Prestes pelas localidades ocorrerem vínculos de sujeitos, que acabavam simpatizando com a marcha dos tenentes.

¹⁵⁷ PRESTES, op. cit., p. 308.

¹⁵⁸ LIMA, op. cit., p. 346.

¹⁵⁹ Idem, p. 347.

¹⁶⁰ Sobre Coronelismo ver: JANOTI, Maria de Lourdes Mônaco. **Coronelismo**: uma política de compromissos. São Paulo: Brasiliense, 8ª ed., 1992.

Essa situação ocorria apenas nas localidades onde os integrantes eram recebidos diplomaticamente. Parte dos seguidores, comumente, seria homens que teriam sofrido algum tipo de represália do poder local. Em consonância com a elucidação, uma das táticas do movimento era, ao adentrar nas localidades, libertar os presos das delegacias. Tal ação poderia denotar um apelo simbólico, pois parte desses sujeitos percebia a atitude como algo inusitado ou mesmo um ato de justiça.

Como já elencado, dos estados que compuseram a citada região, apenas dois, já referenciados por nós, tiveram um número considerável de voluntários. Nesse ínterim, Padre Geraldo apontou que mesmo no Ceará, sendo similar na sua composição social com os demais espaços nordestinos, a adesão maciça não existiu. Perante a produção “A Marcha da Coluna Prestes através do Ceará”, das localidades por onde a marcha incursionou, ocorreu de maneira pacífica e harmoniosa, a citar Ipu, primeiro lócus penetrado por ela. A única exceção teria sido Crateús, pois nela ocorreu um expressivo confronto entre forças governistas e forças prestistas. Com isso, podemos indagar, diante do clima amistoso, o porquê de poucas adesões.

Na tentativa de decifração da questão, podemos alimentar algumas possibilidades: de algum modo, o percurso da Coluna Prestes por solo cearense se deu rapidamente comparado aos estados nordestinos anteriormente citados. Outro ponto seria da própria conjuntura local, pois o Ceará tinha, na sua composição sociopolítica, oligarquias interioranas atuantes que se aliaram com os governos central e estadual para combater a Coluna. Não devemos esquecer-nos de outros segmentos sociais cearenses que atuaram contra o Movimento, como a Imprensa e a Igreja. Num todo, podemos afirmar que houve uma campanha anti-Coluna relativamente intensa no Ceará. Apesar dos poucos conflitos armados e da efemeridade da travessia da Coluna nesse estado, a campanha surtiu, em dada medida, um efeito para população.

Na composição do capítulo, “os dividendos da Coluna”, também foram catalogados os integrantes do movimento que teriam morrido. Adiante, Padre Geraldo pontuou que o número de baixas foi relativamente pequeno, comparado a outros estados incursionados. Pelas contas apresentadas, a totalizante margeou em torno de cinco integrantes. De algum modo, mesmo podendo não ser uma fração exata, concordamos na enunciação, pois de fato

houve poucos conflitos ou situações que corroboraram com uma situação contrária no estado cearense. As baixas aconteceram em Crateús (2), Missão, distrito de Tauá (1), Jaguaribe (1), Pereiro (1) ¹⁶¹.

Em continuidade, a obra apresentou os nomes de alguns sujeitos da Marcha:

Os Nomes dos Mortos:

Eis agora os nomes de alguns mortos. Os 2 revoltosos mortos, em Crateús, chamavam-se: Tenente Tarquínio, da cidade de Dom Pedrito, no Rio Grande do Sul e Antoninho Cabeleira, cozinheiro de João Alberto. O que morrera em Missão, tiroteando com jagunços de Quim Noronha, se chamava Evaristo. Outro combatente do município de Jaguaribe, pelos irmãos Peixoto, dele não obtemos o nome... Também não conseguimos saber como se chamava o revoltoso abatido pela polícia potiguar, na Serra do Pereiro, dele apenas temos conhecimento de que era canceroso. ¹⁶²

Em alusão ao fragmento exposto acima, nos chamou atenção a preocupação de Padre Geraldo, ao tentar relatar os nomes dos sujeitos padecidos. A descrição apresentada se tornou interessante, pois fez ver uma peculiaridade, uma vez que foram poucas as fatalidades ocorridas em solo cearense. Mesmo assim, a situação mencionada concorreu para se pensar sobre a importância dada pelo autor aos membros que estavam vinculados à Manifestação. Caso não fosse interessante aos intentos do mesmo, supostamente, os sujeitos anônimos da Coluna não seriam mencionados. Cabe ressaltar que algumas produções sobre o tema da Coluna Prestes se ativeram em relatar e homenagear as lideranças do Movimento. Apesar de a obra em estudo também dedicar um considerável espaço aos protagonistas da Marcha, a citar, João Alberto chefe do 4º destacamento, pontuamos que, em parte, desconstruiu focos, trazendo outros participantes da Coluna à narrativa, mesmo que reverenciados em poucas linhas de uma página. Mais uma vez, os contos orais, captados pelo autor promoveram a descritiva dos sujeitos mortos, juntamente com os outros registros escritos.

Em continuidade: “Só estes mortos? – pergunta o leitor”.¹⁶³ Foi a inquietação lançada por Padre Geraldo que insistiu em decifrar os dados sobre integrantes aniquilados. Assim, partindo da premissa que em qualquer lugar

¹⁶¹ LIMA, op. cit., p.348.

¹⁶² Idem, p. 348 e 349.

¹⁶³ Idem. 349.

por onde a Coluna trilhasse, os conflitos fossem algo imprescindível, posto que a mesma era perseguida pelas forças legalistas, uma situação contrária como o caso do número baixo de ocorrências, poderia gerar uma inquietude ou desconfiança, entre leigos e estudiosos do tema. Afinal, por que tão poucas mortes? Entre contextos e retornando algumas colocações, os conflitos foram bastante reduzidos no Ceará, com exceção do cerco de Crateús que, mesmo assim, segundo os registros tiveram apenas duas vítimas fatais da marcha. Noutra visualização, apropriando-se da obra “A Marcha da Coluna Prestes através do Ceará” houve, praticamente, um consenso de que, na maioria das localidades percorridas pelo movimento dos tenentes, aconteceu pela feição harmoniosa ou diplomática: sem resistências, sem grandes conflitos e da ausência de casos extremados de violência.

Perante a polêmica sobre o número de baixas, o autor advertiu: “A rigor, e pela peculiaridade somente esse. Entretanto, ao pesquisador, menos cordato, ou se desejamos perquirir, porém nas asas da imaginação, então, aquele número de mortos evolui...”¹⁶⁴ A questão ainda foi endossada por Padre Geraldo ter entendido que havia uma discrepância quanto à fração presente noutra fonte documental. Nesse caso, ele retrocedeu a uma das edições do Jornal do Comércio que trazia a reportagem do Coronel Isaias Arruda, comandante de um grupo de paramilitares em perseguição aos tenentes rebelados.¹⁶⁵ Segundo a narrativa do entrevistado, ocorreu um confronto entre as forças rivais na localidade de Solonópole. Ao comentar a descritiva da personagem coronel sobre o suposto episódio, Padre Geraldo exaltou: “A título de exemplificar o que afirmamos, citemos um texto da supracitada entrevista onde o excesso – **no número de mortes dos Revoltosos** – atinge os delicados limites do inverossímil...”¹⁶⁶ Pela narrativa publicada no jornal, o contingente do coronel teria aniquilado vários membros da marcha, quando de sua presença nessa localidade. Rebatendo o discurso, Padre Geraldo alertou mais uma vez: “Chamamos atenção do leitor, mormente, para o último parágrafo desta entrevista do Cel. Isaias Arruda, no que diz

¹⁶⁴ LIMA, op. cit., p. 349.

¹⁶⁵ Idem.

¹⁶⁶ Idem.

respeito à **morte de trinta e tantos rebeldes.**" ¹⁶⁷ Seguidamente, o cronista elencou uma série de justificativas que refutaria a narrativa do coronel. Estudioso do tema, Padre Geraldo pontuou que "jamais" a Coluna Prestes perdeu mais de 40 homens em campanha por território nacional e que, no estado do Ceará, seria incompatível o número apresentado na entrevista, pois a Coluna "vinha, por ultimo evitando, embates sangrentos." ¹⁶⁸

E afirmou ainda:

3. Se os revoltosos tivessem, perdido, de uma só vez, em território cearense, "**trinta e tantos rebeldes**", não tenhamos dúvidas de que – **mesmo evitando combates** – a Coluna teria, incontinenti, contra-atacado com irrefreável fúria de poucos "**patriotas**" de Isaias Arruda os quais, destituídos de apoio logístico, seriam reduzidos à expressão mais simples de sanduiche... ¹⁶⁹

Para além da veemência descrita quanto à afirmativa de uma suposta reação da Coluna e, por consequência de uma vitória esmagadora dos tenentes rebelados, diante da força legalista, fica a incógnita. Ressaltamos nosso posicionamento por entendermos que as vias de decodificação da travessia da Coluna Prestes pelo Ceará se elucidam pelas versões ou compreensões produzidas pelos sujeitos engrenados nessa tarefa. Porém, há de se destacar a preocupação do autor que apostou incisivamente na desmistificação ou desconstrução da invenção do episódio, nesse caso nos reportamos à situação do número de mortos da marcha.

Na ânsia de solucionar a questão, o escritor foi mais além. Seguindo a narrativa, Padre Geraldo trouxe ao cerne a versão de um de seus depoentes, acerca da situação. Narrativa do depoente: "**Essa entrevista é falsa. Aqui não houve nada de combate. Eu era rapaz novo neste tempo e vi tudo.**" ¹⁷⁰ Segundo a obra, o nome do narrador não foi divulgado, pois o mesmo não permitiu sua identificação. Após o relato, o escritor comentou: "Eis, aí, leitor, a incrível entrevista de um cidadão de Solonópole: pondo por terra o pronunciamento de Cel. Isaias Arruda, chefe de um dos batalhões patrióticos contra a Coluna Prestes, no Ceará." ¹⁷¹

¹⁶⁷ LIMA, op. cit., p. 350.

¹⁶⁸ Idem, p. 351.

¹⁶⁹ Idem.

¹⁷⁰ Idem.

¹⁷¹ Idem.

Ao buscarmos congruências acerca da situação, tomando como referência as duas versões apresentadas – a entrevista publicada no jornal cearense e da versão descrita na obra de Padre Geraldo –, visualizamos visões em disputa: referenciadas as duas traduções, conclamamos que uma foi elaborada por um jornal cearense da época. Como discutimos noutro momento do presente trabalho, os noticiosos estavam a serviço dos intentos governamentais de combate à Marcha. Já a narrativa apresentada na produção de Padre Geraldo corroborou com a tentativa de desconstrução de uma suposta invenção do dado emitido pela entrevista do coronel e publicada no meio de comunicação. Ao trazer a fala de um sujeito local anônimo, Padre Geraldo refutou o número dos mortos da Coluna apresentados por aquele impresso. Embora não identificado, e aqui pontuamos nossa compreensão ao escritor pela não divulgação do narrador oral, pois intuímos que a ausência de crédito do entrevistado ocorreu por sua preservação, concorrendo para questão ética que permeia o universo da construção do documento oral. Uma entrevista ou nome do entrevistado jamais podem ser utilizados ou publicados sem o consentimento.

Pelas versões elucidadas, conclamamos que a questão deve ser pensada para além de uma visão simplesmente maniqueísta – verdade ou mentira. A nosso ver, as duas versões concorrem para se pensar sobre o microcosmo conflituoso de representações sobre a Coluna Prestes. Em acordo, entendemos como válidos os jogos de interpretações esboçadas pela construção e desconstrução do episódio do número de mortos de Coluna. De algum modo, advertimos que perceber esse aspecto coadunou com a nossa proposta de que a compreensão da travessia do movimento por cenário cearense se fundamenta pela complexidade das plurais visões, captadas no duelo de produções que narraram sobre o evento.

Encerrando o capítulo, Padre Geraldo colocou que os maiores prejuízos de ordem material se deram à companhia de estrada de ferro (Rede Viação Cearense) e ao sistema de serviço telegráfico. Quanto a esse aspecto, uma das primeiras medidas tomadas quando adentrava uma localidade era bloquear as linhas férreas e obstruir os telégrafos, uma vez que, executando tais medidas, possivelmente dificultaria o acesso das focas legalistas em

perseguição ao seu movimento e do vazamento de informações pontuais sobre a Coluna Prestes.

Trechos da obra:

À década de vinte, quadra em que se insere o reide da Coluna Prestes pelo Ceará, deficitária era a receita da R.V.C. Arrancando telégrafos e inutilizando trechos de via férrea, tanto na Linha Norte, como na Linha Sul, os Revoltosos deficitaram ainda mais a Rede de Viação cearense.¹⁷²

O capítulo enunciado como “Os dividendos da Coluna” teve como funcionalidade apresentar um balanço de ordem material quanto à presença da Marcha em solo cearense. Mesmo assim, observamos que não foi apresentado um quadro referente aos casos de saques, furtos e pilhagens. O foco pautou-se na apreciação do número de adesões, baixas e, quanto aos prejuízos causados pela Coluna, ficou a destruição da linha férrea e do sistema telegráfico. Se nos reportarmos aos principais impressos da época, a marca indelével da passagem da Coluna Prestes por solo cearense foi da devastação material causada à população local. Já no foco da obra em estudo, de longe, esse elemento se apresentou como signo principal da Coluna.

Apesar de alguns poucos casos terem sido relatados, foi recorrente na produção uma justificativa para tais ações da Coluna, como já esboçado anteriormente. Com isso, assinalamos que o autor compreendeu determinadas atitudes da Coluna por outro entendimento. E foi por outra visão que Padre Geraldo narrou a passagem da Coluna Prestes, encerrando o tema com o capítulo: “Fechando o Palco”.

Ao narrar de forma peculiar, o escritor escreveu: “Cai o pano fecha-se o palco. Os atores recolhem-se aos camarins. A platéia retira-se. Esvazia-se o auditório”¹⁷³. Pela citação, visualizamos o tom poético dado ao evento, configurado como um teatro, onde tramas emocionantes foram encenadas. Se a Coluna, comumente foi captada pela feição brutalizada ou militarizada no entremeio de conflitos e confrontos, Padre Geraldo talhou a história da marcha ora pela suavização, ora pelo rigor, esboçando fragmentos peculiares dos marchantes nesse estado e na sua maioria elucidada pelas memórias orais, até

¹⁷² LIMA, op. cit., p. 358.

¹⁷³ Idem, p. 361.

então silenciadas, de sujeitos locais que conviveram, embora, rapidamente, com aqueles.

Ademais, a produção “A Marcha da Coluna Prestes Através do Ceará”, para além de um estudo diferenciado, uma vez que pouco se foi escrito sobre a passagem do movimento pelo estado, revelou a própria inquietação do autor, que buscou trazer ao cerne um momento considerado marcante da história cearense e até então pouco mencionado. Nesse aspecto, o autor atentou:

[...] Velha conta da sociedade cearense para com os Revoltosos: esquecendo e sepultando no funil do limbo do esquecimento, a marcha estóica e incruenta, em terras do Ceará [...] Sepulta permanece a memória da Coluna entre nós. Os livros didáticos escolares olvidaram, até agora a marcha aguerrida de Prestes [...] Referimo-nos propositalmente ao curriculum do básico e médio ensino, no Ceará, em suma, estranha é, às Comunidades eclesiais de base, a passagem da Coluna Prestes pelos sertões da Terra do Sol. Desconhecido às crianças cearenses, esse acontecimento. Ignorado aos camponeses aquele evento. Uma incógnita, a dançar freneticamente sobre os lisos bancos das Universidades do Ceará, ainda lamentavelmente o é.¹⁷⁴

Aqui foi exclamada a opinião do autor para a ausência de estudo quanto a Coluna Prestes no Ceará, citando segmentos ou instituições produtoras de *savoir* que colocaram sob espectro compreensões e explicações sobre o evento. De algum modo, a produção em estudo, além de instigar tal proposta, mencionou que aqueles que detêm conhecimento sobre os significados da Marcha não se encontram, diretamente nesses espaços, mas, sim, nos locais por onde a Coluna trilhou, nos distantes interiores; ou seja, a principal fonte veio da oralidade: “Afim, pergunta o leitor: onde estariam aqueles que nesta Terra da Luz, tiveram ou têm conhecimento dos revoltosos em solo Cearense? São a pessoas octogenárias, ou nonagenárias, outras até centenárias.”¹⁷⁵ Como já elucidado, a construção da obra bebeu demasiadamente das narrativas orais das testemunhas oculares. Com isso, a evocação e o registro dos relatos de memórias se tornaram os fios condutores da produção, propiciando plurais significados. Lembremos mais uma vez que o quadro de entrevistados utilizado por Padre Geraldo foi de pessoas que conviveram com os integrantes.

¹⁷⁴ LIMA, op. cit., p. 361 e 362.

¹⁷⁵ Idem, p. 362.

Certamente, a seleção das narrativas orais e por fim a produção textual se deu pelos interesses do escritor, e se observarmos as conjecturas de apresentação dos marchantes, percebemos a recorrente utilização de termos e expressões ou situações que suavizaram ou reabilitaram os integrantes da Coluna. Num todo, podemos arriscar que a produção foi perpassada por certa dose de sentimentalismo, tendo como ingrediente narrativo um peculiar apego e ar de admiração ao Movimento: “A Coluna Transpôs o Ceará, deixando no rastro dos cascos ágeis de suas alimárias um mural épico de indômita valentia; na esteira de suas cavalgadas [...]” ¹⁷⁶

¹⁷⁶ LIMA, op. cit., p. 364.

2.3 Outras escritas, outras histórias

Destarte as produções memorialistas apresentadas e discutidas no presente capítulo da dissertação, vociferamos quão importantes e complexas foram suas decodificações quanto à passagem da Coluna Prestes no sertão cearense. Produzidas noutro momento, ou seja, distanciadas do evento, as escrituras memorialísticas analisadas revelaram nuances tanto no que concerne à Coluna Prestes no Ceará, assim como dos próprios autores que demonstraram uma feição particularizada, dando a transparecer certo apego ou concernência com os intentos do movimento dos tenentes quando de sua evolução por território nacional e em específico no estado do Ceará. Porém, destacamos ainda que tais posicionamentos foram legitimados também a partir de suas experiências.

No caso de José Marrocos, o mesmo testemunhou alguns flashes da presença do movimento na localidade de Ipu, remontando fragmentos do cotidiano local diante das ações da Coluna Prestes na cidade. Revelador foi o episódio sobre a personagem Anastácio, preso por um suposto crime para depois ser libertado pelos membros da Coluna e por seguinte aderir à campanha da Marcha. Citamos ainda interessantes narrativas de memória que foram transcritas na sua obra, tendo como elemento principal os diálogos entre sujeitos locais e integrantes da Coluna.

Quanto à produção de Padre Geraldo de Oliveira Lima, pontuamos que a experiência foi de outra ordem; ou seja, diferentemente da construção de José Marrocos, Padre Geraldo geriu seu trabalho a partir da experiência do não vivido e trazendo ao âmago discursivo, as falas daqueles que lhe contavam história sobre as façanhas dos seguidores de Luís Carlos Prestes. Como já atentado e discutido anteriormente, “A Marcha da Coluna Prestes através no Ceará” tornou-se a nosso ver um dos principais registros sobre a travessia do movimento nesse Estado. Damos esse crédito pela audácia construtiva sobre o tema histórico, pois, apesar de o citado autor não ser um historiador de formação, fez um estudo digno da academia, legitimando-se como material indispensável para aqueles que pretendem estudar ou tomam gosto pelo tema. Poderíamos aqui elencar inumeráveis aspectos que se destacaram na sua

produção. Todavia, perante as limitações da nossa análise e por não quisermos tornar repetitivos os comentários, grifamos que os relatos orais foram o fio condutor do trabalho.

Como balanço sintético, conclamamos que as produções memorialistas locais trouxeram um novo olhar ao evento. Imbuídas por intencionalidades e sentimentos, elas se compõem como registros que promoveram novas possibilidades de entendimento sobre a passagem da Coluna Prestes pelo Ceará. Tendo como mote as memórias locais, antes silenciadas e agora enlevadas nas citadas obras, construíram outras histórias. Nessa perspectiva, e nos valendo delas como relevantes registros, as narrativas orais, entremeadas às narrativas dos autores: “A Coluna Prestes no interior do Ceará” e “A Marcha da Coluna Prestes através no Ceará” desconsideraram ou refutaram, intencionalmente ou não, e a nosso ver, aspectos que foram produzidos sobre a Coluna Prestes, nesse caso dos jornais impressos da época. No cosmo de representações da Coluna Prestes, as visões materializadas nas diversas produções escritas (jornais impressos e obras memorialistas locais) se digladiam em arena ao apresentarem suas memórias acerca da travessia da Coluna Prestes no sertão cearense.

Se, para os jornais, os membros da Marcha foram lidos como sujeitos aterrorizantes, para as escrituras memorialísticas os significados foram outros e no misto de evidências e particularizações, observamos que as últimas construíram uma visão romanceada ou heroica da Coluna Prestes. Ao observarmos esse aspecto, perguntaríamos: o que levou autores e produções locais proferirem uma visão da Coluna que beirou o heroísmo? Como já colocado em passagens anteriores, uma série de elementos perpassam o estudo ou confecção de um trabalho. O lugar social do escritor ou cronista diz muito sobre seus intentos e da sua escrita, produção ou narrativa, mas observamos que as eventualidades narradas vieram também das experiências daqueles que conviveram com os integrantes da Coluna Prestes quando de sua estada nas localidades do Ceará. Se, por um lado, os jornais cearenses de alguma forma relataram ou noticiaram a distância, ou seja, externamente as ações e os desenrolares conflituosos sobre o evento, as obras memorialistas beberam dos relatos locais, daquilo que foi vivido e rememorado por sujeitos locais. Por dedução, pontuamos que, perante as plurais falas, a possibilidade

de incidências de versões diversificadas seria uma constatação considerável. Sobre esse aspecto, atentamos que, assim como os jornais, as escrituras memorialísticas selecionaram seu mote narrativo, mediante seus interesses e naquilo que acreditavam. E diante da complexidade, advertimos que o jogo de representações sobre a Coluna Prestes no Ceará continua pautado por evidências, particularizações e (res)significações.

Após termos divagado pela ótica dos jornais e das produções memorialistas respectivamente, continuamos nossas compreensões sobre o universo de representações sobre o movimento dos tenentes, enfatizando adiante as narrativas orais daqueles que se lembram ainda que vagamente sobre o evento e daqueles que não conviveram em si com a passagem da Coluna Prestes no interior cearense, mas que se reportam daquele período pelas memórias transmitidas de geração pra geração, reelaborando significados ao passo que fizeram emergir outras situações.

TERCEIRO CAPÍTULO

“Tem muita gente que falava que já viram eles” – A Coluna Prestes pelas narrativas orais no tempo presente.

O tempo é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos, que inserido à vida humana, implica durações, rupturas, convenções representações coletivas, simultaneidades, continuidades, descontinuidades e sensações (a demora, a lentidão, a rapidez). É um processo em eterno curso e em permanente devir. Orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro (DELGADO, Lucília de Almeida Neves.)

No rumo de quase um século da passagem da Coluna Prestes por solo cearense, anunciamos quão complexo e instigador se processa ainda o evento. Pontuamos a questão pela pluralidade de significados que emergem quando o assunto da travessia dos “revoltosos” é evocado. E agora, damos espaço às narrativas orais captadas na contemporaneidade, entre controvérsias, conflitos e sentimentos.

Numa sintética cronologia do presente trabalho, primeiramente investigamos os impressos cearenses do período de 1926 que leram o movimento dos tenentes rebelados como uma manifestação antimoral e cívica à sociedade brasileira. No segundo plano, recorremos às obras memorialistas produzidas noutro momento; ou seja, tempos depois ao ocorrido e que elucidaram situações contrastantes com as visões dos jornais, ao passo que lançaram um olhar, apontando para feições heroicas da Marcha. No entremeio das tensões narrativas até então produzidas, indagamos: será que ainda há algo para se falar sobre a incursão da Coluna Prestes no Ceará? A nossa resposta, creditamos que sim e a veemência de nosso posicionamento se legitima pelas falas daqueles(as) que, no tempo próximo, relataram situações e apresentaram outras significações sobre os membros da Coluna.

Como o passado é um devir, ou seja, está sempre em movimento, o mesmo podemos dizer sobre a passagem da Coluna Prestes no Ceará. Lembremos que, no ano de 2006, foi inaugurado na cidade de Crateús o monumento comemorativo em alusão aos 80 anos de sua travessia pelo estado cearense. Citamos ainda o “Cemitério dos Revoltosos”, lugar onde foram enterrados dois membros da Marcha e que até a atualidade são cultuados, por parte da população local de Crateús, como santos populares, sendo depositada a eles uma figura miraculosa. De um algum modo, esses ícones memoriais em reverência ao Movimento nos faz pensar sobre a pertinência em continuarmos analisando o evento que deixou marcas significativas e após inúmeras décadas ainda desperta discussões. Nesse caso, reportamo-nos ao nosso próprio trabalho que buscou compreender os variados sentidos construídos e atribuídos pela passagem da Coluna prestes no sertão cearense e seus personagens.

Ao realizarmos entrevistas orais com narradores(as) locais, a inquietude veio à tona, pois observamos que, além de similaridades entre o discurso dos noticiosos de 1926 e das próprias obras memorialistas, outros aspectos interessantes se desvelaram em relação à Marcha. Consideramos também que, apesar das obras memorialistas se basearem na oralidade e nas lembranças particulares de seus autores para remontagem do evento, nossos entrevistados foram, na época da travessia, crianças e/ou mesmo não tinham ainda nascidos. Com isso e entendendo a memória como uma abstração

processual, vislumbramos que tais narrativas orais, compartilhadas a nós, apresentaram (re)elaborações a partir da escuta, ou seja, das histórias contadas por seus parentes e/ou fundamentadas nas memórias dos lugares por onde a Marcha esteve.

Sem mais delongas, apresentamos agora nossos protagonistas. No tabuleiro das narrativas orais utilizadas na nossa discussão, destacamos as contribuições de: Pe. Geraldo de Oliveira Lima, Sra. Rosa Moraes, Sr. Francisco Ferreira (Ferrerinha), Sr. Raimundo Nonato Arrais, Francisca Nezite Alencar, Sra. Jovita Silvana dos Santos, Sr. Expedito Aragão e Sr. Geraldo Meneses Barbosa.

As entrevistas foram realizadas nalgumas localidades cearenses e, em virtude das limitações próprias da pesquisa, não foi possível ampliar o quadro de entrevistados. Porém, ressaltamos que as mesmas foram bastante contemplativas, na medida em que apresentaram riquíssimos elementos, despertando diversos questionamentos sobre a construção das representações do Movimento e emoldurados pelas sinuosidades da memória.

Nessa dimensionalidade, a utilização dos métodos da história oral foi crucial para elaboração e desenvolvimento do trabalho. Como já salientado, a pesquisa se processou na análise de três tipos de fontes documentais diferenciadas, posto que foram elaboradas em momentos distintos, exigindo um esforço necessário, uma vez que se voltam para os sentidos e significados construídos sobre a travessia da Marcha no Ceará num recorte temporal que computa mais de 80 anos, desde o acontecimento do evento até o tempo presente.

Quanto ao recurso da oralidade na pesquisa, advertimos como se torna complexo sua aplicação, pois, apesar de prazeroso, diante dos resultados parcialmente atingidos, o seu andamento de alguma forma propicia também recuos, inseguranças e dificuldades. Assim, o inusitado se torna a palavra-chave da pesquisa com a história oral, pois nem sempre o que se é pretendido ou traçado pelo pesquisador é alcançado. Tais como outras nuances podem acabar emergindo e direcionando os rumos ao trabalho.

Em apreço pela oralidade, ao recorreremos às específicas narrativas, tendo-as como constitutivas de versões sobre os fatos do passado, nosso intuito foi trazê-la ao cerne, desconsiderando como um recurso auxiliar ou

revestido de a-protagonismo. Por esse sistema metodológico, Portelli defende que “a primeira coisa que torna a história oral diferente é que nos conta menos sobre os eventos que os significados.”¹⁷⁷ Num todo, pensamos que as narrativas orais não devem ser condicionadas a uma feição ilustrativa, pois entendemos que estas são produtoras de sentidos, não sendo uma mera reprodução do acontecido, e, sim, uma reconstrução de um tempo pelas imagens e discursos,¹⁷⁸ cabendo, assim, aos sujeitos sociais “o poder dizer, dizer-se, dizer-nos.”¹⁷⁹

¹⁷⁷ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: **Revista Projeto História**. São Paulo, n. 14, 1997, p. 14.

¹⁷⁸ FERRERIA, Amauri Carlos e GROSSI, Yvonne de Souza. A narrativa na trama da subjetividade. In: **História Oral**, n. 7, 2004, p. 44.

¹⁷⁹ Idem, p. 44.

3.1 Um mosaico de escutas e falas aventadas sobre as andanças da Coluna Prestes no sertão cearense

Iniciemos discorrendo acerca da passagem da Coluna por Quixariú, Como já citado anteriormente no nosso trabalho, a localidade que foi o portão de entrada do principal conglomerado da Coluna Prestes, conhecido por Estado-Maior¹⁸⁰, revelado pelas narrativas orais de moradores das mediações. Se nos reportarmos às fontes anteriores analisadas (jornais impressos e obras memorialistas), ambas não mencionaram nas suas escritas informações ou situações que fizessem alusão à localidade de Quixariú. Envolvendo a questão, as fontes mencionadas atribuíram à entrada do Estado-Maior em Campos Sales. Em nível de informação, o distrito Quixariú faz parte das dimensões territoriais de Campos Sales, distando aproximadamente 50 quilômetros da sede do município.

Ainda no âmbito de informações, de fato a Marcha não adentrou o perímetro urbano da cidade de Campos Sales. Porém, notícias e narrativas foram redigidas sobre o lócus, uma vez que o batalhão patriótico Floro Bartolomeu estivera lá acantonado, considerado a principal força de ação contra a Coluna. O citado batalhão se deslocou de Juazeiro do Norte rumo a Campos Sales.

O insurgimento da passagem da Coluna Prestes no distrito veio a partir das informações de senhora Nezite, antiga moradora do lugar e que até então residia na cidade de Crato, nos concedendo, posteriormente, uma entrevista. Sobre o referido dado, nos chamou atenção a própria ausência de documentação escrita que se reportasse à presença do movimento dos tenentes em Quixariú. Senhora Nezite, contemporânea ao evento, nos relatou sobre a ocasião, a partir das falas de parentes seus e de outros moradores da localidade. Segundo a entrevistada, a travessia da Coluna em Quixariú não se

¹⁸⁰ Entende-se como principal segmento do Movimento em passagem pelo Ceará não tanto pelos desdobramentos que o envolveu, mas por ter sido o maior contingente de sujeitos e liderado por Luís Carlos Prestes. Como já delineado, a maioria dos relatos escritos fizeram menção ao destacamento João Alberto, divisão da Coluna que adentrou pela região norte do espaço cearense e que esteve envolvido nalguns conflitos na região dos Inhamuns.

processou por grandes conflitos ou situações, embora tenha deixado marcas na memória local.

Vejamos um trecho da entrevista:

[...] Eles chegaram primeiro uns oito ou dez. Aí depois foi que chegou o grosso da Coluna e eles pernoitaram aqui. Ficaram lá até o outro dia, mais o povo também ficou muito afastado. O povo se assombrou. Não chegaram nem perto pra conversar com eles [...]¹⁸¹

Em alusão ao fragmento transcrito, a narradora apresentou um aspecto consensual envolvendo a Marcha. Nesse caso, atentamos à questão do medo da população local quanto aos seus integrantes. De algum modo, as pessoas não tinham conhecimento detalhado ou clareza sobre quem seriam eles, pois, comumente, as informações construídas acerca do Movimento, naquela época, enfatizavam os atos de barbárie. Senhora Nezite, ao se apropriar das memórias locais, pontuou ainda: “A notícia que o povo de Quixariú tinha era aonde os revoltosos da Coluna chegavam, faziam muita desordem, mas eles não faziam desordem em Quixariú, não se tem notícia de desordem nenhuma.”

¹⁸² A versão da narradora revelou uma divergência perante a visão construída pelo governo da época e dos próprios noticiosos cearenses de 1926. Como já discutido, havia uma campanha logística e armada para desbaratar o Movimento. Com isso, era de práxis associar a desordem, o crime e a elaboração de adjetivações negativas à Coluna.

Em continuidade, senhora Nezite compartilhou uma interessante partícula sobre a relação entre integrantes da Coluna e um morador:

Eu sempre ouvia falar e ouvi falar que tinha um Ananias lá que era padrinho de minha mãe. Ele tinha um filho de nome Ademar. Era uma homenagem ao tenente Ademar. Os revoltosos pegaram Ananias de dia e levaram para Alto Alegre e os revoltosos botaram ele a pé e os cavalos pisando nos pés dele pelo caminho todo né. Aí quando chegaram em cima da serra, aí encontraram os que vinham lá do Alto Alegre. Aí o tenente Ademar mandou que soltasse Ananias e botasse o homem pra voltar pra casa e disse: como é que faz uma coisa dessa com pai de família! Aí, ele (Ananias) disse que a mulher estava grávida. Aí quando nasceu o filho botou nome de Ademar em homenagem ao tenente que tinha livrado ele então. (grifo nosso).¹⁸³

¹⁸¹ Narrativa da senhora Francisca Nezite Alencar, 63 anos. Entrevista realizada em 17/05/2006, Quixariú.

¹⁸² Narrativa da senhora Francisca Nezite Alencar, 63 anos. Entrevista realizada em 17/05/2006, Quixariú.

¹⁸³ Narrativa da senhora Francisca Nezite Alencar, 63 anos. Entrevista realizada em 17/05/2006, Quixariú.

A narradora lembrou sobre a experiência vivida do morador Ananias e a curiosidade aqui se deu ao sentimento em torno do sujeito Ademar, um dos membros do Movimento. Pela elucidação, pensamos sobre a construção das imagens diante de situações particularizadas. Num primeiro momento, a narrativa da entrevistada mostrou uma feição aterrorizante dos membros da Marcha sobre o morador da localidade, denotando uma atitude de desrespeito. Em seguida, veio a cena da remissão, na qual o sujeito Ananias foi salvo pelo tenente Ademar que desautorizou seus companheiros de cometer violências a ele.

Porém, o que nos fez aguçar o olhar acerca do episódio foi a homenagem concedida por Ananias ao referido tenente da Coluna. E com isso indagamos: o que teria o levado a colocar o nome de seu filho de Ademar? Podemos intuir que a visão pensada de Ananias sobre o membro da Marcha foi (re)configurada diante do desfecho final. Das suas lembranças, ficou a marca da face de compaixão do “revoltoso”. Na síntese do episódio, observamos, a partir do fragmento, que não foi engrenada uma imagem maniqueísta da Coluna, pois quanto à cena, foram evidenciados os marchantes tanto como malfeitores ao tentar agredir Ananias assim como do ato humanitário do tenente Ademar ao salvá-lo.

De algum modo, senhora Nezite selecionou uma particularidade sobre a passagem da Coluna Prestes, oriunda da memória social (individual e coletiva) do lugar. Apesar de não ter vivenciado o episódio, a narradora trouxe para si uma imagem que compõe seu universo de memórias a partir da fala do outro. Como designa Caldas: “Pode-se apreender uma vida vivida e contada como uma escolha narrativa, ou seja, o ordenamento, o princípio, meio e fim com seu encadeamento, expressão de um narrar e não de um ter vivido.”¹⁸⁴

Na mesma localidade, tivemos ainda a oportunidade de realizar outra entrevista. Dessa vez, com senhor Raimundo Nonato que na época era criança e entre vaguezas/lembranças sobre a ocasião, levando em consideração a idade avançada e da saúde debilitada, sua oralização apresentou algumas imprecisões. Obviamente que esses detalhes se alocaram às margens de sua narrativa, visto que conseguimos captar qual foi sua impressão sobre a

¹⁸⁴ CALDAS *apud* FERREIRA; GROSSI, op. cit., p. 45.

chegada da Marcha. E assim, o mote central foi perpassado pela ideia de temerosidade diante da situação.

Sua narrativa enfatizou:

[...] Houve essa passagem deles aqui, eu me lembro deles aqui. Eu não fiz foi ver porque eu tava fora [...] Eu tinha onze anos em 1926 e sou de 17, 9 anos né. A minha idade era 9 anos nesse tempo, hoje já estou velho demais. Mais isso mim lembro ainda, papai (Manuel José Arrais) não estava nem em casa nesse dia. O povo alvorçou. Foi todo mundo quase daqui pras fazendas. Se retirava das casas para os sítios, lá pra casa mesmo foi umas pessoas, já tinha umas pessoas lá em casa. Nesse dia que houve o tiroteio foi mais, mas no outro dia saíram mais pra longe pras fazendas [...] ¹⁸⁵

Transliterando o fragmento, o narrador deu a entender que o mesmo não estava presente na localidade de Quixariú quando a Coluna Prestes a adentrou. Refugiando-se no sítio de seu pai ¹⁸⁶, ele relatou que outras famílias estiveram alojadas na propriedade. Frequentemente, quando era alardeada a aproximação do movimento dos tenentes, a maioria da população procurava fugir, escondendo-se em lugares que fossem de difícil acesso, pois havia o medo de sofrer represálias ou algum tipo de violência por eles. Essa situação foi constada na maioria dos lugares onde Coluna passou e apontada tanto nos impressos de 1926 como nas obras memorialistas consultados por nós. Numa totalizante, fazendo alusão as localidades incursionadas pela Manifestação no Ceará foi uníssona a questão da migração das pessoas aos esconderijos. No caso das lembranças de senhor Raimundo, também ficou o registro da cena da evasão populacional.

No decorrer da pesquisa, realizamos uma visita à cidade de Campos Sales, localidade até então apontada como percurso da Coluna Prestes. O curioso ao chegarmos à localidade é que tomamos conhecimento que a Marcha jamais esteve presente. Sobre a informação, ela é verídica, pois Prestes e seguidores não passaram no perímetro urbano, embora tenha margeado seu território municipal, adentrando no distrito Quixariú como já comentado anteriormente. Porém, vale relembrar que Campos Sales foi um

¹⁸⁵ Narrativa do senhor Raimundo Nonato Arraes, 91 anos de idade. Entrevista realizada em 11/07/2006, Quixariú.

¹⁸⁶ O nome do sítio não foi informado pelo narrador Raimundo Nonato Arraes.

ponto estratégico das forças de coalizão anti-Coluna. Lá esteve acampado o batalhão patriótico Floro Bartolomeu.¹⁸⁷

Nela, tivemos a oportunidade de escutar senhora Jovita, moradora que compartilhou lembranças sobre o período. Comedida pela idade avançada e dificuldade na elucidação das cenas daquele período, verbalizou: “Num sei dizer porque, quando a gente viu, chegou o exército, se formou logo barraca. Aqui só os chefes de família, os chefes de casa, pois o resto se desterraram de sua casa.”¹⁸⁸

Em continuidade, a narradora relatou:

[...] As mães se largou com os filhos pras fazendas distantes né! Eu fui muntada no meio de uma carga de um jumento. Só voltava quando os soldados fosse embora logo. Os pais tinha medo das filhas porque tinha medo de mexerem com as filhas. (Grifo nosso)¹⁸⁹

Diante dos fragmentos, o marco de sua narrativa foi a lembrança do seu refúgio. A entrevistada na época tinha seis anos de idade e a particularidade se elucidou pelo seu sentimento de medo do acometimento de violência sexual. Não à toa, ela frisou a questão. A destacar, como já trabalhado ao longo da discussão, os membros da Coluna tinham fama, além de saqueadores e assassinos, de estupradores. Nesse sentido, pensamos também que a elaboração da narradora foi construída ao longo do tempo pelo auxílio da narrativa dos mais velhos que na época eram adultos, pois possivelmente senhora Jovita, por ser criança na época, não tinha ainda uma clareza do que significaria o especificado tipo de violência.

No entendimento da narrativa, espiamos um dado interessante, ao passo que polêmico, pois as rememorações da narradora fizeram menção aos membros das forças legalistas e não aos sujeitos da Coluna, uma vez que estes últimos não andaram pela localidade. Assim, a narração da entrevistada foi em referência aos seguidores de Floro Bartolomeu que estiveram na guarnição da região sul do Ceará e acantonados em Campos Sales. Perante os elementos, assinalamos para o lado controverso da memória e as

¹⁸⁷ Outra curiosidade é que na cidade de Campos Sales existe uma rua em homenagem a citada força legalista, chamada Batalhão Patriótico.

¹⁸⁸ Narrativa da senhora Jovita dos Santos, 86 anos de idade. Entrevista realizada em 15/05/2006, Campos Sales.

¹⁸⁹ Narrativa da senhora Jovita dos Santos, 86 anos de idade. Entrevista realizada em 15/05/2006, Campos Sales.

problemáticas que a permeiam. Atentamos para questão, pois, supostamente, parte da fuga das pessoas de Campos Sales, em específico das mulheres, foi em decorrência da presença das forças legalistas.

Quando iniciamos nossa entrevista com a senhora Jovita, a condução foi voltada para os relatos que envolvessem lembranças sobre o movimento dos tenentes. Porém, foi perceptível que a narradora não conseguiu, tanto pela idade avançada e da memória fragilizada, ordenar as situações, não distinguindo os personagens, apenas entendendo como “soldados”. Nesse caso, observamos uma desinformação ou confusão acerca do episódio nas falas da narradora. E para além do assinalamento do equívoco, refletimos ainda que ao longo do tempo, as associações dos eventos e personagens podem acabar sendo distorcidas ou confundidas, visto que a memória é um processo, permeada por conflitos, ausências, omissões e esquecimentos.

Num todo, consideramos como louváveis suas colocações, ao apontarem reminiscências de sua experiência, que apesar de não ter sido relacionado propriamente à Coluna, foi associada à presença do batalhão patriótico que era responsável pela defesa da população e aniquilação da Marcha; ou seja, se torna interessante, pois se refere ao conjunto contextual envolvendo forças antagônicas. Adiante, voltaremos a fazer outras considerações sobre a narrativa de senhora Jovita.

Outro lugar visitado foi a cidade Crateús, considerada o palco maior da atuação da Coluna Prestes por solo cearense. Nela, além da própria história local que fez alusão as situações em torno do Movimento, se encontram dois ícones memorialísticos: o Monumento Comemorativo a Coluna Prestes (2006) e o Cemitério dos Revoltosos. Peregrinando pela cidade, na busca de indícios sobre o tema, realizamos entrevistas com quatro moradores. Um deles consideramos especial – claro que sem desmerecer os demais – por se tratar do autor da obra: “A Marcha da Coluna Prestes através do Ceará”, que foi apresentada e discutida no capítulo anterior do nosso trabalho. Com isso, tivemos a oportunidade de escutar as memórias de Padre Geraldo e captarmos como o mesmo entendeu a Coluna Prestes ao longo do tempo; ou seja, similaridades e discrepâncias entre a época da produção do livro e da sua visão na atualidade.

Numa das perguntas designadas ao autor/narrador sobre a presença da Marcha na cidade, ele respondeu:

A maior parte fugiu. Fugiu pra os sítios e pras fazendas, viu. Deixaram as casas fechadas. As pessoas que tinha condições fugiram né. Foi tão meteórica a passagem aqui que quase num ficou memorial. E muita gente que não fugiu não receberam a Coluna por hospitalidade, embora tivesse o governo contra. O povo era servinte. [...]¹⁹⁰

A partir da narrativa, observamos que ela comunga com demais relatos dos entrevistados sobre a ideia de apreensão perante a Coluna Prestes, entretanto observamos na fala do entrevistado uma dissonância quanto à versão apresentada na sua escritura¹⁹¹, ao colocar que, os membros da Marcha foram recebidos pela hospitalidade na cidade de Crateús. Se nos dirigirmos aos indícios escritos, primeiramente a Coluna não foi bem recebida em Crateús, pois foi imediatamente combatida pelas forças legalistas. Noutra situação, o narrador comentou ainda que a travessia da localidade pela Coluna foi rápida e não teria deixado vestígios.

Pelo seu pronunciamento, perscrutamos qual seria a intencionalidade? Sobre a presença harmônica da Coluna em Crateús, supomos que Padre Geraldo se referiu a uma situação generalizante, pois noutras localidades cearenses, os integrantes da Marcha teriam adentrado pacificamente, ou seja, sem resistência da população, a citar o caso de Ipu. Já quanto à ausência de um “memorial” ou conjunto de registros sobre a passagem da Coluna Prestes soa como um equívoco, pois, além de sua própria produção, as próprias memórias orais do lugar são bastante enriquecedoras acerca do tema.

Outro morador entrevistado em Crateús foi o senhor Francisco Ferreira (Ferrerinha), que também emitiu suas impressões de memória sobre os rumores da chegada do Movimento na localidade:

A nossa família passou no mato e centenas de famílias de Crateús saíram da cidade, antes da Coluna chegar. E outros saíram depois que eles passaram. Antes deles chegarem aqui tinha notícias que eles estavam perto, também depois que eles foram embora tinha gente que ainda tava escondido no mato porque pensavam que eles iam voltar. Ai o povo fico com medo [...] o medo era grande que tinha muita gente que ia e voltava quando escutavam qualquer murmúrio

¹⁹⁰ Narrativa do senhor Geraldo Lima, 78 anos de idade. Entrevista realizada em 22/08/2006, Crateús.

¹⁹¹ LIMA, op. cit..

da Coluna já ficavam com medo, eu tinha seis pra sete anos. Meu pai e minha mãe levaram eu e meus irmãos, amontados em cavalo, jumento, carruagem. Aí parece que agente passou três dias lá, só! Era um lugarzim chamado Barreiras. Tinha umas casa que era do Coronel (nome não informado). Lá ainda existe a casa velha. Mas eles não voltaram por aqui, mas o povo voltou com medo, pensando que eles vinham de novo por aqui. Mas eles num tinha muita coisa por aqui não.¹⁹²

Ainda relacionado aos falatórios da aproximação da Coluna, escutamos a versão de senhora Rosa Morais:

Eu num sei por que viu. Porque o que eu vi, quer dizer, nesse tempo eu era menina, eu tava até passando umas férias fora. Essa Coluna Preste, chegou pra amedontrar os outros, a minha família morando aqui nessa casa, mudou-se para jatobá, a fazenda jatobá, acolá. O povo amedrontado, se mudando! Se escondendo! Por causa das balas, o que eles (os sujeitos da Coluna) fizeram foi isso.¹⁹³

Em referência às duas últimas verbalizações, transcritas acima, pertencentes ao senhor Ferreirinha e a senhora Rosa, respectivamente, a perspectiva da comoção local em virtude da anunciação do Movimento foi pontuada. E assim, no computo das entrevistas orais apresentadas no corpo do trabalho, o elemento do medo foi esboçado.

Em articulação com as outras fontes documentais (jornais impressos e obras memorialistas), a visualização da tensão daquele período foi concordante. Outro ponto destacável no emaranhado das falas é que elas se encontram atreladas as experiências rememoradas dos narradores ou das memórias apropriadas das experiências dos outros (Caso Padre Geraldo e Francisca Nezite), em que a memória individual e coletiva se entrelaça na composição da memória social dos lugares por onde a Coluna palmilhou no estado cearense.

Das narrativas dos entrevistados quem versaram sobre o evento, observamos aspectos particularizados; ou seja, onde estavam no momento da passagem da Coluna, como ficaram sabendo. Com isso, atentamos paras as riquezas dos fragmentos, construídos no misto da conjuntura do evento e das nuances do cotidiano local dos moradores.

¹⁹² Narrativa do senhor Francisco Ferreira (Ferreirinha), 89 anos de idade. Entrevista realizada em 23/08/2006, Crateús.

¹⁹³ Narrativa da senhora Rosa Moraes, 94 anos de idade. Entrevista realizada em 25/08/2006, Crateús.

Apesar de as entrevistas terem sido conduzidas pelo aporte da história oral temática, ou seja, entrevistas voltadas para os diálogos que se remetessem ao evento, foram recorrentes nas narrativas dos narradores, alusões sobre suas vivências, quem eram, a que famílias pertenciam, onde estavam. Perante tais particularidades refletimos que se julgarmos como elementos estritamente desnecessários, estaríamos desvalorizando as versões daqueles que compartilharam lembranças de um período. Essa reflexão serve para nós historiadores e para sociedade em geral, no sentido de pensarmos a complexidade que permeia o trabalho com a história oral. Além da necessidade de uma própria clareza da metodologia citada, pontuamos que os resultados, obtidos com seus aportes percorrem os detalhes, ou seja, o desinteressante se torna interessante.

Continuando escafandrar pelas dimensões das narrativas orais, captadas no tempo presente, espiamos que determinadas situações se tornaram também referenciais nas falas dos entrevistados. Obviamente que tentar elucidar questões essenciais sobre a pesquisa no ato da entrevista vem do próprio direcionamento do entrevistador e aqui, mensuramos falas que apontaram para o caso das impressões da aproximação e presença da Coluna Prestes, da conjuntura política, envolvendo os meios de ofensiva ao Movimento e da questão dos supostos saques às comunidades locais.

Dando sequência à discussão, apresentemos as leituras dos narradores acerca da situação política de combate ao Movimento. Um dos nossos entrevistados, embora não apresentado clareza de como se degingolaram os aportes políticos em combate a Coluna Prestes, foi enfático:

Não, eu não sei. Eu conheci de nome, o Dr. Floro, mas sim num sei se ele. (pausa) Ele era encarregado. (pausa) Doutô Floro era do governo. Aquele verso do Juazêro que falava de doutô Floro mais nesse tempo eu num sei se ele (pausa). Acho que ele não vinha aqui no meio desse povo. Desses 16 que passaram aqui ele não vinha não, num tava não. Ah, ele era do governo se ele tivesse de vim era com o povo do governo. Mais ele num vei aqui não [...] Por que Dr. Floro estava doente no Rio de Janeiro ele só mandou o recado que o batalhão viesse. Ele tava comandando o batalhão a distancia e ele tava no Rio de Janeiro através de telegramas de Padre Cícero e alguns membros da policia é que faz essa ponte do batalhão para vim pra cá.¹⁹⁴

¹⁹⁴ Narrativa do senhor Raimundo Nonato Arraes, 91 anos de idade. Entrevista realizada em 11/07/2006, Quixariú.

Perante o afloramento da cena, atentamos para seu exercício mnemônico. E que apesar da dificuldade em esboçar elementos que se remetessem à composição daquele período no que concernem aos personagens envolvidos no combate a Coluna Prestes, o senhor Raimundo se lembrou da atuação de Floro Bartolomeu. Note-se que o narrador fez referência aos sujeitos da Coluna – os 16 revoltosos que passaram por Quixariú – para afirmar que o político não estava vinculado a eles. Mesmo mostrando uma aparente confusão na elucidação, seguidamente, logo associou à autoridade política ao governo, dando entender que esses estariam engajados na função de aniquilar o movimento dos tenentes.

A despeito das indicações na narrativa do entrevistado, essa apreciação se formulou por nossa análise, visto que o mesmo não forneceu dados completos sobre o entendimento da conjuntura política daquele momento. Ele (o narrador) ainda citou a personagem religiosa Padre Cícero e a Polícia Militar do Ceará. Num todo, concluímos que o senhor Raimundo apresentou partículas pontuais, a destacar os nomes dos envolvidos no contexto daquela época.

Noutro fragmento, durante nossa conversação, o narrador se remeteu à personagem de Lampião que teria combatido os sujeitos da Marcha:

Eu sei que morreu revoltoso foi o Lampião que matou um bucado na Paraíba. Lampião matou um bocado lá num fogo que ele andava. O lampião com os cabras dele e topou com os revoltosos e mataram um bocado fora isso eles num mataram, eles não. Houve muito prejuízo a nação, mas eles não queriam matar nem os legalistas como eles. Se não eles se matavam, mas aqui eles não mataram porque não quiseram. Porque bem pertim eles atiraram neles da ponta da rua onde desce [...] ¹⁹⁵

Aqui, o expositor associou o suposto combate entre os membros da Coluna e de Lampião. Como é sabido, de fato existiu um convite das forças de coalizão anti-Coluna ao Virgulino Ferreira e seu bando para entrar no *front*, a mando de Floro Bartolomeu. Até certo ponto, a possibilidade foi plausível, mas dentre a literatura escrita sobre o tema ou das próprias produções históricas acerca dos desdobramentos da eventualidade, não se tem uma menção convincente ou comprovada do confronto direto entre Lampião e a Coluna.

¹⁹⁵ Narrativa do senhor Raimundo Nonato Arraes, 91 anos. Entrevista realizada em 11/07/2006, Quixariú.

Dentre os grandes confrontos entre as forças legalistas e o movimento dos tenentes, citamos a passagem do último no estado da Paraíba, considerada uma das mais tumultuadas quando se tratou da região Nordeste, tendo como ápice a *hecatombe* de Piancó.¹⁹⁶ Porém, o contato entre os membros da Coluna Prestes e o bando de Lampião não aconteceu. Mesmo tomando posicionamento por indícios escritos que não mencionam a concretude do possível encontro de conflito, as lembranças do narrador fizeram analogia à questão. E mais uma vez, atentamos para questão da memória pautada por inúmeras escorregadelas e fantasias.

Destarte ao universo conflituoso da memória, pensamos que a narrativa do entrevistado se aliou a formação do imaginário local, construído acerca do período, no qual personagens como coronéis, lideranças religiosas, cangaceiros e outros compuseram o cenário político-cultural. Das memórias do narrador, aliado à extensa passagem de tempo, ficou a impressão que os “revoltosos” foram combatidos também por cangaceiros.

Outro aspecto apresentado, apesar da superficialidade da fala do narrador, foi para os supostos “danos à nação”. Talvez sua intenção fosse dizer sobre o momento tribulado daquele período, no qual a sucessão de eventos e conflitos, que envolveu forças em disputa (tenentes rebeldes e forças legalistas), deu a tonalidade da situação. Por suposição, a partir da versão do entrevistado, pensamos que a maioria da população não teve um esclarecimento do que estava acontecendo no país e, por isso, assinalamos que, possivelmente, houve uma confusão parcial da população no entendimento do evento. Somada às histórias sobre passagem da Marcha nos sertões dos Inhamuns e das suas impressões particulares da presença da Coluna na localidade onde morava, ficou a ideia do acometimento dos saques, cristalizada nas suas memórias.

Ainda sobre o fragmento narrativo exposto acima, a confusão na configuração dos personagens e suas ações, foi persistente, pois o narrador não

¹⁹⁶ Evento ocorrido na cidade de Piancó, no estado paraibano, envolvendo forças legalistas e os sujeitos da Marcha. A ocorrência teve grande destaque nacional e divulgado pelos impressos da época. A principal referência do conflito foi da atuação de Padre Aristides, líder religioso e político local que teria, juntamente, com outros adeptos as forças de combate a Coluna, sido supostamente assassinado pelos tenentes rebeldes. Ver CAVALCANTI, Rúbia Micheline Moreira. **A Coluna Prestes em Piancó: Caso Pe. Aristides**. 1ª edição. João Pessoa: Imprell, 2004.

soube separar quem estaria representando os lados na disputa. Deu a entender que os membros da Coluna por serem militares se assemelhavam as tropas legalistas ou vice versa. Afinal, em praticamente todos os conflitos, os personagens envolvidos tinham características militares, ou seja, representavam as forças de defesa do País. Por fim, o narrador se remeteu à cena da estada da Coluna em Quixariú e revelou que não houve vítimas fatais na sua localidade.

Vejamos agora as falas de senhora Nezite, nascida também no Quixariú, sobre a conjuntura política daquele tempo:

Passaram em 1926 os revoltosos que integravam a Coluna Prestes, chefiada pelo tenente Juarez Távora. E aqui se deu o conturbado encontro entre os revolucionários e as forças federais. O Cemitério local conserva até hoje as marcas da metralha e os moradores do lugar assustados abandonaram suas casas e se refugiaram por vários dias em sítios e fazendas. Então realmente essas marcas não estão mais lá porque no inverno de 2002 caiu toda a parede do cemitério [...] Eu sei que Floro Bartolomeu queria como governista repelir a Coluna quando chegasse em Juazeiro né! Naquela já tinha passado a sedição de Juazeiro [...] Floro Bartolomeu era governista e queria ficar do lado dos governistas para repelir a Coluna Prestes.¹⁹⁷

Mais uma vez, a personagem política de Floro Bartolomeu veio à tona e na percepção da narradora houve uma clareza sobre seu papel social de combater a Coluna Prestes. Mesmo sem emitir pormenores a respeito do desenrolar da situação, o que nos chamou atenção na tessitura de senhora Nezite foi apontar sobre a presença de Juarez Távora, um dos líderes do Movimento. Segundo seus argumentos, a liderança da travessia da Coluna pela região sul do estado cearense ficou a cargo de Juarez. A colocação, a nosso ver, se apresentou controversa, pois de fato não ocorreu, uma vez que o líder tenente foi preso na cidade de Teresina no estado do Piauí. Portanto, não haveria possibilidade de ele ter cruzado solo cearense nem estar precisamente nas dimensões de Quixariú.

E assim, outra vez atentamos para os meandros da memória que podem apresentar distorções ou imaginações ao longo do tempo. Sem desmerecermos a memória como possibilidade de análise do passado, conclamamos que ela necessita ser avaliada nas suas esmiúças, cabendo ao

¹⁹⁷ Narrativa da senhora Francisca Nezite Alencar, 63 anos. Entrevista realizada em 17/05/ 2006, Quixariú.

historiador o papel de fazer correções perante o confronto dos indícios sobre a compreensão dos eventos.

Finalizando o quadro de narrativas que fizeram alusão aos envolvidos no combate à Coluna Prestes, transcrevemos as falas de Padre Geraldo:

O primeiro e o segundo destacamento veio pelo norte, os outros dois vieram pelo sul, próximo a Campos Sales, quando João Alberto entrou no Ceará. O governo desconcentrou e veio pra cá e Floro Bartolomeu mandou muito dinheiro e muito fardamento para as tropas enfrentarem a Coluna Prestes e mandou através de uma pessoa convidar Lampião que era perseguido vir ao Juazeiro falar com padre Cícero e mandar Lampião perseguir a Coluna, que a Coluna andou pelo País, chamada de guerrilha viu! Mas a guerrilha não começou com Fidel castro não. A Primeira guerrilha foi a Coluna Prestes, foi o esquema de Preste.¹⁹⁸

Conhecedor do tema, o narrador expôs uma passagem narrativa que culminou com a menção das personagens envolvidas nos confrontos relacionados ao movimento dos tenentes. Foi perceptível sua clareza sobre as alianças elaboradas no estado cearense, referenciando a suposta tríade anti-Coluna: Floro Bartolomeu, Padre Cícero Romão Batista e Virgulino Ferreira, o Lampião. E variados elementos descritos na sua produção foram repetidos na entrevista concedida a nós.

Ao lançamos um olhar sob as narrativas de memória dos entrevistados acerca do evento e especificamente da questão política, podemos dizer que depois de uma considerável passagem de tempo, referências pontuais continuam presentes. Entretanto, quanto aos detalhamentos do jogo político das tramas, observamos uma superficialidade ou falta de entendimento dos narradores. Com isso, não poderíamos deixar de comentar sobre a nossa dificuldade em conseguir dos entrevistados um aprofundamento da questão.

Apesar de conduzirmos as entrevistas para, também, um afloramento das conjecturas políticas daquele período, nossos entrevistados auferiam mais sobre suas experiências ou lances que se reportassem à memória social do lugar acerca da presença da Coluna Prestes do que um enfoque estritamente político (local e nacional) da campanha anti-Coluna. De algum modo, intuímos que as memórias orais ou narrativas de memórias dos narradores foram elaboradas mediante uma relativa ausência de compreensão do cenário

¹⁹⁸ Narrativa do senhor Geraldo Lima, 78 anos de idade. Entrevista realizada em 22/08/2006, Crateús.

político da época. Afinal, a maioria da população era analfabeta, uma vez que não tinha acesso às instituições educacionais e, possivelmente, as notícias quando chegavam eram apenas jogadas as pessoas sem explicações detalhadas.

Salvo a exceção, assinalamos as falas de Padre Geraldo, autor de um livro sobre a travessia da Coluna Prestes pelo Ceará. Tal como entendemos que sua própria formação intelecto-religiosa e a sua paixão pelo Movimento concorreram para uma narrativa mais consciente acerca dos desenrolares daquele tempo. No entanto, assinalamos que ao ser entrevistado, o narrador não se interessou em contar, detalhadamente, sobre os aspectos políticos em jogo. Seu foco narrativo se deu precisamente sobre impressões relacionadas à Coluna Prestes na localidade de Crateús e sobre a relação com as pessoas do lugar.

Em continuidade na nossa discussão, outro ponto bastante recorrente as narrativas orais foram acerca dos casos de saques, ou seja, como foram rememoradas ou lembradas as aquisições materiais, angariadas pelos integrantes da Coluna. Na época da estada no distrito Quixariú, o senhor Raimundo narrou:

Rapaz eu acho que daqui de São Domingos (Quixariú) eles num levaram negócio, que eles carregavam animal lá onde encontrava levava. Mas eu me lembro de papai lutar com animal mais de outras pessoas que entregaram a ele mais daqui mesmo eu num sei se levaram nada não. Agora a vida deles era essa né! De carregar o que era dos outros né! Aqui só passou dezesseis revoltoso foi pouco, mais aí nesses Inhamuns passou mais de mil, aí prejuízo grande! Nesses Inhamuns aí.¹⁹⁹

A princípio, o senhor Raimundo relatou que não houve, na sua localidade, devastação de ordem material. Como ele mesmo já tinha nos dito, a travessia da Marcha em Quixariú aconteceu tranquilamente, sem grandes ocorrências. Porém, mais adiante, durante nossa conversação, o narrador falou que na região dos Inhamuns a situação foi outra, principalmente no que concerne aos casos dos saques:

Aí houve prejuízo foi que (pausa) acho que era mais de mil que passava e aonde ele chegava nas fazendas era só subindo nos palhoção de milho e derribar milho pros animais comer e matar gado

¹⁹⁹ Narrativa do senhor Raimundo Nonato Arraes, 91 anos. Entrevista realizada em 11/07/2006, Quixariú.

e criação e comer a parte adiante e deixar a traseira que eles só comiam a parte dianteira que iam viajando pra frente num voltava e a carne traseira ou povo aproveitava ou se extruía. Eles matava e num tinha história de saber quem era o dono não. (Grifo nosso) Era só meter rife e derribar e comer e ir embora.²⁰⁰

Na perspectiva do narrador, as ações da Coluna resultaram num prejuízo à população local. Pelas suas memórias não houve uma negação acerca dos saques, aspecto polêmico quando se refere às compreensões das atitudes dos integrantes da Marcha. Na averiguação dos indícios que foram utilizados no nosso trabalho, os jornais impressos de 1926, apontavam a região dos Inhamuns como o principal alvo do Movimento no que compete à devastação material. Nesse caso, captamos um encontro da versão promulgada dos jornais com a narrativa do senhor Raimundo. Então, nas falas do nosso narrador, os sujeitos da Marcha foram lidos como saqueadores.

Outra versão polêmica acerca das questões das desapropriações materiais da população local veio das falas da senhora Jovita.

Ao lembrar-se daquele período, compartilhou:

Tinha um comandante que se chamava frota, floro, um tal de Floriano. Floriano Frota, uma coisa assim. Aí meu pai dizia que ele era muito forte, muito perverso. Aí os soldados saíam! Passavam a noite procurando frango (risos) para fazer comida. Eles iam pegando né! Meu pai mesmo que saiu atrás de um soldado que foram roubar galinha da minha vó. Ficou. Ficaram aqui nesse bairro mesmo porque o centro era pequeno mesmo.²⁰¹

Entre fragmentações de sua narrativa, assinalamos que a senhora Jovita se reportou a uma das lideranças das tropas legalistas na cidade de Campos Sales. Se observarmos, mesmo não aparentando clareza da narradora, o nome de Floro Bartolomeu veio à cena. Com já apontando, a Coluna Prestes não esteve de passagem pela parte urbana de Campos Sales. Os membros que lá estiveram acampados foram pertencentes ao batalhão patriótico que tinha a função além de combater o movimento dos tenentes, de guardar as fronteiras do estado cearense. A cena narrada e, aparentemente, despretensiosa, proveu que os casos de saque com o roubo de galinhas foram praticados pelas tropas legalistas.

²⁰⁰ Narrativa do senhor Raimundo Nonato Arraes, 91 anos. Entrevista realizada em 11/07/2006, Quixeríú.

²⁰¹ Narrativa da senhora Jovita dos Santos, 86 anos. Entrevista realizada em 15/05/2006, Campos Sales.

Essa visualização nos faz pensar sobre as colocações dos impressos da época que, além de não narrarem atos que apontassem para desvirtuação das forças legalistas, geralmente davam a específica ação aos membros da Coluna Prestes. Apropriando-se das falas da narradora e de sua memória particularizada, indiretamente a configuração do ato foi atrelada a outros sujeitos.

Destacável também como foi pensada a autoridade política de combate a Coluna Prestes. Dando coro a este caso, a obra de Padre Geraldo, ao narrar sobre a presença das forças legalistas na localidade, relatou detalhes da suposta personalidade rígida de Floro Bartolomeu como nos casos da aquisição de mantimentos, vinculado ao batalhão patriótico.²⁰² Nesse sentindo, a fala da narradora concebida pela narrativa do seu pai, quando se referiu à personagem política, também elucidou a face rígida e pouco simpática de Floro.

Uma situação similar sobre quem cometeu os saques veio das verbalizações de outra narradora, residente na cidade de Crateús.

A senhora Rosa nos confidenciou uma cena que aconteceu na propriedade de sua família:

A tropa que andou do Piauí quis dar combate aqui, botou os animais dele que vieram a cavalo, botara os animais aí, que era cercado. Os animais todim, da, da, da (repetição), da tropa do Piauí, jogou animais aí dentro, o milho já estava um pouco crescido e meu pai perdeu a plantação todinha. Mas eu num vi o que essa Coluna tivesse de feito de vantagem aqui pra Crateús não [...] Eu sei que essa tropa do Piauí, trouxe os animais, colocaram aqui e acabaram com a plantação, papai ficou no prejuízo e nesse tempo tava chovendo e os animais saíram e tenente veio reclamar do meu pai e aí o meu pai disse que ia para estação denunciar ele. Ai minha irmã mais velha pegou-se com meu pai e disse: vão se anéis e ficamos os dedos.²⁰³ O Prejuízo estava dado, ele era filho daqui, conhecido do meu pai

Primeiramente, a senhora Rosa fez alusão às tropas da Coluna que adentraram pelo norte do Ceará, oriundas da passagem pelo estado do Piauí. Em nível de informação a menção da entrevistada foi plausível, pois, de fato, o conglomerado João Alberto fez esse percurso. Porém, o que nos chama atenção acerca de sua narrativa foi um ar de reprovação aos atos dos sujeitos da Marcha quando adentraram, segundo ela, à propriedade de sua família, ao

²⁰² Ver página 120.

²⁰³ Narrativa da senhora Rosa Moraes, 94 anos de idade. Entrevista realizada em 25/08/2007, Crateús.

cometerem o furto de animais, assim como da devastação da produção agrícola de seu genitor.

Se nos voltarmos aos indícios escritos – especialmente a obra de Padre Geraldo de Oliveira Lima – a colocação da narradora diante da situação dos saques se apresenta conflituosa, pois, como é sabido, o segmento João Alberto não acantonou na cidade de Crateús, pois a partir de sua investida na localidade, ela foi instantaneamente combatida pelas forças legalistas que se encontravam de prontidão na localidade. Supomos que a referência da narradora sobre o caso de saque a sua propriedade foi realizada pelas forças gaúchas, aliadas do governo, que chegaram posteriormente ao conflito de Crateús. Note-se também que, numa das passagens narrativas acima, foi mensurada que um dos membros que entrou em conflito com seu pai seria seu conhecido. Daí, visualizamos uma contradição, pois no quadro de membros da Coluna não se tem registro de nenhum cidadão vinculado ao movimento dos tenentes. Então, intui-se que a personagem citada pela narradora era, possivelmente, ligada às forças legalistas e não à Coluna.

Quanto ao episódio da presença e da estada das tropas gaúchas na localidade, o livro de Padre Geraldo assinalou que os principais prejuízos foram cometidos pelos representantes do governo.²⁰⁴ Na ânsia de entendimento das postulações da senhora Rosa, citamos ainda outro morador da mesma localidade que relatou sobre os supostos casos de saques nas propriedades de Crateús pelos marchantes. Senhor Ferreinha relatou: “Não, não, não! Eles num invadiram nenhuma fazenda, não! Teve só um grupo de cinco que demoraram na fazenda Pastos Bons que morava lá uma viúva de um irmão de João Alberto que era juiz de direito e tinha morrido e tinha ficado viúva.”²⁰⁵

Persistindo na decifração da narrativa da senhora Rosa, apresentamos a ótica de padre Geraldo quando entrevistado por nós: “E com a saída da Coluna daqui para Novo Oriente, veio uma brigada do Rio Grande do Sul de trem. Chegou aqui, essa deu mais prejuízo que os revoltosos! Eles se apoderaram de tudo, mataram porco, galinha e tudo.”²⁰⁶

²⁰⁴ Ver páginas 111 a 114.

²⁰⁵ Narrativa do senhor Francisco Ferreira (Ferrerinha), 89 anos de idade. Entrevista realizada em 23/08/06, Crateús.

²⁰⁶ Narrativa do senhor Geraldo Lima, 78 anos de idade. Entrevista realizada em 22/08/2006, Crateús.

Em parâmetro com as duas últimas versões, notamos um confronto de memórias, ou seja, a narrativa da senhora Rosa não coadunou com as percepções dos senhores Ferrerinha e Geraldo. Para além de qualquer julgamento no que concerne se houve saques ou não na localidade de Crateús, pontuamos que esta situação ficou às margens das controvérsias.

Por outra forma, pensamos ainda que a narrativa da senhora Rosa, pode ter sido gerida por memórias familiares que foram compostas por uma situação conflituosa e particular entre seu pai e a personagem militar. E no entrelaço das distorções da memória acerca da ocasião ao longo do tempo, ficou a associação da ação aos membros da Coluna mediante o também não entendimento das conjecturas políticas daquele período. Afinal, entre revoltosos e legalistas, todos eram fardados e tinha um vínculo com o meio militar. Sem mais, ficaram nas memórias da narradora, impressões sobre a suposta invasão da fazenda pelas tropas da Coluna Prestes. E essa desconfiança tomou força quando a narradora exclamou que:

Eu num sei por que esse negócio de Coluna Prestes porque eles andaram aqui! Num sei a razão, eles andaram aqui como andaram no Piauí depois se dispersaram. A revolução foi vencida pelo governo, eles se dispersaram e acabou essa história.²⁰⁷

Fechando parcialmente a discussão acerca dos saques, voltamo-nos para verbalização de senhor Ferrerinha, quando perguntado como ele entendia os atos dos tenentes rebelados:

Eles levaram, mas era assim, animais porque eles iam viajando e iam trocando animais todo tempo, quando os animais cansavam, aí, eles pegavam outros. Eles só carregavam até certo ponto, aí os animais cansavam e deixavam em fazenda tal e aí os revoltosos iam embora.²⁰⁸

Então, o narrador compreendeu as aquisições da Coluna, como uma negociação com a população, uma vez que diante da necessidade das trocas de animais, os integrantes da Marcha tomavam os animais novos e deixavam os desgastados nas propriedades ou lugares por onde passavam. Em informe, a maior parte das tropas da Coluna Prestes andava a cavalo, ou seja, era um

²⁰⁷ Narrativa da senhora Rosa Moraes, 94 anos de idade. Entrevista realizada em 25/08/2006, Crateús.

²⁰⁸ Narrativa do senhor Francisco Ferreira (Ferrerinha), 89 anos de idade. Entrevista realizada em 23/08/2006, Crateús.

instrumento de locomoção e assim, em virtude das longas andanças, a reposição dos animais era extremamente necessária.

Já na visão de Padre Geraldo:

O povo sentia pena de ver aqueles homens com fome, feridos, cansados e o governo dizia que eles iam roubando. Mas num era roubando, ia pedindo armas, munição, comida, cigarro quando eles cansavam, dizia: nós vamos levar os novos, mas, quando os cansados se recuperarem pode ficar pra vocês porque os cavalos andavam muito rápido e cansavam mais com mais rapidez também e aí os por isso eles viviam trocando.²⁰⁹

Aqui outro narrador proferiu que as ações da Coluna Prestes não se configuravam como um crime, mas, sim, pela necessidade. E o interessante é percebermos que ele defendeu o perfil benevolente da população perante os integrantes da Marcha. Mesmo com o passar do tempo, as observações do narrador pouco se alteraram quando comparadas com sua produção escrita, alicerçada nas histórias contadas a ele quando criança e da seleção de narrativas orais.

Todavia, pensamos que a colocação do narrador engrenou uma generalização ao proferir que a população esteve em concordância com as atitudes da Coluna. Nesse aspecto se torna polêmica sua informação, pois captamos que sobre os saques cometidos pela Coluna em solo cearense mostrou variantes interpretativas. O posicionamento do narrador nos faz pensar que sua narrativa, nesse ponto específico, tentou criar uma visão consensual de que a relação entre a população local e os membros da Coluna se revestiu por um tom harmonioso. Reportando-se ao conjunto de versões captadas por nós, a configuração se apresenta plural e conflituosa.

Diante das particularidades presentes nas narrativas dos nossos entrevistados, assinalamos que elas se processaram pelas experiências dos sujeitos locais e aliada a níveis diferenciados de entendimento do próprio contexto daquele período. Narrativas essas que ora se encontram, ora divergem quando são voltadas para os casos das aquisições materiais realizadas pelos integrantes da Coluna em incursão por solo cearense.

Perante as exposições apresentadas exaltamos quão complexas se gerem a compreensões das imagens e discursos elaborados sobre a Coluna

²⁰⁹ Narrativa do senhor Geraldo Lima, 78 anos de idade. Entrevista realizada em 22/08/2006, Crateús.

Prestes. Especialmente voltando-se às narrativas de memória dos entrevistados, perpassadas na relação do individual e coletivo, o enquadramento dos mesmos se processa por diferenciações.

Também não podemos esquecer que a maioria dos entrevistados já tinha idade avançada e apresentaram distorções ou vaguezas na composição de suas narrativas. Observamos que parte dos narradores não teve acesso à escola, ou seja, não sabia ler e relatou situações suas quando crianças e/ou somadas pelas narrativas dos seus parentes mais velhos, constituídas basicamente pela transmissão da memória oral adquirida nas suas localidades: senhora Rosa, senhor Raimundo, senhora Jovita, senhor Ferrerinha. Já no outro grupo composto por padre Geraldo e senhora Nezite, a situação é mais complexa, pois foram narradores que não presenciaram a passagem da Coluna nas suas localidades, afinal nem nascidos eram. Suas memórias foram construídas pela escuta dos relatos dos outros e por outras leituras, pelas informações adquiridas ao longo do tempo; vide o caso de Padre Geraldo, que foi um escritor, anos depois sobre o tema.

No balaio das narrativas orais que estão sendo trabalhadas aqui, seria desatenção nossa analisá-las de forma homogeneizadora ou conduzi-las pra esse caminho. Como tece Bosi: “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva [...] O que nos parece unidade é múltiplo.”²¹⁰ Pois, “para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado.”²¹¹

Quando pensamos especialmente nas falas da senhora Nezite e do Padre Geraldo, foram nítidos seus conhecimentos sobre o tema da Coluna Prestes e que suas visões foram modeladas além das memórias locais por outros tipos de informações. Nesse sentido, diante da constatação da visão caleidoscópica da travessia da Coluna Prestes no sertão cearense, lembremos mais uma vez do papel da pós-memória que tem como principal característica sua natureza fragmentária, em que as lembranças do passado são concebidas

²¹⁰ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. 6ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 414.

²¹¹ Idem, p. 414.

por inúmeros feixes que extrapolam as barreiras das memórias familiares e locais e são acrescidas por informações provenientes de outras fontes, a destacar a cultura escrita, a mídia, as instituições de saber e outros.²¹²

Ao entrevistarmos senhora Nezite, nascida e criada na localidade de Quixariú, notamos certa empatia da narradora pelo tema, especialmente por Luiz Carlos Prestes.

Voltamos nossas atenções para suas colocações:

Eu sou assim uma admiradora muito grande de Prestes e depois eu li o livro Cavaleiro da Esperança de Jorge Amado né. Aí ainda fiquei mais admiradora de Prestes. O que eu acho é o seguinte que homem com Luiz Carlos Prestes, ele é assim com um cometa, eu gosto de comparara com um cometa que só aparece de 500 em 500 anos. Mas infelizmente no Brasil quando Luiz Carlos Prestes apareceu fizeram foi confinar, prender né e quando vieram foi quando ele já estava doente, velho acabado né, foi naquele tempo das Diretas Já foi que eu conheci Luiz Carlos Prestes, quando eu soube que estava no comício das diretas Já pra Fortaleza ver Preste, só pra ver Prestes.

213

As tessituras da narradora mostraram um leque mais amplo de significados. Suas leituras sobre a Coluna Prestes se constituíram por fragmentos que extrapolaram o recorte temporal sobre a passagem do Movimento por terras cearenses, especialmente na localidade de Quixariú.

A colcha narrativa da senhora Nezite sobre a Coluna prestes foi composta por situações que envolveram a vida de Luiz Carlos Prestes pós-Marcha engajado nas manifestações de esquerda do País, com sua participação na campanha das “Diretas Já”, no período de redemocratização brasileiro. Note-se ainda que a narradora comentou que leu “o cavaleiro da esperança”, de Jorge Amado, obra simpática a Luiz Carlos Prestes, que construiu uma produção onde Prestes foi apresentado como herói nacional ao liderar a famosa marcha dos tenentes. A destacar, parte das produções escritas elaboradas acerca da Coluna Prestes tentou mostrar o Movimento pela sua face heroica e desbravadora, onde Prestes apareceu com uma personagem mítica.

Aguçando nosso olhar para a narrativa da senhora Nezite, supomos que seu entendimento sobre a passagem da Coluna Prestes foi indexada

²¹² SARLO, op. cit..

²¹³ Narrativa da senhora Francisca Nezite Alencar, 63 anos de idade. Entrevista realizada em 17/05/2006, Quixariú.

também por esses fatores que personificou Prestes como a própria Marcha. Na decifração da equação, podemos intuir que, nas impressões da narradora, Prestes foi um herói e como o mesmo seria a própria Marcha, esta última seria a representação do heroísmo, da luta, da contestação.

Então, é perceptível que suas visões e imagens acerca da Coluna Prestes foram moldadas para além das escutas dos moradores locais e entendendo-se que determinadas ações da Coluna Prestes não foram praticadas ou mesmo que até seriam necessárias. Nesse caso nos reportamos aos casos de saques.

Quando perguntada sobre as atitudes do Movimento em Quixariú, a narradora nos falou:

Tenho a impressão que Luiz Carlos Prestes assim a gente sabe que mesmo, que comandante faz. Às vezes o comandante manda na tropa toda, mas eu tenho a impressão que gente assim do quilate dele e desse povo não fariam desordem em lugar nenhum.²¹⁴

Já as versões de padre Geraldo concorrem, semelhantemente, para as narrações da senhora Nezite, em que a Coluna não foi vista pelo revestimento da vilania. A lembrar, padre Geraldo foi autor de uma das produções locais referente à travessia da Coluna Prestes pelo Ceará, e discutida no capítulo anterior do nosso trabalho. Seu arsenal de conhecimentos sobre o Movimento vai além das narrativas de memórias por ele escutadas quando criança. Como já averiguado, constatamos que suas falas ainda no presente se assemelham com sua escrita de memória, apesar de aparentarem algumas vaguezas em virtude da idade avançada, mas a essência continuou presente; ou seja, a Coluna na sua visão foi uma manifestação benéfica à sociedade brasileira e parte das visões que condenavam a Marcha emergiu dos opositores daquele período, ou seja, das falas do Governo que tinha com missão de aniquilar o movimento dos tenentes: “Hoje a Coluna é uma causa revolucionária, mas naquele tempo o Governo dizia que os revoltosos eram bandidos que defloravam mulheres que eram ladrões viu, que eram ruins”.²¹⁵

²¹⁴ Narrativa da senhora Francisca Nezite Alencar, 63 anos de idade. Entrevista realizada em 17/05/2006, Quixariú.

²¹⁵ Narrativa do Senhor Geraldo Lima, 78 anos de idade. Entrevista realizada em 22/08/2006, Crateús.

Em conclusão, podemos dizer que as sensações captadas pelos narradores sobre a passagem da Coluna Prestes (primeira e segunda gerações) orbitam entre elementos concernentes, mas também por dissonâncias e desdobramentos diferenciados. Somando-se a isso todas elas partiram das lembranças evocadas no tempo presente e que particularidades e aspectos externos ou não perpassaram na construção de suas narrativas. Para além das especificações em jogo, Sarlo atenta para algo bastante pertinente quanto às compreensões do passado: “se o passado não foi vivido, seu relato só pode vir do conhecido através de mediações; e mesmo se não foi vivido, as mediações fazem parte desse relato.”²¹⁶

E se pensamos que os incômodos ou inquietudes encerraram sobre as significações da passagem da Coluna Prestes, conduzimos nossa discussão para outro ponto: os ícones memorialísticos da Marcha no espaço cearense. Inclino-nos agora para as memórias da travessia da Coluna Prestes na cidade de Crateús, onde se encontram o monumento da Coluna Prestes (2006) e o “cemitério dos revoltosos.

²¹⁶ SARLO, op. cit., p.92.

3.2 Todos os caminhos levam a Crateús: a mística do “Cemitério dos Revoltosos” e a invenção do monumento contemporâneo em homenagem a Marcha.

De início, justificamos o presente tópico e a discussão nele traçada por a passagem da Coluna Prestes em Crateús ter gerado uma série de polêmicas, ao passo que aparentemente nos registros analisados por nós, sejam eles escritos ou orais, as referências tomaram destaque considerável.

No quadro de indícios que contemplaram a temática, observamos elementos bastante elucidativos quando pensamos no universo de representações construídas acerca da Coluna Prestes ao longo do tempo. Ao deslocamos nosso olhar para os jornais impressos produzidos no período de 1926 constatamos o grau de destaque de notícias em torno do conflito na localidade, envolvendo as tropas legalistas e os sujeitos da Marcha. Pelos noticiosos analisados, a Coluna foi derrotada.

Já na produção local “A marcha da Coluna Prestes Através do Ceará”, de Padre Geraldo de Oliveira Lima, parte de sua produção foi dedicada às situações em torno da Marcha, em especial do segmento João Alberto, responsável por incursionar na região norte do estado e ter passado por Crateús. No ângulo da obra, a interpretação da travessia na localidade apresentou nuances que atenuaram a visão da derrota da Coluna na localidade e mostrando facetas interessantes dos tenentes como o episódio do “falso mendigo”. Nos desdobramentos do cerco de Crateús, o livro memorialista não pontuou a conclamação extremada da derrotada da Marcha, cantada anteriormente pelos noticiosos.

Em narrativas orais captadas no tempo próximo, alguns elementos, visualizados também noutras produções ressurgiram, aliados às outras percepções. Dos conflitos no local, os entrevistados versaram: “a luta deles foi dentro da cidade, num foi fora não, foi lá no centro, foi dentro.”²¹⁷ “Eles

²¹⁷ Narrativa da senhora Rosa Moraes, 94 anos de idade. Entrevista realizada em 25/08/2006, Crateús.

entraram na cidade. Num tem ali na rua da Igreja. [...] A trincheira cercava a casa daí num tinha como eles saíam, nem na calçada.” ²¹⁸

Nas rememorações sobre a trama que envolveu a população de Crateús e os membros da Coluna, os depoentes narraram sobre a presença dos integrantes nas redondezas da cidade, pois esta se encontrava sitiada. Nestes relatos, foram evidenciados os confrontos entre as forças legalistas e os “revoltosos”. Porém, foi notória nas falas dos entrevistados a referência ao “Cemitério dos Revoltosos”, local onde foram enterrados dois combatentes da Coluna.

Ao relatarem sobre os desdobramentos dos conflitos na cidade de Crateús, os narradores comungaram sobre o episódio dos dois membros mortos. Nas falas de senhor Ferrerinha acerca da morte dos revoltosos: “Tinham que morrer mesmo, num tinha como, não tinha saída. Foi uma perda muito grande que eles tiveram.” ²¹⁹ Relembremos que quando ocorreu o cerco de Crateús, a Coluna teve baixas no seu efetivo, além dos feridos, ocorreu a morte de dois membros que foram enterrados nas redondezas do município de Crateús.

Diante de circunstâncias particulares, o local do enterro passou ser um espaço sagrado e de culto aos revoltosos mortos, logrando também ao evento o aspecto religioso ou místico no entremeio de um movimento de característica sociopolítica:

Esta versão dos dois mortos praticamente insepultos e que teriam morrido, pedindo água, sensibilizou a população de Crateús de então velas, fitas, flores e garrafas de água adornam a sepultura dos revoltosos como um patente sinal de carinho e piedade, e ao mesmo tempo, testemunho vivo da religiosidade popular. ²²⁰

Na tentativa de refletir sobre esse espaço, ao passo que as lembranças sobre o cemitério dos revoltosos licenciam sobre as memórias da Passagem da Coluna Prestes na localidade de Crateús, segundo alguns narradores, este seria um “local santo”. Diante da emergência na compreensão do lugar religioso devotado aos revoltosos, buscamos entender as

²¹⁸ Narrativa do senhor Francisco Ferreira (Ferreirinha), 89 anos de idade. Entrevista realizada em 23/08/2006, Crateús.

²¹⁹ Narrativa do senhor Francisco Ferreira (Ferreirinha), 89 anos de idade. Entrevista realizada em 23/08/2006, Crateús.

²²⁰ LIMA, op. cit., p. 27.

significâncias do cemitério. Afinal, sujeitos àquela época, considerados pelas falas do governo e dos meios de comunicação, como homens imorais e perturbadores da “ordem e paz das famílias” e que, após suas mortes, passaram a ser cultuados, por parte da população local, como santos populares.

Tendo como referência uma morte martirizada que relembra mesmo de forma indireta o sofrimento da morte de Cristo, ícone do cristianismo, pois este teria morrido crucificado, tornando-se o símbolo da dor no imaginário cristão, remetemos o nosso foco de análise para a percepção popular sobre o cemitério dos revoltosos. Pensando assim, os homens que nele morreram com “sede”, segundo os relatos, tiveram a remissão dos pecados. Sendo enterrados pela população local, suas mortes fundaram um espaço sagrado. Nesse caso, a oralidade assumiu um papel de destaque construindo representações e múltiplos significados.

Quanto às referências sobre o “Cemitério dos Revoltosos” na cultura escrita, o estudioso Oswald Barroso o classificou como local clandestino. No contorno das cruzes dos dois “revoltosos”, foram erguidas variadas outras, representando sepultamentos de crianças, filhos dos devotos. Chamados de “anjinhos”, os mortos prematuramente eram levados até o espaço e sobre ele erguidas pequenas cruzes, que rodearam o monumento fúnebre central. O aspecto de clandestinidade apontado refere-se também a não-existência de amparo legal para tais práticas, pois este espaço se encontra afastado da cidade de Crateús, localizado no sítio Boa Vista.

Em suas palavras:

Em terreno de mato ralo nas cercanias da cidade, ampla laje sob uma cruz pintada de preto, ambas de cimento. Ao redor, cruzes pequenas de anjos. Algumas feitas com talos do capim grosso que se espalha pelo chão. Dezenas de cruzes. Em torno na sepultura maior, ex-votos e garrafas com água (mortos no sertão também padecem sede). Aqui estão sepultados os membros da Coluna Prestes. Para o povo eles são santos merecedores de devoção, a quem faz promessas e agradece graças. Foram também judiados, por isso é sagrado o chão dos sepultados. Cemitério de anjos e indigentes.²²¹

A citação acima evidenciou algumas características do cemitério, na qual podemos perceber algumas práticas de culto aos revoltosos, como a

²²¹ BARROSO, op. cit., p. 106.

presença de alguns artigos depositados pelos devotos: os ex-votos. Nesse sentido, recorreremos às discussões de Certeau quando o autor pondera sobre os lugares e como esses tomam consenso de espaço, pelas práticas e discursos tecidos socialmente no cotidiano:



Imagem 3: “Cemitério dos Revoltosos”. Nesse local foram enterrados os dois integrantes da Coluna em combate com os oficiais da polícia de Crateús em 1926.²²²

No nosso caso, retemos para a experiência espiritual do lugar. Partindo dessas proeminências elucidamos que este fora circunscrito por sujeitos que, a revelia dos fatos ou não, produziram além da devoção religiosa, um espaço

²²² Agradecimentos ao senhor Expedito Aragão por ter conduzido ao local.

dedicado à memória da Coluna Prestes. Diante desses elementos, podemos observar como situações particulares dão novas feições sobre determinado evento e de como são concebidas. Sendo assim, outras representações foram proferidas por grupos sociais específicos e, portanto, permeadas de múltiplas simbologias. Conduzindo essa discussão sobre a concepção de espaço, no nosso caso sobre sua referência religiosa, devemos levar em consideração que o “Cemitério dos Revoltosos” não se enquadra como espaço sagrado da Igreja Católica. Ele foi construído nos preceitos de uma religiosidade popular.

Bettanini, ao discutir o espaço mítico, espaço sagrado e de representação aponta para algumas questões que permeiam tais noções. Para as reflexões sobre o “Cemitério dos Revoltosos”, entendido nas narrativas como uma espacialidade milagrosa, o autor elucida que “o espaço sagrado implica uma hierofonia, uma irrupção do sagrado que anula a homogeneidade do espaço”. E assim “O homem elaborou técnicas de sacralização do espaço, eficientes na medida em que reproduziam obras ou deuses” ²²³.

Em continuidade:

O espaço sagrado, de território classificado e privilegiado no espaço mítico, tornar-se-á por sua vez único; terreno de mediação entre terra e céu; constituir-se-á ‘por diferença’ em relação ao espaço profano e corrompido, como espaço arquitetônico da igreja em relação ao “resto do mundo”. ²²⁴

Partindo dessa lógica, o espaço sagrado dos revoltosos é rememorado não apenas por ser um monumento não oficial a Coluna Prestes, mas como uma representação social dos moradores dessa localidade, uma vez que foi construída outra significância aos “revoltosos”: a mística. As narrativas orais versaram sobre as lembranças que ora esquecidas ou não, contrapõem a uma memória oficial que retrata ou reduz a passagem do Movimento pelas suas atrocidades e violência, por meio dos seus atos de saques e pilhagens. Apesar de as narrativas orais elucidarem esses mesmos elementos atribuídos ao Movimento Prestista, apresentaram ou trouxeram também partículas de um lance em que a vitória cantada pelos jornais sobre o desempenho das forças legalistas, não se desdobram a uma visão única, pois esta mascarou outras

²²³ BETTANINI, Tonino. **Espaço e ciências humanas**. RJ: Paz e terra, 1982, p. 86.

²²⁴ Idem, p. 86.

feições construídas pela população local, a citar a morte dos dois combatentes e o próprio Cemitério citado.

À luz da construção processual da memória social da passagem da Coluna Prestes por território cearense, o “Cemitério dos Revoltosos” se tornou um dos fragmentos que remontam a travessia do Movimento. Relacionado a esse espaço sendo localizado em uma área “periférica” da cidade e, aparentemente abandonado, com o túmulo principal ²²⁵ desgastado pelo tempo, percebe-se que o mesmo é renovado pelas práticas que cotidianamente se desenrolam sobre ele, como o enterro de crianças, promessas e novenas:

Lá passou muito tempo aquelas covas. Chamam de anjos, anjinho, crianças, viu. Muita gente aqui. Eles são considerados santos porque eles morreram com muita sede. Muita sede viu por isso as pessoas botam garrafas e como promessa começaram a enterrar crianças como se ali fosse um lugar sagrado, o significado é esse aí e não por falta de espaço.²²⁶

A narrativa de padre Geraldo versou sobre essas práticas realizadas no lugar, ressaltando que isso acontece em virtude de as pessoas acreditarem na suposta santidade dos revoltosos enterrados, pois daí as significâncias do sepultamento ao redor do túmulo dos revoltosos. Como o narrador justifica, tais práticas não ocorreriam por falta de lugar já que na cidade tem o cemitério municipal, ou seja, os enterros acontecem no local, devido aos moradores e devotos locais creditarem poder espiritual aos revoltosos mortos.

Isso nos faz pensar que o espaço de culto à morte dos dois revoltosos apresentou sentidos e motivos, em torno de uma ritualidade, ao passo que expôs particularidades, pois não há, nesse espaço, sepultura de adultos, apenas de crianças que morreram de forma prematura. Indagamo-nos qual seu significado? Segundo as falas de outro depoente nosso, ele narrou sobre as crianças mortas e que estas são enterradas nesse local porque os revoltosos nele enterrados ajudariam fazer a passagem para o céu ²²⁷; ou seja, os revoltosos auxiliariam esses seres humanos a se desprenderem do mundo

²²⁵ Túmulo onde estão depositados os restos mortais dos dois membros da Coluna Prestes. Ao redor dele se encontra outras sepulturas menores cada uma sinalizada por uma cruz e com nomes de crianças que morreram prematuramente e na denominação popular são chamados de anjinhos.

²²⁶ Narrativa do senhor Geraldo Lima, 78 anos de idade. Entrevista realizada em 22/08/2006, Crateús.

²²⁷ Narrativa do senhor Expedito Aragão, 51 anos de idade. Crateús. Entrevista realizada em 22/08/2006, Crateús.

terreno. Ao esboçarmos, mesmo que levemente, um entendimento sobre tal aspecto, Bertanini coloca que “o culto oferece em suma a fórmula geral com a qual resolve todas as crises existenciais que nascem da crise natural.”²²⁸ Com isso, refletimos que as atribuições dadas a eles (os revoltosos mortos) por parte da população local e devota estão ligadas também a questão dos significados da morte.²²⁹ Pois, a morte por fazer parte da trajetória do homem e pertencente a um ciclo natural, ao ser rompido, nesse caso, diante de situações precoces ou trágicas, sua explicação se daria pela ordem da fé ou devoção, através de símbolos representativos. De algum modo, os revoltosos mortos se enquadrariam nesse simbolismo, pois passaram ser objetos de feição mística ou espiritual na localidade de Crateús, mediante seu exemplo de um suposto sacrifício.

Os dois “revoltosos” ganharam “roupagem santa”, diante de uma tragédia e foram redimidos dos pecados humanos. Espíritos que abrem os caminhos e são lembrados na memória e no imaginário. Segundo o senhor Ferreirinha, quando perguntado sobre o cemitério ele sucintamente a expressa: “tem muita gente que falava que já viram eles”.²³⁰ Talvez estabelecer um consenso quanto à santidade dos revoltosos no imaginário popular, seria pretensioso; porém, esse espaço sagrado, dedicado aos revoltosos é um fragmento peculiar quando se fala das memórias da passagem da Coluna por terras cearenses.

Outras falas:

Agora o povo começou a fazer promessa com eles nesse cemitério, né! porque os dois que morreram, sem saber os nomes, é porque eles morreram assassinados, mas isso num serviu de vantagem essa tropa nenhuma que passou aqui não. Hoje num vão mais muito não, mas tem gente que vai ascender vela, fazer promessa, foi de briga

²²⁸ BETTANINI, op. cit., p. 95.

²²⁹ Apesar de nosso trabalho não fazer uma discussão conceitual sobre morte e seus significados, visto que não é nosso foco central, algumas observações se tornaram necessárias. Sobre Morte Cf. REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das letras, 1991. Outro trabalho interessante quanto a questão da morte na tradição oral foi elaborado pelo historiador Cícero Joaquim do Santos que discute sobre a cruz da Rufina no município de Porteiras, Ceará. SANTOS, Cícero Joaquim. **No entremeio dos mundos**: Tessituras da Morte da Rufina na tradição oral. 2009. 227f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.

²³⁰ Narrativa do senhor Francisco Ferreira (Ferreirinha), 89 anos de idade. Entrevista realizada em 23/08/2006, Crateús.

né, ele se como ele é travaram luta com a polícia e a polícia matou os dois.²³¹

O depoimento da entrevistada, que trata das lembranças sobre passagem da Coluna Prestes na cidade de Crateús, mencionou o “Cemitério dos Revoltosos”, só que nas suas verbalizações transpareceu certo tom de reprovação acerca do espaço, ao exercitar suas lembranças sobre o evento. Com isso, é interessante estarmos atento, pois a memória é perpassada por funcionalidades e intencionalidades, lembrando que esta tem caráter subjetivo, e daí sabermos de que lugares os sujeitos estão vinculados, de onde vêm as falas. Durante o exercício da entrevista com a senhora Rosa foi perceptível sua feição de mulher religiosa, denotando ser bastante apreciadora da religiosidade católica oficial. Lembremos que o culto aos revoltosos mortos não é reconhecido pela Igreja.

Diante da observação, advertimos que são compreensíveis certos aspectos de sua colocação, pois ela, apesar de estar vinculada a memória social do lugar que versa sobre o cemitério, apresentou fragmentos que se basearam também na experiência da suposta presença da Coluna Prestes na residência da família e traduzida num desconforto quanto ao suposto caso de saque.²³²

Talvez para a narradora, lembrar da passagem da Coluna Prestes não seja algo entusiasmador e assim, apesar do “Cemitério dos Revoltosos” compor suas narrativas sobre o evento, a percepção construída pela relação de sua memória individual e da memória coletiva em meio a sua condição de católica praticante geriu um aparente desinteresse pelas práticas que se dão no cemitério, espaço memorial da Marcha em Crateús. Num todo pontuamos que, de alguma forma, essa visão é também reflexo das disputas de memória que diante contextos e especificidades, concorrem para elaborações de mundo diferenciadas. Neste caso, sobre as marcas deixadas e reelaboradas pelos sujeitos locais sobre a Coluna Prestes em Crateús.

E nesse cenário de disputas de memórias e representações da passagem da Coluna Prestes no sertão cearense em específico na cidade de Crateús, outro elemento emergiu: a invenção do monumento comemorativo aos

²³¹Narrativa da senhora Rosa de Moraes, 94 anos de idade. Entrevista realizada em 23/08/2006, Crateús.

²³² Ver página 156.

membros da Marcha. Como já apresentado na abertura do nosso trabalho, o ícone memorialístico em comemoração aos 80 anos da travessia da Coluna Prestes por território nacional, Crateús entrou no rol das cidades contempladas com a edificação memorial:



Imagem 4: Monumento a Coluna Prestes, localizado na cidade de Crateús.

Sobre a inauguração do monumento:

Foi inaugurado na noite de ontem em Crateús, a 410 Km de Fortaleza, monumento de autoria do arquiteto Oscar Niemeyer em homenagem aos 80 anos da passagem da Coluna Prestes pelo Ceará. A inauguração contou com a presença do governador Lúcio Alcântara, do prefeito municipal José Almir Claudino Sales (PMDB), e do presidente da Comissão Especial de Anistia Wanda Sidou, Papito de Oliveira. "Entregamos mil cartilhas sobre a Marcha da Coluna Prestes no Ceará para serem distribuídas nas escolas e os mais jovens fiquem conhecendo e pesquisando sobre esse fato histórico", disse Papito. Ele é o organizador da cartilha que se refere aos participantes da Coluna e das cidades por onde Luis Carlos Prestes passou no Estado: na noite de 12 de janeiro de 1926, o batalhão da Coluna, saindo do Piauí chegou ao Ceará passando por Ipueiras, Ipu, Nova Russas, Crateús, Novo Oriente, Quiterianópolis e Arneiroz.²³³

²³³ Jornal "O Povo". Fortaleza, 15/12/2006.

Do momento apoteótico que fundamentou a celebração, assinalamos para as narrações dos nossos entrevistados que relataram suas impressões. Ao perguntamos sobre o monumento, senhor Raimundo falou:

O monumento foi feito por um engenheiro, deixa ver seu me lembro do nome... é é é osc, Oscar Niemayé era muito amigo de Carlos Preste, particular, era amigo dele, o Oscar. Deu até uma casa lá no rio de Janeiro. Foi uma marcha grande essa viu que saiu lá do sul e passou aqui em 26. Do Piauí veio pra aqui.²³⁴

Outra impressão veio das falas de padre Geraldo. Ao narrar sobre o monumento, observamos uma reprovação:

Infelizmente, tem que se dizer a verdade, nada foi feito pelo erguimento do monumento [...] E no dia da inauguração vieram militantes de vários partidos de esquerda (partido comunista) vieram de fortaleza e o governo veio fazer a inauguração de algumas obras no Novo Oriente e às sete horas da noite, a inauguração do monumento lá. O prefeito não mandou iluminar, nem mandou colocar flores, não mandou colocar a placa grande e até hoje continua daquele jeito, agora eu não sou arquiteto, eu acho que o monumento de Niemayer não deveria ser assim e sim outro. O certo deveria ser um cavaleiro montado num cavalo, de chapéu e um laço vermelho que era um traço dele e uma roupa cheia de bolsos que colocavam armas, munições, objetos porque é muito bonito, mas o povo não entende. E o povo que não sabe ler né! Ali deveria ser uma área de preservação com documentos, jornais e outra lá no cemitério dos revoltosos. Estão querendo fazer dois lagos de tratamento de água ali, daqui uns tempos vai sumir e se a água não atingir, vai ser fechado e aí como é que fica. Eu sei que é um desleixo, uma falta de memória.²³⁵

Pelas falas dos narradores, observamos que primeiramente não se há uma clareza sobre significado do erguimento do monumento. Senhor Ferrerinha, a destacar ressaltou a autoria da escultura e, por final, concluiu que a Marcha foi uma manifestação de grandes proporções no Brasil naquele período. Já na oralização de padre Geraldo, a materialidade do objeto não representaria a Coluna Prestes; ou seja, a imagem alegórica deveria ser outra. Pelo seu argumento, o ícone teria uma importância para histórica local, uma vez que se remetem às façanhas da Coluna na região. Porém, transpareceu um descuido dos seus idealizadores ou da ausência de uma explicação mais consistente em torno da Coluna Prestes. Dá-se a entender que o advento do

²³⁴ Narrativa do senhor Francisco Ferreira (Ferreirinha), 89 anos, comerciante. Entrevista realizada em 23/08/ 2006, Crateús.

²³⁵ Narrativa do senhor Geraldo Lima, 78 anos de idade. Entrevista realizada em 22/08/2006, Crateús.

monumento e sua festividade não seriam em si uma retratação digna ou condizente com os significados da Coluna Prestes.

Assim, pensamos como são elaboradas as imagens ou visões dos sujeitos sociais acerca dos eventos. Da narrativa de Padre Geraldo – constituídas pelas narrativas orais de parentes e moradores mais velhos, (assim como das informações adquiridas por outras produções que descreveram sobre o tema), as atenções perante os espaços alusivos a Coluna Prestes, ficaram ao “Cemitério dos Revoltosos”.

Com isso, ficou nítido que sua preocupação foi para o lugar de culto religioso da Marcha na localidade que estaria ameaçado de destruição. Nesse sentido, tentamos, mesmo superficialmente, já que diante da problemática redundaria uma análise mais complexa, e promoveria também outro estudo, pararmos pra refletir sobre os lugares de memória e nas disputas em torno dos dois espaços fundados aos revoltosos.

Em nível de informe, os demais narradores, quando perguntados sobre o Monumento, não quiseram ofertar suas visões. Já acerca do “Cemitério dos Revoltosos” houve uma ligação às memórias da passagem da Coluna Prestes na localidade que nas concepções dos narradores teve como símbolo emblemático o cemitério e não a escultura construída no ano de 2006.

Na deflagração dos espaços memoriais, indagamos qual o sentido da construção e funcionalidade da escultura de traços modernistas? Diante da emergência, recorreremos às reflexões de Pierre Nora ao tecer sobre os “lugares de memória”. Segundo o pensador:

Os lugares da memória pertencem a dois domínios, que a tornam interessante, mas também complexa: simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos à mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da abstrata elaboração.²³⁶

Nesse sentido, refletimos que a fundação do monumento contemporâneo tentou evocar artificialmente as memórias da passagem da Coluna Prestes em Crateús. Afinal, o lugar de memória tem como obrigação acumular vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos como um

²³⁶ NORA, Pierre. Entre memória e história. As problemáticas dos lugares. Tradução: Yara Khoury. In: **Revista Projeto História**. São Paulo, n. 10. 1993, p. 20.

arsenal de evidências quando a memória tradicional está em processo de desaparecimento.²³⁷

Por outra maneira, pensamos que, apesar da memória sofrer mudanças ao longo do tempo, assim como auferida pela possibilidade do esquecimento, apontamos que as memórias sobre o evento na localidade continuam vivas entorno de seu símbolo maior, o cemitério dos revoltosos. Tornando-se assim aspecto referencial nas falas dos narradores. Então indagamos qual a importância da edificação do monumento contemporâneo?

Diante da constatação, apontamos que a funcionalidade do monumento foi aparentemente equivocada, uma vez que não houve uma ligação direta com as experiências que se desdobraram na localidade. Sendo assim, vemos que forças perpassaram a concepção da homenagem, ao lograr a valoração do monumento festivo na suplantação, mesmo que não intencional do “Cemitério dos Revoltosos”.

Talvez o símbolo memorável sobre a passagem da Coluna Prestes na cidade de Crateús seja o espaço sagrado, destinado aos membros mortos, que mesmo sendo localizado em uma área com aparência de abandono, se encontra o túmulo dos dois mortos da Coluna, cultuados por parte da população que devotam sobre seus martírios e santidades.

Ao trazermos à tona essa discussão, vemos que a presença do Movimento naquela época tem ainda muito a revelar. É nessa expectativa que encerramos nossa análise, pois, diante das limitações do nosso trabalho e dos próprios desdobramentos que podem resultar, dizemos que o “Cemitério dos Revoltosos” continua a nos inquietar.

Em contraposição ao monumento contemporâneo em homenagem à Marcha, pensamos que o “Cemitério dos Revoltosos”, pela peculiaridade apresentada, assume relevância maior quando se trata do evento, tornando-se sagrado e ancoradouro de memórias. Ele faz lembrar os mortos da Coluna que ali foram enterrados e da própria passagem da Coluna Prestes em Crateús.

Nos percalços do esquecimento, do aparente abandono, vemos que esse cemitério presenteado aos “revoltosos” e escondido nas entranhas do sertão cearense continua ser um espaço vivo onde é renovado pelas práticas

²³⁷ NORA, op. cit., p. 23.

de devoção de alguns moradores da localidade. Um espaço emblemático constituído de significâncias e rememorado pelas falas de quem pertence ao lugar.

3.3 Os sedutores labirintos da oralidade sobre a Coluna Prestes

Perante os argumentos tecido ao longo do capítulo, evidenciamos uma série de aspectos que nos faz refletir sobre o papel da oralidade na construção dos processos históricos. *A priori* consideramos as relevâncias das versões orais que se revestiram de intrínsecas problemáticas ao redor do tema, em específico da passagem da Coluna Prestes pelo Ceará. Ao mesmo tempo em que nos seduziu, fomos assustados.

A beleza dos fragmentos promoveu em nós um movimento estático, ao passo que nos fez agir à procura do entendimento de seus significados. Quem diria que, nas entranhas do sertão cearense, existiria um cemitério onde dois integrantes da Coluna Prestes foram revestidos pela feição da santidade ou do dom sobrenatural a partir de suas mortes trágicas? Se nos retiver às fontes escritas, caso dos jornais, o cemitério jamais seria conhecido.

Das obras memorialistas, em específico a obra de Padre Geraldo de Oliveira Lima, houve até a menção acerca do espaço de morte, mas também pouco explorado. Na mesma localidade ficamos sabendo da existência de um monumento construído em homenagem à passagem da Coluna Prestes, mas que incrivelmente nossos narradores pouco sabem ou não o associam aos sujeitos do Movimento. Tendo como referencia memorial o “Cemitério dos Revoltosos” e a morte sofrida dos dois membros. Portanto, as narrativas orais de sujeitos de Crateús e concebidas no tempo presente nos revelaram que um dos segredos da passagem da Coluna Prestes em solo cearense foi o cemitério.

Quem diria também que o movimento dos tenentes teria adentrado no diminuto distrito de Quixariú, no sul do Ceará. A lembrar, as notícias da época falavam das aproximações da Marcha na localidade de Campos Sales como portão de entrada. E diante das narrativas orais ficamos a saber que a Coluna Prestes não passou em Campos Sales, mas, sim, em Quixariú.

Na passagem do tempo, observamos também confusões ou distorções no embaraço de memórias fragmentárias que concorreram para a construção da memória social da Coluna Prestes no estado cearense. E das múltiplas experiências, a princípio o caos estaria instalado diante dos inúmeros

elementos emergidos nas falas de narradores que trouxeram dissonâncias das datas, dos fatos, dos personagens. A comentar novamente, a Coluna Prestes não adentrou em Campos Sales, lá esteve o batalhão patriótico Floro Bartolomeu e nas falas da senhora Jovita ficou a impressão que os soldados da Coluna cometeram saques na localidade. Como vimos pelo contraste de indícios, possivelmente os saques em Campos Sales foram cometidos pelos integrantes das forças legalistas que estavam acantonados na cidade para combater a entrada da Coluna no território cearense.

Sobre as incoerências, não esqueçamos as falas da senhora Rosa que comentou que a Coluna tinha cometido saques na propriedade de seu pai, na cidade de Crateús, mas, como já assinalado, a presença da Coluna na localidade foi extremamente efêmera, simplificada apenas nos combates com as tropas legalistas, ou seja, não haveria tempo para tal prática.

Contudo, as narrativas orais foram extremamente salutares, pois licenciaram sobre lances intimamente particularizados, envolvendo membros da Coluna e da população local. Assim como controvérsias em torno de personagens importantes na esfera política cearense: Floro Bartolomeu, Padre Cícero, Lampião e seus cangaceiros. Como salienta Bosi, a memória é “povoada de nomes. São pessoas, e não conceitos abstratos de “direita” e “esquerda”, que têm peso e significam.”²³⁸

Narrativas essas que ora se alinharam ou lembraram fragmentações dos impressos de 1926, como o caso da exploração das manchetes jornalísticas acerca dos saques, assim como o ar reprovativo das ações dos integrantes. Nesse caso, é pertinente lembrar as falas da senhora Rosa que não leu o Movimento como uma ação benéfica à sociedade brasileira. Adiante mensuramos os narradores que na contemporaneidade deram a atitude honrosa daquela marcha que na década de 20 do século XX saiu trilhando o território nacional, adentrando ao Ceará no ano de 1926.

As falas da senhora Francisca Nezite e de padre Geraldo representaram o discurso heroico em torno da Coluna. Sujeitos que não foram nascidos na época do evento, mas que aliados às escutas locais sobre a passagem da Coluna Prestes nas suas localidades e somada a conhecimentos

²³⁸ BOSI, op. cit., p. 467.

adquiridos por outros tipos de produções, equalizaram seus pensamentos para a imagem heroica do Movimento.

Num todo, podemos dizer que as narrativas orais nos ensinaram e que estamos longe de formamos uma visão homogênea sobre o evento estudado.

ESTIMAÇÕES

E muito já foi dito sobre a Coluna Prestes!

Finalizando agora nosso trabalho, reverenciamos inicialmente o quadro de produções (obras científicas, literárias, documentários, diários de memórias, registros locais e depoimentos orais) que até hoje rodeiam o tema da Coluna Prestes e dos desdobramentos temáticos (problemáticas e recortes) construídos na ânsia de análises sobre um dos movimentos sociopolíticos mais intrínsecos do Brasil republicano que orbitou nas esferas de admirações e repulsas. Creditamos menções ao mundo de textos sobre a Coluna Prestes, diante de seus êxitos e limitações, pois sem eles não teríamos tido a oportunidade de procurarmos nosso rumo.

*

Do nosso esforço, humildemente ficou a intenção de discutir também sobre o movimento dos tenentes a nível local, ou seja, de sua passagem por solo cearense e que até a atualidade desperta uma série de inquietações: Como se configurou a passagem? Foram bem recebidos ou não? Foram lidos como heróis, saqueadores, santos? Responder com exatidão sobre todas essas questões seria uma audácia desnecessária, uma vez que o próprio arsenal documental por nós averiguado apontou caminhos que ora se entrelaçam, ora se divergem quanto às imagens captadas acerca dos “revoltosos”, desde a ocasião ao tempo presente.

*

Foi pela vastidão documental e por meio dos fragmentos, inicialmente desconstruídos – uma carta de Padre Cícero direcionada a Luiz Carlos Prestes, intitulada de “Caros Patrícios”, um artigo do jornal daquele período, enunciando “Revolucionários Nunca!”, da obra memorialista e até então escondida ou não conhecida de José Antônio Marrocos sobre a passagem da Coluna Prestes no Ipu, de um lugar sagrado chamado cemitério dos revoltosos e de um monumento alusivo aos 80 anos da Coluna Prestes no Ceará – que esboçamos entender os sentidos atribuídos às façanhas da Marcha. Um

quebra-cabeça complexo que transcendeu temporalidades e nos instigou a uma operação histórica.

*

Ao ofício do historiador, buscamos seguir preceitos e ferramentas extremamente urgentes quando decidimos escafandrar sobre as águas profundas do passado. Nesse caso, o passado em vias foi sobre o tema da Coluna Prestes. Nessa perspectiva, nos orientamos pelos aportes da nova histórica política que nos ensinou sobre o universo da cultura política que compõe o substrato dos processos históricos. Na prática, apostamos nas decifrações ou compreensões das representações cerceadas sobre a passagem da Coluna Prestes no Ceará, em que disputas de visões tecidas pelos fios da memória conduziram nossa equação abstracional pelos meandros da história.

*

Arriscamos também propor outra fórmula de análise, a partir de nossas leituras e discussões, lançando nosso olhar não especificamente a Coluna Prestes, mas sobre o que falaram sobre o Movimento quando esteve de passagem no Ceará. Nessa composição, olhares diferenciados no tempo e no espaço fragmentados se enlevaram, nos mostrando que significados e sentidos atribuídos a Marcha foram confeccionados por sujeitos/atores sociais diversos, plurais tanto nos interesses ou intencionalidades, mas também perante experiências particularizadas em volta do evento.

*

Nesse cenário, tentamos elucidar aspectos conjunturais: sociais, políticos e culturais. E a orientação da nova história política nos incitou pensar que as visões, discursos e imagens acerca dos eventos e personagens podem ser captados nas sensibilidades, no trivial, no despretensioso, no cotidiano, na cultura, no religioso ou místico. Quando desnudamos as fontes documentais utilizadas no desenvolvimento da pesquisa, observamos que as narrativas (escritas e orais) sobre a Coluna Prestes estavam imbricadas a questões que iam além do estritamente político, ou seja, do contexto político nacional daquela época que esboçaram uma atuante campanha anti-Coluna. Dos jornais captamos no misto de informações lançadas ao público, situações que além de apontarem para a evolução da Coluna no território cearense, emitiram

opiniões ao classificar os integrantes do Movimento como símbolo da barbárie. Já as produções memorialistas, produzidas noutro tempo e engrenadas por outros produtores, de locais por onde a Coluna passou, a configuração apresentou situações que conduziram aos leitores perceberem a feição heroica da Marcha, apresentando situações interessantes que se voltavam para a relação dos integrantes da Coluna e da população local. Quanto às narrativas orais conduzidas no tempo presente, externaram posições que apontaram um pouco de tudo quando se voltam para as atitudes da Coluna Prestes: saques, atos humanitários, tragédia, invenções, imaginações, santidade ou martírio, assim como heroísmo também.

*

Então, a partir do quadro geral de percepções elaboradas sobre a travessia da Coluna Prestes no espaço cearense, nos atrevemos dizer que os integrantes da Marcha foram plurais: saqueadores, perturbadores, heróis, mártires e/ou até santos populares.

*

Na celeuma das particularidades, conclamamos que a nossa pesquisa extrapolou as barreiras de norteammento teórico e metodológico. As definições clássicas de política e memória se diluíram no meio de um riquíssimo cabedal documental. A cada página do presente trabalho, essas noções se levaram pelos gritos das falas e do reflexo ofuscante das imagens. E com isso chegamos à conclusão que os aportes teóricos e metodológicos, apesar de serem cruciais as reflexões acadêmicas, apresentam também suas limitações. Para além de um posicionamento simplório ou de uma situação que transpareça perplexidades, podemos dizer que valeu à pena narrar. Narramos sobre o universo das representações acerca do movimento dos tenentes no sertão cearense.

E muito ainda precisa ser dito sobre a Coluna Prestes!

FONTES

JORNAIS IMPRESSOS - ANO 1926.

- O Nordeste.
- Diário do Ceará
- Gazeta da Serra
- O Sitiá
- Correio da Semana

Locais de Pesquisa: Biblioteca Menezes Pimentel e Instituto Histórico e Antropológico do Ceará.

OBRAS MEMORIALISTAS

1. A Marcha da Coluna Prestes através do Ceará.

Autor: Padre Geraldo de Oliveira Lima

2. A Coluna Prestes no interior do Ceará

Autor: José Antônio Marrocos

ENTREVISTAS ORAIS

- Senhor Raimundo Nonato de Arraes, 91 anos de idade, agricultor. Entrevista realizada em 11/07/2006, Quixariú.
- Senhora Francisca Nezite Alencar, 63 anos de idade, professora. Entrevista Realizada em 17/05/2006, Quixarú.
- Senhora Rosa Moraes, 94 anos de idade, dona de casa. Entrevista realizada em 25/08/2006, Crateús.

- Senhor Geraldo de Oliveira Lima, 78 anos de idade, Padre. Entrevista realizada em 22/08/2006, Crateús.
- Senhor Expedito Aragão, 51 anos de idade, comerciante. Entrevista realizada em 23/08/2006, Crateús.
- Senhor Francisco Ferreira (Ferrerinha), 89 anos de idade, comerciante. Entrevista realizada em 23/08/2006, Crateús.
- Senhora Jovita dos Santos, 86 anos de idade, dona de casa. Entrevista realizada em 15/05/2006, Campos Sales.
- Senhor Geraldo Meneses Barbosa, 81 anos de idade, médico. Entrevista realizada em 15/06/2005, Juazeiro do Norte.

OUTRAS

- “A Marcha da Coluna Prestes no Ceará” – cartilha publicada pelo Governo do Estado do Ceará e organizada por Papito de Oliveira. Fortaleza, 2006.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Tradição oral e os usos da memória: o caso do tribunal Waitanqui, Nova Zelândia. In: **Revista anos 90**, Porto Alegre, 2006, p. 17 -39.

_____. A história dentro da história. In: **Fontes Históricas**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Ouvir e Contar Textos em História Oral**: proximidades e fronteiras. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2001.

ALMOND, Gabriel e VERBA, Sidney. **The civic culture, political attitudes and democracy in five nations**. An analytic study. Boston: Little Brow, 1965.

AMADO, Janaina, MORAES, Marieta de. (orgs.) **Uso e abusos da história oral**. 8ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança**. São Paulo: Record, 1942.

ARAÚJO, Erick Assis de. **Nos Labirintos da cidade**: Estado Novo e o cotidiano das classes populares em Fortaleza. Fortaleza: INESP, 2007.

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e sertões**: entre a história e a memória. SP: EDUSC, 2000.

BANN, Stephan. **As invenções da história**: ensaios sobre a representação do passado. São Paulo: Edunesp, 1994.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História**. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. História política, discurso e imaginário: aspectos de uma interface. In: **Saeculum - Revista de História**, v.12: João Pessoa, jan./junho. 2005.

BARROS, Lutigarde Oliveira Cavalcanti. **A Derradeira Gesta**: Lampião e Nazarenos guerreando no Sertão. RJ: FAPERJ, 2000.

BARTHES, Roland apud BANN, Stephen. **As invenções da história**: ensaios sobre a representação do passado. São Paulo: UNESP, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: brasiliense, 1985.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999

BETTANINI, Tonino. **Espaço e ciências humanas**. RJ: Paz e terra, 1982.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Giafranco. **Dicionário de Política**. 11ª edição. Brasília: Editoria da Universidade de Brasília, 1998.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. 6ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. **A Escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos**. São Paulo: Companhias de Letras, 1993.

BRIGGS, Asa e BURKE, Peter. **Uma história social da mídia, de Gutenberg à internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1994.

BRUM, Eliane. **Coluna Prestes: O avesso da Lenda**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

_____. História Política. In: **Revista de Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, nº 17, 1996, p. 01-05.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia**. (Orgs.). Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CARONE, Edgar. **A República Velha**. 1. Instituições e Classes sociais. São Paulo: DIFEL. 1975.

CARVALHO, José Murilo. **A formação das Almas**. São Paulo: companhia das Letras, 1990.

_____. **Os bestializados**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CAVALCANTI, Rúbia Micheline Moreira. **A Coluna Prestes em Piancó: Caso Pe. Aristides**. João Pessoa: Imprell, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 2ª edição. Rio de Janeiro: forense editora, 2007.

_____. **A cultura no plural**. 4ª edição. Campinas – SP: Papiurus, 2005.

_____. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHAGAS, Carlos. **O Brasil sem retoque. 1808 – 1964**. Volume1: A História contada por jornais e jornalistas. Rio de Janeiro: Record, 2001.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

_____. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

_____. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados**, vol. 11, n. 5, 1991.

_____. A História Hoje: Dúvidas, Desafios Propostas. In: **Revista de Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994.

_____. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009.

_____. **A ordem dos livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

CORTEZ, Lucili Granjeiro. **O Drama do Barroco dos Exilados do Nordeste**. Fortaleza: Editora UFC, 2005.

CURRAN, Mark J. **A história do Brasil em Cordel**. São Paulo: Edusp, 2004.

CRUZ, Heloisa de Farias e PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. In: **Projeto História: Imprensa e História**. São Paulo, n. 35, 2007, p. 253 - 270.

DECA, Edgar Salvadori; LEMAIRE, Ria. **Pelas margens: Outros caminhos da História e da Literatura**. (orgs.) Campinas – SP, Porto Alegre – RS: ED. da Unicamp, Ed. da Universidade – UFRGS, 2000.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memórias e identidades. In: **História Oral**, n 6, 2003, p. 09 - 25.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica**: memória, identidade e representação. Bauru- SP: EDUSC, 2002.

DOSSE, François. **A História**. Bauru – SP: EDUSC, 2003.

DUTRA, Eliana Freitas. Histórias e Culturas Políticas: Definições, Usos, Genealogias. **Vária História**. Belo Horizonte, UFMG, nº 28, 2001, p. 13-28.

_____. MOLLIER, Jean-Yves. (orgs.) **Política, Nação e Edição**. O lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII – XX. São Paulo: Annablume, 2006.

DRUMOND, José Augusto. **Coluna Prestes**: rebeldes errantes. 2ª edição. São Paulo. Editora brasiliense, 1987.

FAUSTO, Boris. **A História do Brasil**. 2ª edição. São Paulo: EUDUSP, 1994.

_____. **A revolução de 1930**. In: Brasil em perspectivas. São Paulo: Difusão européia do livro, 1968.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória Social**: novas perspectivas sobre o passado. Lisboa: Teorema, 1992.

FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). **O tempo do liberalismo excludente**: da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA, Marieta Moraes. A Nova ‘Velha História: O Retorno da História Política. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 265- 27.

_____; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FERRERIA, Amauri Carlos e GROSSI, Yvonne de Souza. A narrativa na trama da subjetividade. In: **História Oral**, n 7, 2004, p. 41-59.

FORJAZ, Maria Cecília Spina. **Tenentismo e política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: edições Loyola, 1996.

FREITAS, Airton de. **História do Ceará**. Da Pré-História ao Governo Cid Gomes. 2ª Edição. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2007.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso e fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOMES, Ângela de Castro. História, Historiografia e Cultura Política. In: **Culturas Políticas**: Ensaios de História Cultural, História Política e Ensino de História. (Orgs.) SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; GOUVÊA, Maria de Fátima Silva. RJ: MAUAD, 2005.

_____. **A república no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira/FGV/CPDOC, 2002.

_____. Venturas e desventuras de uma república de cidadãos. In: **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 152-167.

GONDAR, Jô e DOBEDEI, Vera. **O que é memória social**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice. 1990.

HOBBSAWN, Eric. **Sobre História**. São Paulo: companhia das Letras, 1998.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JANOTT, Maria de Lourdes Mênaco. **O Coronelismo**: Uma política de compromissos. 7ª edição. São Paulo: Editora brasiliense, 1989.

_____. O diálogo convergente: políticos e historiadores no início da República. In: **Historiografia brasileira em perspectiva**. 5º ed., São Paulo: Contexto, 2003.

JUCÀ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Imprensa universitária, 2003.

_____. O Significado da Ferrovia no Cotidiano da Vida Interiorana. In: **O público e privado**, nº2 – Julho/Dezembro, 2003

_____. Os jornais e a memória na compreensão do passado urbano. In: **Pesquisa histórica**: fontes e trajetórias. Fortaleza: EdUECE/ABEU, 2008.

WHITE, Hayden. Enredo e verdade na escrita da história. In: MALERBA, Jurandir (org). **A história escrita**: teoria e história da historiografia. São Paulo: Contexto, 2006.

LEAL, Victor N. **Coronelismo, enxada e voto**. 2ª edição. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. Campinas - SP: UNICAMP, 1996.

LENHARO, Alcir. **A Sacralização da Política**. 2ª edição. Campinas – SP: Papyrus, 1986.

_____; NORA, Pierre. **História**: Novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

LIMA, Lourenço Moreira. **A Coluna Prestes**: Marchas e Combates. 3ª edição, São Paulo: Alfa – Omega, 1979.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes Históricas**. 2ª edição, São Paulo: Ed. Contexto. 2006.

MACAULAY, Neil. **A Coluna Prestes**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1977.

MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tânia Regina de. **Extra**: Imprensa e cidade. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

MEIRELES, Domingos. **As noites das fogueiras silenciosas**: Uma história da Coluna Prestes. 9ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia cultural**: iniciação, teoria e tema. 16ª edição. Petrópolis: Vozes, 2009.

MEYHE, José Carlos S.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1992.

NASCIMENTO, Francisco Alcides. História e Memória: os rádios por seus interlocutores In: **Revista de História e Estudos Regionais**. Vol. 3, ano III, n. 4, 2006.

NETO, Lira. **Padre Cícero**: poder, fé e guerra no sertão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NOBRE, Geraldo da Silva. **Introdução à História do Jornalismo Cearense**. Edição fac-similiar. Fortaleza: NUDOC/ Secretaria do Estado do Ceará – Arquivo Público, 2006.

NORA, Pierre. **Entre memória e história.** A problemática dos lugares. Tradução: Yara Khoury. In: Revista Projeto História, São Paulo. n 10. 1993.

PEREGRINO, Umberto. **Tenentismo em debate e outros assuntos.** 1ª edição. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto. 2006.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: **Revista Projeto História.** São Paulo, n. 14, 1997.

PRESTES, Anita Leocádia. **Uma epopéia brasileira:** a Coluna Prestes. São Paulo: Moderna, 1995.

_____. **A Coluna Prestes.** 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O mandonismo local na vida Brasileira.** São Paulo: Instituto de Estudos brasileiros, USP, 1969.

REIS, João José. **A morte é uma festa:** ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

REMOND, Renné. **Por uma História Política.** 2ª edição, Rio de Janeiro: FGV, 2003.

_____. Por que a História política? In: **Revista de Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v. 07, nº 13, 1994, p. 7 - 19.

RESENDE, Maria Efigênia Lage. O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico. In: **O tempo do liberalismo excludente: da**

Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 89-120.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, O esquecimento.** Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SANTA ROSA, Virginio. **O sentido do tenentismo.** 3ª edição. São Paulo: Editora Alfa – OMEGA, 1976.

SANTOS, Cícero Joaquim. **No entremeio dos mundos:** Tessituras da Morte da Rufina na tradição oral. 2009. 227f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado:** cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da Imprensa no Brasil.** 4ª edição, Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

_____. **História Militar do Brasil.** 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização, 1968.

SOUZA, Simone; GONÇALVES, Adelaide. (orgs.). **Uma nova história do Ceará.** 4ª Edição – atualizada. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

TAVARES NEVES, Napoleão. **Cariri:** ninho da história regional, berço de heróis, de mártires e de santos. Crato: Edições IPESC-URCA, 1997.

_____. **Cariri:** cangaço, coiteiros e adjacências (crônicas cangaceiras). Brasília: Thesaurus, 2009.

TÉTART, Philipe. **Pequenas Histórias dos Historiadores.** SP: Edusc, 2000.

THOMSON, Alistair. Recompondo a memória: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias. In: **Projeto História,** São Paulo, n. 15, abril. 1997.

ONG, Walter. **Oralidade e Cultura escrita**. Campinas: Papyrus, 2008.

VERON, Elieso. **A produção de sentido**. São Paulo: Cutrix, 1984.

